

Revista de LETRAS

Vol. 36(1) - jan./jun. 2017

Revista dos
Departamentos de
Letras Vernáculas,
Letras Estrangeiras
e Literatura, do
Centro de
Humanidades
da UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ



Revista de LETRAS

ORGANIZADORA

Maria Elias Soares

COMITÊ EDITORIAL

Maria Elias Soares, Fernanda Coutinho

Luana Ferreira de Freitas

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA DE LETRAS

- ABUËNDIA PADILHA PINTO**
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
abuendia@elogica.com.br
- BENJAMIN ABDALA JR.**
Universidade de São Paulo (USP)
benjaminjr@terra.com.br
- EDUARDO KENEDY**
Universidade Federal Fluminense (UFF)
edu.kenedy@gmail.com
- EDWIGES MARIA MORATO**
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
edwigesmorato@hotmail.com
- ENEIDA LEAL CUNHA**
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
eneidalealcunha@uol.com.br
leal@ufba.br
- ERMELINDA FERREIRA ARAÚJO**
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
ermelindaferr@uol.com.br
- GERMANA ARAÚJO SALES**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
gmaa.sales@gmail.com
- LECI BORGES BARBISAN**
Pontifícia Univ. Católica do R.G. do Sul (PUC/RS)
barbisan@puers.br
- LETÍCIA MARIA SICURO CORRÊA**
Pontifícia Univ. Católica do R.G. do Sul (PUC/RS)
lscorre@puc-rio.br
- JOÃO AZENHA JÚNIOR**
Universidade de São Paulo (USP)
azenha@usp.br
- JOSÉ LUIZ FIORIN**
Universidade de São Paulo (USP)
jolufi@uol.com.br
- LEONOR SCLAR-CABRAL**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
lsc@th.com.br
- MARCIA ARBEX**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
marphi@larnet.com.br
- MARCUS MAIA**
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
maiamarcus@gmail.com
- MARIA ARMANDA MARTINS DA COSTA**
Universidade de Lisboa (UL)
armandacosta@letras.ulisboa.pt
- MARIA DAS GRAÇAS SOARES**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
gracasrodrigues@gmail.com
- MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO**
Universidade Federal do Ceará (UFC)
acaragao@terra.com.br
- MARIA ESTHER MACIEL**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
memaci@uol.com.br
- MARIA EDUARDA GIERING**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
eduardajg@gmail.com
- MARIA HELENA MIRA MATEUS**
Universidade de Lisboa (UL)
mhm@ip.pt
- MARIA HELENA DE MOURA NEVES**
Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara)
mhmneves@uol.com.br
- MARILIA FERREIRA**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
mariliaferreira1@gmail.com
- MARLI FANTINI SCARPELLI**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
marlifan@terra.com.br
- ÓSCAR LOUREDA**
Universidade de Heidelberg (UH)
oscar.loureda@iued.uni-heidelberg.de
- ROLAND WALTER**
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
walter_roland@rotmail.com
- SOLANGE COELHO VEREZA**
Universidade Federal Fluminense (UFF)
svereza@uol.com.br
- SUELI CRISTINA MARQUESI**
Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)
sueli.marquesi@cruzeirosul.edu.br
- TÂNIA SARMENTO-PANTOJA**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
nicama@ufpa.br
- TELISA FURLANETTO GRAEFF**
Universidade de Passo Fundo-RS
telisagraeff@yahoo.com.br - telisa@upf.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

REITOR

Prof. Henri de Holanda Campos

VICE-REITOR

Prof. Custódio Luis Silva de Almeida

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Prof. Manuel Antônio de Andrade Furtado Neto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Profa. Márcia Maria Tavares Machado

PRÓ-REITORA DE GESTÃO DE PESSOAS

Profa. Marilene Feitosa Soares

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Cláudio de Albuquerque Marques

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Antônio Gomes de Souza Filho

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Prof. Almir Bittencourt da Silva

CENTRO DE HUMANIDADES

DIRETORA

Vlândia Maria Cabral Borges

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

A/C da Profa. Maria Elias Soares

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Av. da Universidade, 2683 – Bloco 125 – Campus do Benfica

60020-181 – Fortaleza - Ceará

e-mail: mariaelias.ufc@gmail.com

APRESENTAÇÃO / Presentation

Maria Elias Soares (UFC), Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) 5

A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA DO SIGNO EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA ANÁLISE COGNITIVA-CULTURAL

The metaphoric and metonymic construction of the brazilian sign language: a cognitive-cultural analysis

Enrique Huelva Unternbäumen (UnB), Patricia Tuxi dos Santos (UnB), Alex Bezerra Leitão (UnB), Ione Midon Pereira - Universidade de Brasília (UnB), Virgílio Soares da Silva Neto (UnB), Ellen Correia Araujo (UnB) 7

COMME ON DIT DANS MON VILLAGE: LES MÉTAPHORES SONT-ELLES SI DIALECTALES QUE ÇA?

As the say in my village: are metaphors really so dialectal

Antonio Pamies (Université de Grenade - Espanha) 21

LA SIMBOLOGÍA DE LA GRULLA EN LA FRASEOLOGÍA DEL CHINO

A simbologia da ave flamingo na fraseologia chinesa

Chunyi Lei (Universidad de Granada - Espanha) 38

LOCUCIONES Y PROVERBIOS DE ORIGEM BÍBLICO: CREACIÓN Y DIFUSIÓN EM ALEMÁN Y ESPAÑOL

Locuções e provérbios de origem bíblica: criação e difusão em alemão e espanhol

Carmen Mellado Blanco (Universidad de Santiago de Compostela - Espanha) 52

MODULARITÉ DU FIGEMENT

A modularidade da fixação

Lichao Zhu (Université Paris - França) 70

O BENEFÍCIO DO DICIONÁRIO PARA A APRENDIZAGEM DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS (UFZ)

The benefit of the dictionary for learning phraseological units with zoonims

Rosana Budny (UFGD) 79

PROVERBIALITÉ ET TRADUCTION: LA DICHOTOMIE FORME-SENS

Proverbialidade e tradução: a dicotomia forma-sentido

Christine Michaux (Université de Mons - Bélgica) 89

POLÍTICA EDITORIAL

1. A *Revista de Letras* é uma publicação semestral, aberta a colaboradores do Brasil e do exterior, e publica trabalhos originais de pesquisadores (doutores), vinculados a Instituições de Ensino Superior, nas áreas de Letras e Linguística. Trabalhos de mestrandos ou doutorandos somente serão aceitos quando em coautoria com seu orientador. Esses trabalhos podem estar na forma de artigo, ensaio, debate, ou retrospectiva (estado da arte). Ao encaminhar o texto, o autor declara, automaticamente, que não o submeteu a outra publicação periódica ou coletânea e autoriza expressamente a sua publicação. Desse modo, a responsabilidade legal relativa às informações veiculadas nos textos recai sobre os articulistas.
2. Os originais deverão ser dirigidos à *Revista de Letras*, de acordo com as normas para publicação, diretamente a qualquer dos membros do Comitê Editorial, nos endereços indicados nas chamadas para publicação.
3. Os artigos serão submetidos a dois pareceristas, que poderão aprovar sua publicação imediata ou sugerir reformulações. Caso não sejam aprovados, os originais não serão devolvidos.
4. A revista pode ser reproduzida parcialmente ou no todo, desde que citada a fonte.

Revista de Letras, v. 1 -; 1978 -

Fortaleza. Edições da Universidade Federal do Ceará.

V. semestral

Órgão oficial dos Departamentos de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e de Literatura, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

1 - Letras - Periódico

2 - Linguística - Periódico

I - Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades.

Departamento de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e de Literatura.

e-ISSN 2358-4793

CDU: 351.854(05)

Esta edição da *Revista de Letras*, da Universidade Federal do Ceará é dedicada a estudos em torno da linguagem figurada em diferentes facetas. Ao privilegiar a linguagem figurada, necessariamente, temos que abordar a não composicionalidade semântica, que, por sua vez, diz respeito aos casos em que o sentido de uma expressão linguística não é resultado da soma do sentido de cada um dos elementos que a constituem.

O artigo que abre esse número da *Revista de Letras*, intitulado *A construção metafórica e metonímica do signo em língua de sinais brasileira: uma análise cognitivo-cultural*, aborda o tema da metáfora e da metonímia no âmbito da Língua Brasileira de Sinais. Analisa metáforas e metonímias, conforme os postulados da Teoria da Metáfora Cognitiva Conceitual, na construção de gestos conceituais relacionados aos sentimentos e às ações mentais pelos surdos. A base empírica do estudo está formada pelos sinais dos surdos brasileiros concernentes à afetividade e à cognição. O trabalho aponta que, na Língua Brasileira de Sinais, há relações metafóricas e metonímicas baseadas em *mappings* e que partes do corpo recebem e expelem sentimentos, além de agirem e movimentarem objetos, em uma relação metonímica visível da parte pelo todo.

O segundo artigo, intitulado *Comme on dit dans mon village: les métaphores sont-elles si dialectales que ça?*, volta-se para o estudo da variação dialetal de fraseologismos. Como o autor afirma, essa variação não tem sido muito investigada no campo da Fraseologia, se comparada à rica tradição de estudos fonéticos e lexicológicos que tornaram disponíveis mapas e atlas dialectais muito precisos para todas as línguas da Europa. Por outro lado, os falantes frequentemente acompanham o uso de idiomatismos e provérbios com marcadores pragmáticos do tipo *como dizemos na minha aldeia* (etc.), mesmo que as expressões sejam da língua padrão. Isso parece indicar uma relação, dentro da consciência linguística, entre a fraseologia e as variedades diatópicas (ou diafásicas) não padrão, seja como uma estratégia retórica ou por uma intuitiva hipercorreção. A Fraseologia e a Paremiologia francesas permitem observar certas pistas a este respeito.

O trabalho seguinte, *La simbología de la grulla en la fraseología del chino*, investiga o simbolismo do flamingo na cultura chinesa. O texto nos revela que, na cultura chinesa, o flamingo tem uma simbologia particular que se reflete na linguagem figurada, sobretudo na Fraseologia. Seguindo as principais diretrizes da Teoria Cognitiva da Linguagem Figurada, lançando mão do conceito de culturema e adotando uma perspectiva cultural e histórica, o estudo analisa uma série de termos metafóricos e unidades fraseológicas chinesas que se associam ao flamingo, a fim de oferecer provas linguísticas de sua simbologia na cultura chinesa.

Em *Locuciones y proverbios de origen bíblico: creación y difusión en alemán y español*, encontraremos um estudo acerca dos fraseologismos coincidentes em forma e significado em diversas línguas. O estudo nos indica a existência de variada terminologia para descrever o fenômeno, além de destacar o estado incipiente das pesquisas acerca das origens e fontes reais desses fraseologismos. Destaca-se ainda o caráter multidisciplinar – e as dificuldades inerentes a esse tipo de pesquisa – do estudo desse objeto, que envolveria antropólogos, historiadores, etimólogos e linguistas. Outro aspecto relevante diz respeito a reunir informantes de variadas línguas a fim de atestar a existência desses fraseologismos coincidentes.

O texto subsequente, intitulado *Modularité du figement*, propõe um olhar formal sobre as sequências fixas (SF). O texto sugere que o material gráfico constitui o fundamento da SF que as distingue de outras composições lexicais livres. As especificidades de construção de SF são, conforme o texto, reveladoras dos sentidos que elas concentram. Ao analisar as diferentes formas de composições fixas, o estudo aponta que o grau de fixação de uma SF está relacionado a sua forma que, por sua vez, é ajustável.

O sexto artigo deste número, *O benefício do dicionário para a aprendizagem das unidades fraseológicas com zoônimos (UFZ)*, objetiva argumentar em favor da importância da pesquisa nos dicionários bilíngues (neste caso, do português como língua fonte para o inglês como língua alvo) e da necessidade da inserção das fraseologias com suas traduções nesses dicionários. Teoricamente, se baseia na chamada Metalexiconografia em interface com a Fraseologia e com o Ensino de Língua Estrangeira (LE). O artigo esclarece que a apreensão do léxico e de suas combinações se constitui uma dificuldade quando se trata do ensino e aprendizagem de língua estrangeira e afirma a necessidade de ensinar e dicionarizar os fraseologismos da língua portuguesa.

O artigo que encerra este volume, *Proverbialité et traduction: la dichotomie forme-sens*, propõe uma análise dos provérbios como enunciados formalmente fixos e independentes, porém semanticamente dependentes do texto em que estão inseridos. Evidências para tal análise emergiram da experiência da autora como tradutora.

Maria Elias Soares
Rosemeire Selma Monteiro-Plantin
(Organizadoras)

A CONSTRUÇÃO METAFÓRICA E METONÍMICA DO SIGNO EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA ANÁLISE COGNITIVO-CULTURAL

THE METAFORIC AND METONIMMIC CONSTRUCTION OF THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: A COGNITIVE-CULTURAL ANALYSIS

Henrique Huelva Unternbäumen¹, Patricia Tuxi dos Santos²,
Alex Bezerra Leitão³, Ione Midon Pereira⁴,
Virgílio Soares da Silva Neto⁵, Ellen Correia Araujo⁶

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar metáforas e metonímias na construção de gestos conceituais relacionados aos sentimentos e às ações mentais pelos surdos. A investigação é desenvolvida no âmbito da Teoria da Metáfora Cognitiva Conceitual, formulada originalmente por Lakoff e Johnson (1980) e ampliada, posteriormente, por Kövecses (2005), em relação à variabilidade intercultural da metáfora. A relação metonímica é abordada também pelos teóricos já mencionados e, neste artigo, recebe especial atenção o trabalho feito por Wilcox (2000), Wilcox, Wilcox e Jarque (2004) e Littlemore (2015) sobre conexões conceituais na língua de sinais. A base empírica do estudo está formada pelos sinais dos surdos brasileiros concernentes à afetividade (angústia e ódio) e à cognição e/ou processos mentais (aprender e raciocinar). A análise desses signos aponta que, na Língua Brasileira de Sinais, há relações metafóricas e metonímicas baseadas em *mappings* e que partes do corpo recebem e expõem sentimentos, além de agirem e movimentarem objetos, em uma relação metonímica visível da parte pelo todo.

Palavras-chave: Metáfora conceitual. Conceituação metonímica. Língua de sinais.

¹ Doutor em Linguística e mestre em Filologia Hispânica e História pela Universidade de Bielefeld (Alemanha). Professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.

² Doutora em Linguística e mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais.

³ Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília e professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

⁴ Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Seção Psicopedagógica da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, Rio de Janeiro.

⁵ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília. Tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais da Universidade de Brasília.

ABSTRACT

This article has the objective to analyze metaphors and metonymys in the construction of conceptual gestures related to feelings and mental actions by deafs. The research is developed in the framework of Cognitive Conceptual Metaphor theory, originally formulated by Lakoff and Johnson (1980) and expanded later by Kövecses (2005), in relation to cross-cultural variability of metaphor. The relationship of metonymy is addressed also by the aforementioned theoretical and, in this article, receives special attention the work done by Wilcox (2000) Wilcox, Wilcox and Jarque (2004) and Littlemore (2015) about conceptual connections in sign language. The empirical basis of the study is formed by signs of Brazilian deafs concerning to affectivity (anguish and hatred) and cognition and/or mental processes (learn and reason). The analysis of these signs points out that, in the Brazilian Sign Language, there are metaphors and metonymys based on mappings, witch shows that parts of our bodies receive and expel feelings, besides acting and moving objects in a visible metonymycal relation part for whole.

Keywords: *Conceptual metaphor. Conceptualization of metonymy. Sign language.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultado de pesquisa sobre a construção da metáfora e da metonímia de quatro signos da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras. A pesquisa se inicia com a escolha dos seguintes signos: dois relacionados aos sentimentos (angústia e ódio) e dois relacionados à cognição/processos mentais (aprender e raciocinar).

No primeiro capítulo, são apresentados conceitos relacionados à metáfora de acordo com pressupostos da linha teórica da Semântica Cognitiva, introduzida por Lakoff e Johnson (1999, 1980) e ampliada por Kövecses (2005, 2010). Nessa primeira parte, introduzimos termos relacionados à metáfora conceitual, aos elementos constituintes da metáfora, à relação entre metáforas primárias e complexas e à ideia das metáforas conceituais e de sua variabilidade cultural. Além disso, são apresentados conceitos relacionados à metonímia com base, principalmente, na teoria cognitiva apresentada por Littlemore (2015), observada sua relação com o modelo cognitivo idealizado e estabelecidos seus princípios determinantes.

No segundo capítulo, apresentamos estudos relacionados à constituição dos sinais a partir da perspectiva da forma e do conteúdo. Para tanto, fazemos breve percurso sobre estudos de Saussure (2006 [1913]) e avançamos em análise do ícone a partir do trabalho de Pierce (2010 [1914]), Faulstich (2007) e Costa (2015), com objetivo de apresentarmos análise da constituição metonímica e metafórica em Libras.

A metodologia é apresentada no terceiro capítulo. A abordagem deste artigo é qualitativa (CHIZZOTTI, 2006) e adotamos a modalidade estudo de caso de caráter interpretativista (CHADDERTON; TORRANCE, 2015). Foram escolhidos quatro signos e realizado estudo empírico da construção metonímica e metafórica desses sinais.

No quarto capítulo, é realizada análise dos dados mediante apresentação e reflexão de *mappings* metafóricos e metonímicos na representação icônica dos sinais analisados. A análise revela que a metáfora e a metonímia fazem parte da construção de conceitos na cultura brasileira e na

constituição de signos em Libras. No próximo capítulo, apresentamos, brevemente, conceitos fundamentais sobre a metáfora e a metonímia, que serão aplicados na análise dos sinais escolhidos.

1 METÁFORA E METONÍMIA

1.1 A METÁFORA CONCEITUAL

Manuais de Língua Portuguesa para brasileiros costumam apresentar a metáfora como recurso da retórica, utilizada para embelezar textos, cuja utilização é muito comum em narrativas literárias e poéticas. Além disso, a metáfora normalmente é concebida como uma palavra que é usada em sentido que não lhe é próprio. Cereja (2009, p. 273), por exemplo, define a metáfora como “figura de linguagem que consiste no emprego de uma palavra em um sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo esse novo sentido resultante de uma relação de semelhança, de interseção entre dois termos”.

No entanto, imaginemos que as frases a seguir sejam proferidas em ambiente laboral:

- (1) Você está desperdiçando meu tempo.
- (2) Tempo vale ouro, caros colegas.
- (3) Somos escravos do tempo.

Como falantes do português do Brasil, certamente já ouvimos e/ou reproduzimos as frases acima algumas vezes e reconhecemos que elas fazem parte do nosso *corpus* linguístico. Nos enunciados, percebemos que, em discurso corriqueiro, o trabalho é medido, quantificado e remunerado pelo tempo que ele toma, o que nos leva a estabelecer uma relação do tipo TEMPO É UMA ENTIDADE, representada pelo dinheiro.

Essa percepção de que a metáfora faz parte do nosso dia a dia se destaca a partir de estudos iniciados por Lakoff e Johnson (1980), nos quais a metáfora passa a ser vista como um mecanismo da cognição humana que constrói o mundo, tendo como ponto de partida nossas experiências cotidianas.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005, 2010), a metáfora possui dois domínios, que são mecanismos da cognição humana construídos a partir de nossas experiências cotidianas. Para falarmos sobre o tempo, por exemplo, quantificamos e valorizamos o trabalho em uma relação mercantil, que tem o capital, o lucro e o dinheiro como maior objetivo. Ambos os domínios (tempo e trabalho/dinheiro) fazem parte da nossa cultura ocidental moderna e indicam uma relação de uma experiência para conceituar a outra, estabelecendo a seguinte relação: Metáfora Conceitual: Domínio Conceitual A (tempo) = Domínio Conceitual B (dinheiro).

Segundo Kövecses (2010), na frase (4) Ele está *sem direção na vida*, por exemplo, os termos lexicais *sem*, *direção* e *na* carregam uma organização experiencial: *sem* indica o desprovemento de algo, *direção* nos leva a um deslocamento de um ponto a outro e *na*, a relação de estarmos dentro. A manifestação dessas expressões linguísticas metafóricas experienciadas e concretas é o que nos leva à conceituação do domínio A (vida), que é abstrato, estabelecendo a seguinte relação: VIDA É JORNADA.

Portanto, expressões linguísticas metafóricas revelam a existência de metáforas conceituais. Elas normalmente empregam um conceito mais abstrato como domínio alvo e um mais concreto ou físico como domínio fonte. Assim, nossas experiências com o mundo físico servem como fundamentação lógica para a compreensão de domínios mais abstratos.

1.2 ELEMENTOS CONSTITUINTES DA METÁFORA

Ao falarmos sobre a vida, é possível encontrarmos frases como as que seguem:

- (5) Ele nunca deixou que alguém entrasse em seu caminho.
- (6) Estou em uma encruzilhada em minha vida.

Essas frases nos permitem chegar a uma experiência conceitual do tipo A é B: VIDA É JORNADA, conforme explicamos anteriormente. Kövecses (2010) esclarece que o conceito A é compreendido em termos do conceito B e que há uma relação entre os domínios fonte e alvo no sentido de que elementos constitutivos conceituais de B correspondem a elementos constitutivos de A. Esses domínios da metáfora conceitual (A e B) recebem nomes especiais:

Domínio fonte: é o domínio conceitual do qual extraímos expressões metafóricas para compreendermos outro domínio também conceitual. Ex.: DINHEIRO, JORNADA, GUERRA, CONSTRUÇÕES, COMIDA, PLANTAS.

Domínio alvo/meta: é o domínio conceitual que é compreendido pela conceituação do domínio fonte. Ex.: TEMPO, VIDA, ARGUMENTOS, AMOR, TEORIA, IDEIAS, ORGANIZAÇÕES SOCIAIS.

Para Lakoff e Johnson (1980), o domínio fonte é o de natureza mais concreta, enquanto o alvo/meta é o domínio mais abstrato. Para a compreensão de um domínio sobre o outro, conexões (*mappings*) são estabelecidas entre eles. Ao falarmos sobre o amor (AMOR É UMA VIAGEM), por exemplo, observamos que compreendemos um domínio (B) sobre o outro (A) pelo fato do nosso conhecimento experienciado (B) nos servir de base para estabelecermos essas conexões (A é B).

1.3 METÁFORAS PRIMÁRIAS E COMPLEXAS

Segundo Lakoff e Johnson (1999), metáforas primárias e complexas fazem parte de nosso cotidiano. Um exemplo de metáfora primária é o ato de encher um copo de água. Ao fazermos isso, observamos que o nível da água sobe, estabelecendo-se uma correlação inseparável entre as variáveis quantidade e verticalidade. A percepção desse fenômeno, que é uma ação física e concreta, passa por um processo inconsciente de associação entre essas variáveis. Assim, a ação de encher um copo de água é percebida em um nível sensorio-motor e interpretada em uma relação intrínseca do tipo MAIS É PARA CIMA (MORE IS UP).

De acordo com os autores Lakoff e Johnson (1999), os seres humanos as adquirem automaticamente e inconscientemente por um processo normal e ordinário de aprendizagem proveniente das experiências sensorio-motoras e afetivo-cognitivas. Para eles, nós não temos escolha nesse processo, já que nossas experiências são corporificadas a partir da nossa exposição e percepção do mundo que nos cerca. O caráter incorporado das metáforas assume, portanto, uma dimensão universal, uma vez que as metáforas primárias são adquiridas de forma espontânea, sem que precisemos de um esforço formal para sua aquisição.

Dessa forma, mediante nossa exposição e percepção do meio em que vivemos, centenas de metáforas primárias são formadas pelo simples fato da nossa experiência diária. Conforme os autores Lakoff e Johnson (1999), elas são responsáveis pela formação de metáforas complexas, formadas pelo conjunto de metáforas primárias a partir de redes de conexões conceituais que formam a base da conceituação de domínios mais abstratos.

A facilidade que temos para compreender e entender conceitos parte, portanto, do concreto para o abstrato, do domínio fonte para o domínio alvo e é graças às nossas experiências sensoriais e elementares que conseguimos estabelecer esse conjunto de correspondências sistemáticas mais complexas.

Pelas conexões estabelecidas de verticalidade e quantidade pela metáfora primária (MAIS É PARA CIMA), mediante nossa percepção do enchimento do copo d'água, por exemplo, chegamos a compreender correspondências de uma metáfora complexa ao dizermos uma frase do tipo:

(7) Os preços sobem.

Dessa forma, o domínio sensório-motor de orientação vertical marcado pelo verbo subir (domínio fonte) quantifica a subida dos preços, de conceituação abstrata (domínio alvo). Ou seja, nossas experiências conexão entre domínios primários nos leva a conceituar um domínio mais abstrato e complexo.

1.4 METÁFORAS UNIVERSAIS E VARIABILIDADE CULTURAL

Conforme podemos observar, o sentimento de alegria está presente em frases como:

(8) Ele é muito alto-astral.

(9) O rosto dela brilha.

(10) Eu não consegui conter meu entusiasmo.

De acordo com Kövecses (2005), a língua inglesa codifica diversos conceitos para alegria; no entanto, três metáforas conceituais sobre esse sentimento se destacam quando comparamos línguas como o inglês, o chinês e o húngaro, que pertencem a famílias linguísticas diferentes: ALEGRIA É PARA CIMA (HAPPY IS UP), como na frase “Ele é muito alto-astral”; ALEGRIA É LUZ (HAPPINESS IS LIGHT), como em “O rosto dela brilha”; ALEGRIA É UM FLUIDO EM UM CONTÊINER (HAPPINESS IS A FLUID IN A CONTEINER), como na frase “Eu não consegui conter meu entusiasmo”.

Mediante esse tipo de estudo, Kövecses (2005) explica que, aparentemente, muitas metáforas conceituais podem ser encontradas em diversas línguas. Para propor essa verificação da universalidade das metáforas, Kövecses (2005) estuda algumas línguas de diferentes troncos linguísticos e que representam culturas bastante diversas.

O autor Kövecses (2005) sugere que, como as metáforas têm sua base em uma experiência corporal que é universal, provavelmente sua conceituação aconteça em muitas línguas e culturas do mundo. Esse é o caso das emoções que, por mais que nossas experiências do sentir a afetividade sejam diversas entre culturas, há uma convergência para a universalidade.

Além de observar o caráter universal ou quase universal das metáforas, Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2005) analisam metáforas culturais específicas e observam uma variabilidade cultural em sua conceituação. Portanto, as metáforas passam a ser analisadas a partir de determinados contextos culturais e a variabilidade cultural assume papel de relevância.

Kövecses (2005) afirma que as metáforas conceituais variam por dois motivos: a) culturas podem codificar de outra maneira os domínios alvo e fonte de uma mesma metáfora universal. Por exemplo, a palavra solução em “a solução dos meus problemas” é compreendida em inglês como um quebra-cabeça. Já os iranianos interpretam a solução por outra imagem metafórica, que seria a

de um líquido capaz de conceituar problemas; b) um conjunto de metáforas conceituais é usado para codificarem um domínio alvo; porém, uma língua/cultura apresenta uma preferência por algumas das metáforas empregadas. Americanos e húngaros, ao conceituarem o que significa a vida, por exemplo, codificam as metáforas da mesma forma, mas suas preferências conceituais divergem.

1.5 METONÍMIA CONCEITUAL

Recentes estudos sobre Metonímia têm apresentado duas abordagens principais: a cognitiva, que se preocupa com questões de propriedades conceituais da metonímia, e a linguística, que opera na constituição da linguagem (LITTLEMORE, 2015, p. 9).

Segundo Gibbs Junior (1994), a metonímia é um processo cognitivo e linguístico que nos permite usar um aspecto bem conhecido de alguma coisa substituindo a própria coisa, ou um aspecto dela, ou ainda algum aspecto muito próximo a ela. Na visão de Littlemore (2015, p. 4), metonímia “é um processo cognitivo em que um elemento conceitual ou entidade (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece um acesso mental para outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo”.

Dessa forma, conforme a autora Littlemore (2015), é impossível encapsular todos os aspectos de nossas intenções de significado na linguagem que usamos, uma vez que pensamos “metonimicamente” porque é fisicamente impossível ativarmos conscientemente todo o conhecimento que temos de determinado conceito de uma única vez. Portanto, a metonímia pode ser vista como um processo cognitivo, o qual usamos a todo tempo enquanto fazemos uso da língua ou em qualquer forma de comunicação simbólica. Quando dizemos, por exemplo, *trens estão em greve*, queremos dizer que empregados da companhia de trens estão em greve.

Entretanto, para Littlemore (2015, p. 8), a metonímia tem um grande potencial para falhas de interpretação ou entendimento se o conhecimento compartilhado e expectativas não estiverem combinados, podendo, inclusive, causar mal-entendidos, pois a metonímia e as inferências metonímicas podem ser difíceis de serem detectadas, especialmente entre pessoas de diferentes culturas e/ou com distinta bagagem linguística.

1.6 MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (ICM) DA METONÍMIA

Os *Idealized cognitive model* (ICM) são modelos flexíveis, com uma leve natureza idiossincrática de redes de conhecimento que temos em nossas cabeças/mentes (KÖVECSSES, 2005) e apresentam as seguintes funções: enfatizar a natureza enciclopédica, flexível e ligeiramente idiossincrática do conhecimento; abranger o conhecimento cultural, não restringindo ao “mundo real”; englobar visões subjetivas dos sujeitos sobre um determinado conceito; ser esquematizado ou flexível, estático e/ou dinâmico; e possuir caráter não necessariamente real.

Desse modo, no ICM PARTE PELO TODO (PART FOR WHOLE), quando falamos sobre pessoas, por exemplo, a metonímia tende a ter um forte efeito de despersonalização, reduzindo a pessoa a um atributo. Esse uso pode levar ao sexismo e a outras formas de preconceito, além de ofensas, categorizadas por pessoas que compartilham um mesmo atributo (normalmente negativo), como ocorre em: o gordinho, o surdo, a magrela, entre outros.

1.7 PRINCÍPIOS DETERMINANTES DA METONÍMIA

Os princípios determinantes estão relacionados às preferências e à ideia de que conceitos estereotipados são muito mais selecionados como veículos metonímicos que os não estereotipados.

Assim, conceitos estereotipados são provavelmente mais acessíveis ou cognitivamente mais disponíveis do que os menos estereotipados e são mais prováveis de serem usados como acesso a outras ideias (LITTLEMORE, 2015, p. 37).

O entendimento do mundo que nos rodeia é, portanto, encorpado (*embodiment*) – isso significa que entendemos as coisas em termos do que significam para nós e como melhor podemos usar ou interagir com elas de algum modo. Outra maneira de definir o termo corporificado é que nós, como seres humanos, temos uma visão de certa maneira mais egocêntrica do mundo (LITTLEMORE, 2015, p. 40).

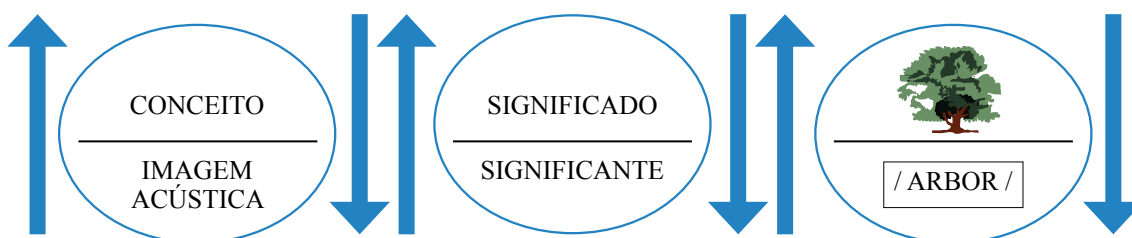
2 LÍNGUA DE SINAIS E ICONICIDADE

A noção linguística das línguas de sinais foi um campo conceitual complexo de ser aceito no meio científico e teórico. Por longo tempo, a Libras era comparada a um processo constituído de mímicas e gestos. Esse fato tem como agravante o número de sinais que apresentam um alto grau de iconicidade, representado a língua como uma mera cópia com as mãos de vários objetos do mundo real.

No entanto, esse discurso que desqualificava a Libras como língua deixa de ser considerado com os estudos de Stokoe (1960). Pesquisas feitas pelo linguista americano com a Língua Americana de Sinais, doravante ASL, demonstram que línguas de sinais possuem estrutura fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática, assim como ocorre com outras estruturas de línguas orais. Apesar da valorização no meio linguístico dos estudos de Stokoe, ainda há um relevante número de questionamentos acerca da constituição conceitual do sinal/signo em Libras.

De acordo com Faulstich (2007), para ocorrer análise de constituição de língua é necessário escolher em que abordagem será inserida a análise conceitual de estrutura e uso. Sendo assim, a autora analisa a língua de sinais a partir da abordagem estruturalista. Nessa abordagem, o signo linguístico, que tem como base o Princípio da Arbitrariedade de Saussure (2006 [1913]), é constituído de duas faces: significado e significante. Conforme o autor, o signo possui dois lados, como uma moeda, relacionadas entre si. De um lado há o som, a imagem acústica que se relaciona com o conceito que o falante tem da coisa e, do outro, o conceito, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Signo linguístico



Fonte: Saussure (2006 [1913]).

Na figura 1, há uma árvore que pode ser representada pela sequência de sons: /a-r-v-o-r-e/, que é o significante, enquanto que o conceito que se tem ao ouvir esse som é o significado. Sendo assim, é possível compreender que, para Saussure (2006 [1913]), o signo linguístico é uma representação do conceito gerado nas representações mentais. Segundo o autor, fica evidente que a imagem acústica vai além da transcrição fonológica, a qual deve ser entendida como a repre-

sentação mental que tais combinações de som podem gerar como significante que levam a um significado conceitual. Para Faulstich (2007, p. 145), há um propósito de ordem, onde o “significante e significados são os “organizadores”, os “discriminantes” da substância comunicada e da substância comunicante.

Apesar de a proposta do signo linguístico de Saussure (2006 [1913]) ser utilizada em várias linhas de pesquisa, principalmente as que têm como base o estruturalismo, no trabalho com Libras, dois elementos se tornam desconexos: o princípio da arbitrariedade e a imagem acústica.

O princípio da arbitrariedade tem como argumento central de que o signo linguístico é imotivado, conforme explica Costa (2015, p. 47), “já que não há nenhuma relação de similaridade entre o conceito ou a ideia de uma ‘coisa’ no mundo e a sequência sonora, ou seja, a nomeação que a representa”.

A imagem acústica é entendida como uma sequência de sons que tem uma representação mental que gera um determinado significado. Mesmo não partindo do princípio fonológico, que é a base do signo de Saussure (2006 [1913]), mas pensando na expressão conceitual, esta ocorre em língua de sinais por uma imagem social. É a partir dessa imagem que o segundo elemento se torna mais dissociativo do signo linguístico na língua de sinais, pois a imagem parte de uma forma, um conteúdo com representação no mundo social que, muitas vezes, leva a uma formação de um sinal icônico, estabelecendo, desse modo, uma relação do significado com o significante.

Para se trabalhar com o signo linguístico na perspectiva da forma e do conteúdo, que são elementos fundamentais da língua de sinais, é necessário deixar os estudos de Saussure (2006 [1913]) e passar para Pierce (2010 [1914]), para quem o signo pode ser denominado ícone, índice ou símbolo. Em virtude da proposta deste artigo de analisar sinais em Libras, a partir de pressupostos da teoria da Metáfora e da Metonímia, apresentamos análise mais profunda sobre o ícone. Sendo assim, abordaremos brevemente o conceito de símbolo e índice.

O símbolo é um signo com características relacionadas a leis, a convenções, a um hábito maior. Há símbolos sociais que marcaram historicamente, como a cruz, que representa as cruzadas. Já o índice se refere ao objeto e tem nele aspectos que podem inferir uma mudança conceitual sobre a própria referência. Exemplos apresentados por Costa (2015) são a fumaça, que pode indicar fogo, ou o carro amassado, que pode ser indicativo de um acidente.

O ícone é um signo que se refere ao seu objeto, o qual pode ser uma parte com características próprias do que ele possui. O ícone tem como referência a imagem, o que leva a uma representação da característica do objeto. Para Faulstich (2007), essa propriedade significante/significado, mediada pela motivação icônica, representa o signo linguístico na língua de sinais e demonstra a constituição deste na não-arbitrariedade.

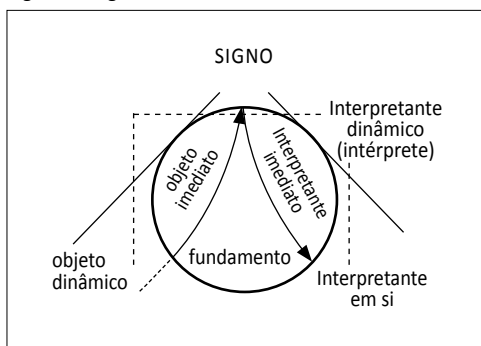
Cabe discutir se a arbitrariedade do signo tem a mesma interpretação tanto para a modalidade oral-auditiva quanto para a visuo-espacial. Passaremos, a partir de então, a dar ênfase à relação entre significante e significado dos signos, por meio da propriedade que, no contexto visuo-espacial, fica obscurecida, que é a motivação icônica, entendida como iconicidade, ou seja, como não-arbitrariedade (FAULSTICH, 2007, p. 147).

A partir das leituras feitas, é possível afirmar que, para Pierce (2010 [1914]), o signo tem a não-arbitrariedade como base. Segundo o autor, a construção do signo é baseada na forma, conforme podemos observar na Figura 2.

Na Figura 2, é preciso entender o caráter importante da iconicidade mental como elemento interpretante e dinâmico, ao se imaginar a constituição do signo em línguas de sinais.

O *REPRESENTAMEM* é o espaço no qual o signo representa algo para alguém. Já a figura mental gerada pela interiorização de um ícone representante nas línguas orais ou no mundo social representa um pensamento na nova língua, na nova cultura e no ser de uma língua de modalidade diferente da oral-auditiva, ou seja, visual-espacial, na qual a representação inicial entra como um ícone (que pode vir por uma configuração de mãos sem sentido ou empréstimo linguístico) e que, ao ser internalizado, passa por um novo signo na língua de sinais.

Figura 2 - Signo de Pierce



Fonte: Faulstich (2007, p. 147).

A motivação icônica já foi objeto de estudo de Wilcox (2000) nas metáforas em ASL. Para ele, os parâmetros das línguas de sinais estão ligados à formação semântica de uma determinada metáfora. De acordo com Costa (2015), há várias pesquisas que apontam a importância da iconicidade na representação de metáforas como constituição de língua. Em sua pesquisa, a autora aponta a presença do duplo mapeamento – *double mapping* – para as metáforas produzidas em línguas de sinais.

No icônico, o domínio fonte (DF) é representado através da iconicidade, mapeado com traços mais concretos e físicos. Em outros termos, um sinal possui

um mapeamento cujo DF seleciona características mais físicas para representar determinada entidade (COSTA, 2015, p. 57).

Neste artigo, analisamos sinais a partir da perspectiva corporificada da metáfora e da metonímia em diferentes contextos semânticos, nos quais há presença forte da iconicidade como forma de representação. No capítulo a seguir, explicamos a metodologia adotada para análise dos sinais.

3 METODOLOGIA

O referencial metodológico deste artigo está pautado na pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso de caráter interpretativista. Apresentamos, a seguir, princípios da abordagem qualitativa e da modalidade proposta.

A pesquisa qualitativa, segundo Chizzotti (2006, p. 28), “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que são perceptíveis a uma atenção sensível”. Dessa forma, a pesquisa qualitativa admite que a realidade é fluente e contraditória e que “os processos de investigação dependem do pesquisador” (CHIZZOTTI, 2006, p. 26), que interpreta fatos a partir dos significados apresentados pelos fatos.

A modalidade estudo de caso de caráter interpretativista procura lidar com a “complexidade da atividade social e educacional e privilegia a investigação profunda, em lugar da abrangente” (CHADDERTON; TORRANCE, 2015, p. 91). Esse tratamento profundo dado pelo estudo de caso interpretativista nos permite fazer análise mais extensiva dos sinais.

Desse modo, com base nos conceitos de metáfora e de metonímia apresentados, foram escolhidos quatro sinais de Libras para detalhar o processo de existência da metáfora e da metonímia nessa língua. Os quatro sinais propostos foram escolhidos aleatoriamente, sendo: dois sinais que expressam sentimentos – angústia e ódio – e dois sinais que expressam processos mentais – aprender e raciocinar. A partir dessa escolha, apresentamos e analisamos *mappings* metafóricos e metonímicos na representação icônica desses sinais.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE SINAIS

A presença da metáfora e da metonímia em língua de sinais vem sendo demonstrada por diversos pesquisadores. Contudo, a proposta deste artigo é analisar as relações existentes entre o domínio fonte e o alvo da metáfora e como se dá a materialização da metonímia na iconicidade de Libras em quatro sinais.

Com base nos conceitos já apresentados, segundo os quais a metáfora é a relação existente entre dois domínios, fonte e alvo, e a metonímia ocorre dentro de um mesmo domínio (LITTLEMORE, 2015), propomos a esquematização dos seguintes sinais em Libras para apresentar a presença de metáforas e de metonímias. Os sinais escolhidos foram: angústia, ódio, aprender e racionar.

4.1 ANGÚSTIA

O sinal do sentimento angústia é representado conforme a Figura 3.

Figura 3 – Sinal de angústia



Fonte: Arquivo dos autores.

O sentimento angústia é a compressão de um objeto. No caso do ser humano, essa compressão se dá por algum fator externo e ocorre no tronco – em um contêiner. Portanto, a ação corpórea acontece em órgãos internos, no peito, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- a) Angústia é contração do tórax.
- b) Tórax é um contêiner.
- c) Angústia é um fluido.

A partir das metáforas conceituais apresentadas, podemos perceber que a contração corpórea é sinalizada iconicamente no tórax. Além disso, a parte externa do tórax em relação à totalidade do tórax representa a metonímia desse signo. Assim sendo, é na contração corpórea que o sinal em Libras se fixa metonimicamente. Ou seja, a partir da entrada corpórea da contração em Libras, que é icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1- Domínios alvo e fonte do sentimento angústia

Domínio alvo	Domínio fonte
ANGÚSTIA É	APERTO DE UM OBJETO
Fator externo	Agente
Indivíduo	Paciente (objeto)
Tronco	Contêiner
Órgão interno	Conteúdo
Contração	Ação Corpórea

Fonte: Elaborada pelos autores.

4.2 ÓDIO

O sinal do sentimento ódio é representado pela explosão de um objeto. No caso do ser humano, essa explosão se dá por algum fator externo e ocorre no tronco – em um contêiner –, conforme podemos observar na Figura 4.

Essa explosão que ocorre em um contêiner, que é o coração, estabelece a seguinte relação metafórica:

- a) Ódio é explosão no tronco.
- b) Tronco é um contêiner.
- c) Ódio é um gás.

Figura 4 – Sinal de ódio



Fonte: Arquivos dos autores.

A partir das metáforas conceituais apresentadas, podemos perceber que a explosão corpórea é sinalizada iconicamente no tronco.

Além disso, a parte externa do tronco em relação à totalidade do tronco representa a metonímia desse signo. Assim sendo, é na ação corpórea de arrancar um sentimento gasoso que o sinal em Libras se fixa metonimicamente. Ou seja, a partir da ação corpórea de arrancar o sentimento, que é icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Domínios alvo e fonte do sentimento ódio

Domínio alvo	Domínio fonte
ÓDIO É	EXPLOSÃO DE GÁS
Fator externo	Agente
Indivíduo	Paciente (objeto)
Tronco	Contêiner
Coração	Conteúdo
Arrancar	Ação Corpórea

Fonte: Elaborada pelos autores.

4.3 APRENDER

O sinal do processo mental aprender é representado conforme a Figura 5.

Figura 5 – Sinal de aprender



Fonte: Arquivo dos autores.

Aprender é pegar um objeto e colocá-lo na cabeça. No caso do ser humano, o apanhar desse objeto representando o conhecimento, o qual é guardado na mente/cognição – em um contêiner –, acontece mediante ação corpórea física que representa a ação mental/cognitiva/perceptiva na região da cabeça. Desse modo, a ação corpórea acontece em um órgão interno específico, na cabeça, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- a) Aprender é pegar um objeto.
- b) Cabeça é um contêiner.
- c) Aprender é colocar objeto na cabeça.

Com as metáforas conceituais apresentadas, percebemos que a cabeça é reprodução metonímica do cérebro, onde ocorrem os processos mentais; portanto, é uma metonímia do tipo contidamente pelo conteúdo. Dessa forma, é na cabeça que o sinal se fixa iconicamente e metonimicamente. A partir da entrada corpórea de se apanhar o conhecimento e guardá-lo na mente, de forma icônica e metonímica, é possível percebermos o acesso a outras relações metafóricas entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Domínios alvo e fonte do processo mental aprender

Domínio alvo	Domínio fonte
APRENDER É	PEGAR OBJETOS
Conhecimento	Objeto
Mente/cognição	Contêiner
Ação mental/cognitiva/ Perceptiva	Ação Corpórea Física

Fonte: Elaborada pelos autores.

4.4 RACIOCINAR

O sinal do processo mental raciocinar é representado conforme a Figura 6.

Figura 6 – Sinal de raciocinar



Fonte: Arquivo dos autores.

Raciocinar é movimentar objetos na cabeça. No caso do ser humano, o movimento de um objeto é a representação de ideias em processamento dentro do cérebro – o contêiner. Portanto, a ação corpórea acontece em um órgão interno específico, na cabeça, e a seguinte relação metafórica é estabelecida:

- a) Raciocinar é movimento.
- b) Cabeça é um contêiner.
- c) Raciocinar é manipular objetos na cabeça.

Assim sendo, a ação corpórea física acontece na região na cabeça, novamente substituindo metonimicamente o cérebro pela cabeça; ou seja, a parte pelo todo. A partir da entrada corpórea, que é icônica e metonímica, é possível percebermos que há acesso às demais relações metafóricas existentes entre os domínios alvo e fonte, conforme podemos observar no Quadro 4.

Quadro 4 - Domínios alvo e fonte do processo mental raciocinar

Domínio alvo	Domínio fonte
RACIOCINAR É	MOVIMENTAR OBJETOS
Ideias	Objeto
Cérebro	Contêiner
Ação mental/cognitiva	Ação Corpórea Física

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os sinais analisados neste artigo revelam que há relações metafóricas e metonímicas baseadas em *mappings*, a partir de pressupostos estabelecidos para formação conceitual do signo, conforme preceituam Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2010) e Littlemore (2015). Os *mappings* desses sinais apresentam um domínio fonte mais concreto, que é utilizado para explicar o domínio alvo, mais abstrato. Partes do corpo (contêineres), em Libras, recebem e expõem sentimentos, além de agirem e movimentarem objetos, em uma relação icônica visível da parte pelo todo, constituindo a metonímia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliarmos os sinais ódio, angústia, aprender e raciocinar em Libras, percebemos que a relação conceitual dos sinais apresenta uma iconicidade na elaboração das metáforas e das metonímias, que pode ser identificada pelos *mappings*.

Essa iconicidade demonstra uma representação do surdo na construção e visão do social, que por sua vez se reflete na codificação da língua. Os sinais analisados, que têm como domínio alvo o indivíduo, trazem como domínio fonte o movimento corpóreo na elaboração mental do conteúdo assimilado pelo surdo e simbolizado, metonimicamente, pelo signo.

Assim sendo, o uso da imagem como fonte da elaboração do sinal demonstra que a Libras, língua de modalidade viso-espacial, constitui metonímias significativas que são a base da elaboração de metáforas. A iconicidade faz referência pontual, seletiva e concreta na porta de entrada da metonímia, o que permite a compreensão conceitual do sinal por meio de uma metáfora complexa.

Sendo assim, o estudo da pesquisa deste artigo aponta a existência de metáforas e de metonímias na língua de sinais, que são impregnadas do social e cultural da língua no contexto no qual o surdo está inserido. Ressaltamos, ainda, nosso interesse em pesquisar novos sinais a partir da metodologia constituída neste artigo, a fim de gerar *corpus* para análises futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática, texto, reflexão e uso*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.
- CHADDERTON, C.; TORRANCE, H. Estudo de casos. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). *Teoria e métodos de pesquisa social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- COSTA, J. M. *Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.
- FAULSTICH, E. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M. M. (Org.). *Bilingüismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone, 2007. v. 1, p. 143-157.
- GIBBS JUNIOR, R. W. *The poetics of mind: figurative look on the bright side (consistent idiom) thought, language, and understanding*. New York: Optimism is Light: Cambridge University Press, 1994.
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor in culture*. Cambridge, 2005. (CUP).
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor, a practical introduction*. Second Edition, Oxford, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LITTLEMORE, J. *Metonymy*. Cambridge: University de Cambridge, 2015.
- PIERCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1914].
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1913].
- STOKOE, W. *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*. 1960. (Studies in Linguistics, Occasional Papers).
- WILCOX, P. P. *Metaphor in american sign language*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.
- WILCOX, S.; WILCOX, P. P.; JARQUE, M. J. Mappings in conceptual space: metonymy, metaphor and iconicity in two signed languages. *Jezikoslovlje*, v. 4, n. 1, p. 139-156, 2004.

COMME ON DIT DANS MON VILLAGE: LES MÉTAPHORES SONT-ELLES SI DIALECTALES QUE ÇA?

AS THE SAY IN MY VILLAGE: ARE METAPHORS REALLY SO DIALECTAL?

Antonio Pamies*

RESUMÉ

La variation dialectale a été faiblement étudiée dans le domaine de la phraséologie, si compare avec la riche tradition des études phonétiques et lexicologiques, qui ont permis de disposer de cartes et d'atlas dialectaux précis pour toutes les langues d'Europe. D'autre part, les locuteurs accompagnent souvent l'utilisation des locutions et des proverbes avec des marqueurs pragmatiques du genre "comme on dit dans mon village" (etc.), même pour des expressions standard. Ce fait suggère l'existence d'une relation, au sein de la conscience linguistique, entre la phraséologie et les variétés diatopiques non standard (voire même diaphasiques), soit par *captatio benevolentiae*, soit par hypercorrection intuitive. La phraséologie et la parémiologie françaises permettent d'observer certains indices à cet égard.

Mots clés: Phraséologie dialectale. Parémiologie dialectale. Dialectologie française. Connecteurs. Pragmatèmes. Polyphonie.

ABSTRACT

Dialectal variation has been meagerly investigated in the field of phraseology, if compared to the rich tradition of phonetic and lexicological studies that made available accurate dialectal maps and atlases for all the languages of Europe. On the other hand, speakers often accompany the use of idioms and proverbs with pragmatic markers like as we say in my village (etc.), even for standard expressions. This fact suggests the existence of a relationship -within linguistic consciousness- between phraseology and non-standard diatopic (or diaphasic) varieties, either as a rhetorical

* Université de Grenade (Espagne). Courriel: antonio.pamies@gmail.com

strategy or an intuitive hypercorrection. French phraseology and paremiology allow to observe certain cues in this respect.

Keywords: *Dialectal phraseology. Dialectal paremiology. French dialectology. Shifters. Pragmatemes. Polyphony.*

1 DIALECTE ET PHRASEOLOGIE

La dialectologie est une branche de la linguistique qui a sa propre méthodologie, ses fondements théoriques, et un acquis considérable de données, cependant, son développement s'est surtout limité à la variation phonétique et lexicale, à partir d'une considérable accumulation de données recueillies pour les Atlas linguistiques, alors que d'autres domaines ont été laissés pour compte pendant trop longtemps. L'un d'eux est la prosodie, qui a dû attendre le XXI^e siècle pour qu'un Atlas prosodique soit entrepris, grâce à une heureuse initiative de MICHEL CONTINI (AMPER)¹. L'autre est la phraséologie, pour laquelle il a aussi fallu attendre des travaux assez récents².

Par contre, les sujets parlants semblent s'intéresser cette variation si l'on en juge par les séquences avec lesquelles ils accompagnent souvent les phrasèmes dans le discours: *comme on dit chez nous / comme on dit dans mon village*³. Ces structures appartiennent au paradigme des connecteurs phraséologiques, appelés aussi *marqueurs médiatifs*⁴, à tel point qu'on les a utilisées pour la détection automatisée de proverbes en corpus électronique⁵. ANSCOMBRE (1994, 2006) considère même que la possibilité d'ajouter à une séquence un de ces connecteur est déjà un test de proverbialité, bien que, statistiquement, ce ne sont pas seulement les proverbes qui en sont accompagnés (OLZA, 2013)⁶. Parmi les marqueurs explicites en français, plusieurs ont l'apparence de commentaires méta-dialectologiques:

- *comme on dit au village (/dans mon bled)*
- *comme on dit au pays (/chez nous)*
- *comme on dit dans ma région...*

Bien que ce phénomène soit discursif, il toucherait aussi au système si l'on y voit un lien stable entre la variation diatopique et l'usage de phraséologismes, rapport qui, cependant, est d'autant plus surprenant que les phrasèmes affectés par ces marqueurs sont bien souvent tout à fait standard. Deux faits curieux sont constatables d'emblée:

¹ *Atlas Multimédia de la Prosodie de l'Espace Roman* (<http://dialecto.u-grenoble3.fr/AMPER/partnrs.htm>)

² P.ex. MOKIENKO, MIEDER, PACZOLAY; BURGER, MEJRI, MOGORRÓN; SEVILLA MUÑOZ, GARGALLO, GONZÁLEZ AGUIAR, entre autres.

³ Esp. *como dicen en mi tierra*; ang. *as they say in my village / as my grandmother says*; it. *come diciamo nel mio paese / come dice la mia nonna*; rs. *как говорят в моей деревне / как говорит моя бабушка*; all. *wie man in meinem Land sagt / wie der Volksmund so schön sagt*.

⁴ Esp. *presentadores paremiológicos*; all. *parömiologische Konnektoren*; ang. *textual introducers* (cf. ANSCOMBRE, 1994, 2011; CORPAS PASTOR, 1996: 137; ĐURČO, 2002; ČERMÁK, 2005; OLZA, 2013).

⁵ P.ex. un travail de František Čermák (2005) présente une recherche comparative méticuleuse dans le *British National Corpus* et le *Český Národní Korpus*, tous deux ayant à l'époque plus de 100 millions de mots, pour étudier les co-occurrences entre certains introducteurs et certains phraséologismes, affectant parfois presque 50% des *tokens*, même s'il s'agit de phrasèmes d'usage très répandu qui, théoriquement, n'en auraient pas besoin. Un proverbe aussi commun que *Every cloud has a silver lining* ("après la pluie vient le beau temps"), qui apparaît 22 fois dans le corpus BNC, est précédé 10 fois d'un introducteur métalinguistique, et *Prevention is better than cure* ("mieux vaut prévenir que guérir"), qui apparaît 36 fois, est accompagné 10 fois d'un introducteur métadiscursif.

⁶ Pour Petitjean et Pétillon (2013), p.ex., tout proverbe renvoie à un *ON-DIT* même si celui-ci n'est qu'implicite.

- (a) les séquences attribuées au terroir natal par les locuteurs appartiennent le plus souvent au niveau phraséologique⁷;
- (b) dans la plupart des cas, elles ne sont pas vraiment dialectales.

La phraséologie dialectale étant mal connue même pour les phraséologues, la présence fréquente de ces marqueurs que théoriquement rien n'exige n'en devient que plus étonnante. Citons juste quelques exemples d'expressions dont le marqueur «dialectal» n'est pas justifié:

- *le roi est nu, comme on dit chez nous*;
(<https://twitter.com/ndikumwenayo/status/736643079244025856>)
- *c'est son droit, comme on dit dans mon village corse*;
(<http://www.actionfrancaise.net/craf/?DSK-parangon-de-vertu-Reponse-a>)
- *quand même, faut l'faire, comme on dit dans mon bled*;
(<http://www.theflonicles.be/2010/10/defile-les-petits-riens-second-hand.html>)
- *c'est la loi de la jungle, comme on dit chez nous*;
(<https://www.buxum-communication.ch/blog/buxum-ce-sera-quoi-demain/>)
- *comme on dit au village, dans le doute, abstiens-toi*;
(<http://sos-tout-petits.org/ArchivesBulletin2004.html>)

Le cas contraire, où le phrasème est vraiment dialectal, existe aussi, mais il est clairement moins fréquent. Par exemple, si un congolais affirme *comme on dit dans mon pays, ce serait comme verser de l'eau sur le dos du canard*, la locution verbale *verser de l'eau sur le dos du canard* («s'efforcer inutilement») n'apparaît dans GOOGLE que sur 3 sites congolais et un site français sur la diversité culturelle francophone⁸. Elle est donc suffisamment méconnue dans le reste des variétés diatopiques pour justifier l'introduit.

Il y a de quoi se demander pourquoi la conscience linguistique des locuteurs perçoit -à tort ou à raison- que ces expressions s'éloignent de la norme générale, Quelles seraient les raisons d'une telle *illusion dialectologique* provoquée par l'usage des phrasèmes? Il faudrait, pour y répondre, se pencher d'un peu plus près sur certains aspects de la variation diatopique des phrasèmes, d'autant plus que cela semble contredire le fait que la perception des véritables regionalismes est plutôt faible pour les locuteurs (GLEßGEN et THIBAUT, 2017: 11), surtout pour percevoir le caractère dialectal de leurs propres variantes, qu'ils croient souvent nationales par défaut. P.ex, les parisiens sont surpris en apprenant qu'une expression aussi banale que *marchand de couleurs* (au sens de «commerçant tenant une droguerie») n'est qu'un dialectalisme d'Ile-de-France (GUILLERON, 2011: 79).

2 VARIATION PHRASEOLOGIQUE DIALECTALE ET COMMUNICATION

Il n'y a pas (encore) d'Atlas dialectaux spécialisés en phraséologie, et on ne dispose de collections «régionales» de proverbes et/ou locutions régionaux que pour quelques variétés, et seulement pour quelques langues. D'importants travaux sur la variation diatopique mentionnent à

⁷ Anscombre (2011: 21), dans son étude grammaticale des *marqueurs médiatifs*, affirme que la phrase *Max roulait, comme on dit, à tombeau ouvert* est acceptable, ce qui ne serait pas le cas de **Max roulait, comme on dit, très vite*. Or, la première est une séquence figée, alors que la seconde est une phrase libre.

⁸ *Écarts d'identité* (Grenoble), N°107 2005: 40 (http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/6_107_8.pdf).

peine quelques phrasèmes parmi leurs exemples (p. ex., THIBAUT, 2015, 2017 pour le français)⁹. Sauf pour l'Italie, les dictionnaires de phraséologie à vocation dialectologique sont encore assez rares¹⁰ et la phraséographie -en général- demeure clairement en retard sur ce point par rapport à la lexicographie¹¹. Une des raisons peut-être que les phraséologues ignorent fréquemment la méthodologie des dialectologues, et inversement¹². Ce sont surtout les travaux de diachronie qui se sont intéressés à la variation dialectale des phrasèmes (cf., MOKIENKO, 1980, 1986; BURIDANT, 1989; DI STEFANO, 1991; CAWS, 1995; KRAMER, 1999; BURGER, 2000; FILATKINA et al., 2012), mais eux aussi sont assez récents, et n'ont pas toujours comme but direct le traitement systématique la variation diatopique.

Un problème fréquent dans les répertoires phraséologiques régionaux est qu'ils contiennent aussi de nombreuses entrées qui sont communes à la langue standard. Si nous prenons, par exemple, un recueil comme le *Dictionnaire des proverbes québécois* (DESRUISSEAU, 1974), on constate qu'il contient des proverbes de France, simplement parce qu'ils sont utilisés au Québec (p.ex. *tout chien qui aboie ne mord pas*), parfois même ce sont des proverbes existant dans toutes les langues d'Europe (cf. PIIRAINEN, 2012; SEVILLA MUÑOZ et al., 1997-2016; WIEB, 2012)¹³. Le recueil de locutions *La parlure québécoise* (PROTEAU, 1996) affiche des entrées telles que *avoir mal aux cheveux* (p. 12), *être une grande gueule* (p. 175), ou *être une poule mouillée* (p. 169).

Si les dictionnaires dialectaux sont, en comparaison, plus cohérents que les recueils de proverbes ou de locutions, la phraséologie y occupe par contre une place très périphérique¹⁴. Heureusement, de nombreuses recherches actuelles tentent de combler cette lacune, mais c'est une réaction récente. Pour la francophonie, on peut citer les travaux du projet international *BFQS*, qui comparent les locutions propres à la Belgique, à la France, au Québec et à la Suisse, et identifient les expressions communes aux quatre variétés et celles qui ne le sont pas (LAMIROY, 2006; KLEIN et ROSSARI 2003; LAMIROY et al., 2003, 2010). Du point de vue inter-linguistique, un travail ambitieux est développé actuellement à Alicante, sous la direction de Pedro Mogorrón

⁹ Pour l'espagnol, cf. Haensch (1986); Tristá Pérez (1998); Koike (2001); Casado Velarde (2005); Luque Durán (2008).

¹⁰ P. ex., le dictionnaire parémiologique russe de Walter e Mokienko (2007) signale le domaine régional des unités recensées. Pour l'arabe tunisien ou le portugais brésilien il y a des Atlas en cours (p. ex. BACCOUCHE; MEJRI, 2005; BEN-AMOR, 2016; NEGRI ISQUERDO et MARQUES, 2016; RAZKY, 2016a).

¹¹ Par ailleurs, ce qu'on considère *dialectologique* en Italie est souvent, en réalité, un dictionnaire bilingue, car historiquement ce sont des langues et les recueils de phrasèmes milanais, napolitains, siciliens, etc. sont (implicitement ou explicitement) contrastifs.

¹² P.ex., (GONZÁLEZ AGUIAR, 2007) reproche, à juste titre que des recueils espagnols aussi importants que le *Gran diccionario de frases hechas* (CARRATALÀ; CALA; FORMENT, 2001) ou le *Diccionario de refranes, dichos y proverbios* (JUNCEDA, 2006), ne mentionnent même pas dans leur préface de quelles variantes de l'espagnol ils s'occupent. Le dictionnaire phraséologique espagnol de Seco et al. (2004), sans doute le plus complet, ne considère pas les américanimes. Pour l'Espagne il utilise assez souvent la marque *reg.* ("régional"), mais sans indiquer de quelle régions il s'agit.

¹³ P.ex. esp. *perro ladrador, poco mordedor*; pt. *cão que ladra não morde*; it. *can che abbaia, non morde*; ang. barking dogs seldom bite; all. *Hunde, die bellen, beißen nicht*; hg. *amelyik kutya ugat, az nem harap*; (PAZCOLAY, 1997); rs. *не всякая собака кусает, которая лает* (MOKIENKO, 2001); gr. *σκυλί που γαβγίζει, δε δαγκώνει*; alb. *pas koj laje ne ujeda* (SEVILLA MUÑOZ et al., 1997-2016).

¹⁴ P.ex. le *Vocabulario andaluz* d'ALCALÁ VENCESLADA (1934) comprenait non seulement des mots mais aussi des expressions figées, de même que plusieurs dictionnaires d'américanimes (p.ex. Richard 1997). Le *Diccionario de Mexicanismos* et le *Diccionario del Español de México* accordent une certaine place aux locutions et aux constructions à verbe support, présentées également comme sous-entrées, mais ils sont encore très incomplets sur ce point (MENESES, 2015). Il a fallu attendre les récents dictionnaires dialectaux de HAENSCH et WERNER sur l'espagnol argentin (2000a) et cubain (2000b), ou les *Diccionario de expresiones y refranes del español de Canarias* (ORTEGA et GONZÁLEZ, 2000), qui combinent l'approche dialectologique et la phraséographie, pour avoir, comme sous-entrées de certains mots-vedette, des phrasèmes, définis et, parfois, comparés à l'espagnol standard, mais il s'agit de travaux très récents. Quand aux dictionnaires généraux, ils présentent parfois des données diatopiques, parfois des phrasèmes, mais rarement les deux choses en même temps. P.ex., dans le dictionnaire académique espagnol (RAE, 2001), sur les 3447 régionalismes marqués comme tels qui correspondent au territoire de l'Espagne, seulement 46 sont des phrasèmes (GONZALEZ AGUIAR, 2007).

(2010, 2014): la base de données phraséologique multilingue FRASYTRAM, qui accorde une grande importance à la variation diatopique¹⁵.

Les chercheurs du projet BFQS ont commencé à travailler sur des domaines géolinguistiques francophones «nationaux» (France, Belgique, Québec, Suisse), en distinguant les phrasèmes communs à toutes les variétés (p.ex., *casser les pieds* [FBQS]), ceux qui sont communs à plusieurs mais pas pas toutes (p.ex., *allonger l'argent* «payer» [FBS]) et ceux qui appartiennent à une seule (*en prendre plein la gueule pour pas un rond* [F]; *être allée au bois* [Q: «être enceinte»]) (LAMIROY et al., 2001; LAMIROY, 2008). Seules les expressions utilisées dans un seul pays correspondent aux *francismes*, *belgicismes*, *québécoismes* et *helvétismes phraséologiques* (KLEIN et ROSSARI, 2003: 32). Par exemple, là où le français standard dirait *faire l'école buissonnière* [FBQS], Lamiroy et al. (2001) citent les variantes nationales *sécher les cours* [F], *brosser les cours* [B], *foxer les cours* [Q] et *courber l'école* [S] (LAMIROY, 2008: 2). Il semble que, sur un total de 45.000 phrasèmes recensés par MAURICE GROSS et son équipe, ces variantes représentent presque 25% du total. Cette filiation diatopique est fort laborieuse à établir car le fait de localiser une expression au Québec (p.ex. *avoir de l'eau dans sa cave*¹⁶ «avoir des pantalons trop courts»), ne prouve pas automatiquement que son équivalent français (*avoir le feu au plancher*) soit inconnu au Canada, car il est toujours plus difficile de prouver l'inexistence d'un fait que son existence. Encore faudrait-il aussi délimiter la variation dialectale à l'intérieur des ces quatre grandes zones, surtout lorsque plusieurs variantes y coexistent, à supposer que les isoglosses entre les phrasèmes coïncident avec les frontières politiques, ce qui est aussi improbable, surtout entre la France et la Belgique.

Cependant, même imprécises quant à leurs limites externes et internes, les marques F/B/Q/S représentent un progrès phraséographique considérable pour commencer à traiter la variation diatopique avec systématisme. La phase suivante de ces recherches devrait aboutir sur la confection d'un atlas dialectal de phrasèmes, d'autant plus que la phraséologie régionale est en péril d'extinction, comme remarque V. MOKIENKO, un des rares spécialistes à double formation phraséologique et dialectologique (cf. NIKOLAEVA, 2011: 16).

Si la question est mal connue même pour les spécialistes, il est surprenant que, les locuteurs attribuent si allègrement les phrasèmes à leur dialecte, à l'exception de ceux qui contiennent un composant dialectalement marqué, du type *se prendre une douffe*, *avoir un dikke nek*, *compter pour kiekebich* (LAMIROY, 2006)¹⁷ aisément attribuables à la Belgique, puisque ces mots n'existent que dans cette variété.

Ce critère est applicable aux expressions régionales de la métropole, qu'on pourrait attribuer à une région car les locuteur y reconnaît des composants de sa région. P.ex. en Normandie:

- à *catouns* «à quatre pattes»;
- à *la bouligot* «au hasard»;
- *de bisquencouen* «de travers» / «en diagonale»;
- *mougi à la galope* «manger rapidement»;
- *haôt patté* «qui a de longues jambes». (DFN)

Ces indices formels sont encore plus fiables lorsque les composants «locaux» viennent d'une autre langue, comme l'occitan:

¹⁵ Ce projet est associé au projet international ECOS-NORD, dirigé par MEJRI (Paris-13) et VILASEÑOR (Puebla). Cf. Mejri et Mogorrón (2014, 2010); Blanco (2011, 2015); Meneses (2015).

¹⁶ http://expressions.ccdmd.qc.ca/repertoire_fr.php

¹⁷ Respectivement, "prendre une cuite", lit. *avoir un gros cou: "avoir les chevilles enflées", "compter pour des prunes".

- *faire une cagade* (F: *commettre une gaffe*);
- *je n'en ai rien à cagner* (F: *je m'en fous pas mal*);
- *qu'és aquò?* (F: *qu'est-ce que c'est que ça?*)¹⁸ ;

Cependant, leur usage actuel peut dépasser largement leur région d'origine, p.ex., *il fait frisquet* est couramment utilisé en région parisienne, même si le composant *frisquet* est probablement un emprunt de l'occitan (*fresquet* «un peu frais») ¹⁹ ou du wallon (*frisque* «frais») ²⁰. Quant aux phraséologismes à toponyme, du type *vieux comme les arènes d'Arles*; *grand comme une tarte de Bray*; *faire du bruit dans Landerneau* (PITIRICIU et VLAD TOPALĂ, 2011: 1369-1371) ils sont peu nombreux, et la zone d'usage attribuable est assez imprécise.

Un facteur qui favoriserait l'*illusion diatopique* chez les locuteurs qui emploient ces connecteurs métalinguistiques est peut-être la prudence, car si jamais l'expression est vraiment dialectale, l'échec communicatif est inévitable. Cela pourrait rendre dangereux l'usage de phrasèmes. Même si, comme a montré Labelle (1988), de nombreux québécoisismes phraséologiques sont des variantes issues de phrasèmes français (F: *faire un croc-en-jambe* > Q: *faire une jambette*), les phrasèmes «vraiment» canadiens se résistent bien souvent à l'inférence sémantique. P.ex., une locution comme *avoir chié ses plus belles crottes* est incompréhensible en métropole: «personne pour qui les plus belles année de sa vie sont derrière elle» (TFF)²¹; pour ne pas parler des expressions de la Martinique et de la Guadeloupe, telles que:

- *nègre marron* («enfant désobéissant»);
- *maman violon* («violoncelle»);
- *agoulou-grand-fale* («gourmand»);
- *banc fainéant* («banc public»);
- *dépendez-moi ça* («vêtement d'occasion»);
- *bâton volant* («personne ayant fait un pacte avec le Diable et qui s'envole pour semer le malheur...»)²².

À cela, il faut ajouter le problème des «faux amis» dialectaux: *un panier percé* désigne en France une «personne prodigue», et au Québec «quelqu'un incapable de garder un secret» (KRIVONOGOVA, 1998: 163). Même à l'échelle régionale: *être sur la paille* signifie «être dans la misère» en français standard, mais «être mort» dans la variété régionale de Poitou-Charentes (GUILLERON, 2011: 126). Ajoutons le problème des anglicismes canadiens, comme *tomber en amour* «tomber amoureux» (<*to fall in love* [LAMIROY, 2012]); *avoir les bleus* «être triste» (<*to have the blues* [LAMIROY, 2006]), *avoir de la misère* (<*have a lot of misery*) «avoir du mal», *avoir son voyage* (<*I've got my trip*) «en avoir ras-le-bol», ou *se prendre pour le boss des bécosses* (<*boss of the backhouse* [DENANCE, 2016]), là où un français dirait *se prendre pour Ben-Hur*.

¹⁸ Respectivement, *cagner* (<occ. *cagar* "chier"); *aquò* (occ. "ça"), *dailler* (<occ. *dalhar* "faucher").

¹⁹ Occitan *fresc* "frais" > dim. *fresquet* "un peu frais" (<http://www.panoccitan.org/diccionari.aspx>) (<http://www.locongres.org>) ou, par litote, "très frais" (<http://www.jfbrun.eu/lengadoc/lexoc.htm>); cf. catalan moderne *fer fresca* "faire frais" (<http://www.diccionari.cat/lexicx.jsp?GECART=0067132>) > *fer fresquet* "faire un peu frais". S'il est substantivé, le diminutif *fresquet* désigne en catalan le degré 5 de l'échelle de Beaufort, qui mesure la force du vent (fr. *bonne brise*) (<http://www.encyclopedia.cat>).

²⁰ Cf. néerlandais *frisje*; allemand *frisch*. (CNTRL <http://www.cnrtl.fr/etymologie/frisquet>).

²¹ «Personne pour qui les plus belles année de sa vie sont derrière elle» (TFF).

²² BDLP-Antilles (<http://www.bdlp.org>) (Accès 11 avril 2017).

Le fait est que, pour diverses raisons, bon nombre de phrasèmes québécois sont parfaitement opaques pour les français de la métropole:

- être parti sur une balloune «être ivre»;
- chiquer la guenille «dire toujours le contraire des autres» /»contester inutilement»;
- faire branler tout le monde «être un homme autoritaire»;
- enlève tes skis «sois plus délicat»;
- avoir la moppe «se sentir triste»²³ ;
- cogner des clous «sommeiller en laissant tomber la tête»
- parler à travers son chapeau «parler de ce qu'on ne connaît pas»²⁴;
- arranger le cadran (à qqn.) «casser la gueule (à qqn.)»;
- y aller aux bines «très vite»²⁵;
- être senteux comme un lapin «se mêler des affaires d'autrui»;
- avoir les oreilles dans le crin «avoir peine à retenir sa colère»;
- s'enfarger dans les fleurs du tapis «se noyer dans un verre d'eau»;
- se tenir le corps raide et les oreilles molles «obéir au doigt et à l'œil»²⁶;
- aller chez le bonhomme «aller au diable»;
- être dans les patates «se tromper»;
- pelleter de la boucane «perdre son temps en niaiseries»²⁷;
- ce n'est pas une cassure «on n'est pas pressés» (F: *y'a pas le feu*);
- n'être pas cause que les grenouilles n'ont point de queue «ne pas avoir inventé la poudre»;
- passer en dessous de la table «sauter un repas»²⁸;
- à coeur de jour «toute la journée»
- or de poignée de porte «cuivre»²⁹;
- en avoir mangé une maudite «recevoir une bonne raclée»³⁰;
- accrocher ses patins «prendre sa retraite»;
- pelleter la neige dans la cour du voisin «se décharger de ses responsabilités»
- avoir la chienne «avoir le trac»;
- au plus fort la poche! «que le meilleur gagne»;
- frapper sur le même clou «raconter toujours la même chose»
- avoir de la broue dans le toupet «être tout en sueur»;
- tomber dans l'œil (à qqn.) «plaire physiquement»;
- va péter dans les fleurs! «va te faire cuire un oeuf»;
- avoir des croûtes à manger «manquer encore d'expérience»;
- faire grimper (qqn.) dans les rideaux «faire enrager (qqn.)»;
- avoir les deux pieds dans la même bottine «être très maladroit»;

²³ La parlure Québécoise (PROTEAU, 1996).

²⁴ (LAMIROY et al. 2001, 2010).

²⁵ (LAMIROY, 2012).

²⁶ Lexique Québécois (LQ, 2016).

²⁷ Traduire du français au français (TTF, 2016).

²⁸ (BOULANGER et al., apud KRIVONOVOVA, 1998: 166-167).

²⁹ (Dionne, 1909 [1974]).

³⁰ (KLEIN et ROSSARI, 2003: 53).

- *ne pas se moucher avec des pelures d'oignon* «vivre dans la richesse»;
- *ambitionner sur le pain bénit* «être un goinfre»³¹.

D'autres phrasèmes sont plus transparents, p.ex., le proverbe québécois *on ne demande pas à un cheval de pondre un oeuf* (OUAKNINE, 2005 : 149) est parfaitement compréhensible en France, où, cependant, on ne le dit pas (F: *il ne faut pas chercher midi à quatorze heures*).

De nombreux phraséologismes belges ne sont pas moins énigmatiques pour un francophone d'autres régions (sans compter les calques du néerlandais)³²:

- *avoir ses ratchachas* «avoir ses règles»;
- *savoir tourner sa mère* «être très autoritaire»;
- *donner un cigarre* «réprimander»;
- *tomber avec son derrière dans le beurre* «avoir de la chance»;
- *faire de son nez* «protester»;
- *avoir la cloppe* «avoir peur»³³;
- *aller à guindaille* «faire la fête» «se soûler»³⁴;
- *être bleu (de qqn.)* «être amoureux»;
- *chaud boulette* «très difficile»;
- *être en rote* «être en colère»;
- *dormir dans la chambre aux pommes* «faire chambre à part»;
- *à la mistenflûte* «à la noix»;
- *faire l'oreille de veau* «faire la sourde oreille»;
- *tout ça ne nous rendra pas le Congo* «malgré tout, ça ne sera pas aussi bien qu'avant»³⁵;
- *ne pas avoir regardé sa boutroule en se levant* «être de mauvaise humeur»³⁶;
- *faire cul-blanc* «boire cul-sec»;
- *ne pas avoir toutes ses frites dans le même sachet* «être fou»³⁷;
- *faire bébelle (à qqn.)* «flatter (qqn.)» ;
- *ça m'a bien goûté* «ça m'a plu»;
- *avec ça je suis gras* «ça me fait une belle jambe»;
- *ça n'est pas du spek pour ton bec* «c'est trop bon pour toi»;
- *mélanger ses tartines* «perdre la tête»;
- *être chocolat* «s'être fait rouler»³⁸.

Les phrasèmes suisses, sans compter ceux qui sont des emprunts ou des calques de l'allemand³⁹ sont souvent assez éloignés du français de la métropole:

³¹ http://expressions.ccdmd.qc.ca/repertoire_fr.php (Accès 3 avril 2017).

³² *ce sont des figues après Pâques* <nl. *het zijn vijgen na Pasen* (LAMIROY 2006: 840) "c'est trop tard", ou du wallon: *taper à gailles* <wn. *gauler les noix "choisir au hasard" (FRANCARD et al. 2010)

³³ (LAMIROY, 2006: 839-840).

³⁴ <http://www.larousse.fr> (Accès 10 avril 2017).

³⁵ (FRANCARD et al., 2010).

³⁶ <http://www.bdip.org> (Accès 11 avril 2017) cf. *se lever du pied gauche* (F).

³⁷ Dictionnaire Excentrique: <http://www.province.luxembourg.be/fr/> (Accès 11 avril 2017).

³⁸ <http://www.jchr.be/langage/belgicisms.htm> (Accès 6 avril 2017).

³⁹ P.ex. *faire la poutze* "faire le ménage" <*poutzer* <all. *putzen* "nettoyer" / *je te tiens les pouces* "bonne chance" <*ich drücke Dir die Daumen* (cf. THIBAUT, 2017: 139; voir également *Atramenta* 01/12/2012 <https://www.atramenta.net/forum/sujet1328.html> (Accès 11 avril 2017)).

- *se chier* «échouer» / «se tromper»⁴⁰;
- *avalé par le trou du dimanche* «avalé de travers»⁴¹
- *monter les tours* «s'énervé»;
- *faire du cheni* «semer la pagaille»;
- *foutre loin* «mettre à la poubelle»;
- *t'as où les vaches?* «où est-ce que tu habites?»
- *t'es à qui toi?* «c'est qui ton père?»
- *beau pays, mais sec* «je voudrais du vin»;
- *trogne à goutte* «personne qui boit beaucoup d'eau de vie»⁴²;
- *commandant du feu* «chef des pompiers»;
- *musique à bouche* «harmonica»;
- *amie de noce* «demoiselle d'honneur»;
- *pédaler dans le yoghourt* «s'efforcer en vain»;
- *avoir meilleur temps de* «avoir intérêt à»;
- *mise en bouche* «chose de peu de valeur ou peu d'importance»;
- *éclaffe-merdes* «chaussures»;
- *musique d'avenir* «anticipation purement spéculative»;
- *se réduire* «aller se coucher / rentrer chez soi»;
- *faire un clopet* «faire un petit somme»;
- *être sur le balan* «hésiter»;
- *être un avale-royaume* «être un goinfre»⁴³;
- *ne pas se prendre pour la queue de la poire* «être prétentieux»⁴⁴.

Les unités phraséologiques et les mots à sens figurés sont un obstacle redouté pour la compréhension interdialectale, de même qu'elles le sont pour l'apprentissage de langues étrangères ou pour la traduction. Mais tout cela ne suffit pas pour justifier l'emploi de formules introductrices, puis qu'ajouter à ces phrasèmes *comme on dit dans mon village* ne les rendrait pas plus compréhensibles pour autant.

3 DIALECTOLOGIE ET RHETHORIQUE

Les facteurs pragmatiques qui interviennent dans la motivation de ces séquences sont probablement variés. Tout d'abord, ces connecteurs ont une fonction phatique, comme signale ČERMÁK (2005: 75) *Using such introducers [...] obviously establishes a desirable atmosphere or maintains social contact, which is what the phatic function is about.* On peut leur ajouter une fonction d'euphémisme discursif permettant à l'émetteur de justifier l'usage d'une expression considérée comme trop colloquiale (*il n'y va pas avec le dos de la cuillère comme on dit dans ma région*⁴⁵), voire trop

⁴⁰ (KOTRONI, 2014).

⁴¹ <https://fr.wiktionary.org> (Accès 11 avril 2017).

⁴² "Atramenta" 01/12/2012 <https://www.atramenta.net/forum/sujet1328.html> (Accès 11 avril 2017).

⁴³ BDLP-Suisse <http://www.bdlp.org> (Accès 11 avril 2017).

⁴⁴ (THIBAUT, 2017: 139).

⁴⁵ *L'Obs: le Plus* 03/10/2015 (<http://leplus.nouvelobs.com>) (Accès 10 avril 2017).

vulgaire (*comme on dit dans ma région: vous avez une trop grosse gueule*⁴⁶), en s'abritant ainsi derrière une marque explicite de *polyphonie* (ANSCOMBRE, 1994, 2011; OLZA, 2013)⁴⁷.

Cependant, tous les phrasèmes ainsi présentés ne font pas l'objet d'un préjugé ou d'un tabou exigeant des euphémismes. Leur éventuelle stigmatisation pourrait aussi provenir des préjugés scolaires contre les phrasèmes en tant que tels, ces *phrases toutes faites* que l'on conseille traditionnellement d'éviter (cf. MONTEIRO, 2014: 161). Ces marqueurs permettent une certaine *captatio benevolentiae*, par laquelle l'émetteur s'excuserait de son usage de «clichés» ou «lieux communs».

Cela expliquerait qu'une observation de nature diatopique soit remplaçable par d'autres qui, normalement, ne seraient pas interchangeable, soit diaphasiques (*comme dirait ma grand-mère*), soit diastratiques (*vulgairement parlant*) ou stylistiques (*comme dirait l'autre*)⁴⁸.

- *c'est toujours ça de pris, comme disait ma grand-mère*
(Ray Ventura: <https://scribium.com/jean-christophe-gruau/a/ray-ventura-et-ses-chansons-anti-crise/>);
- *vulgairement parlant, il est plein comme un œuf* (Georges Brassens);
- *j'aurais mis sur pied un projet comme on dit de nos jours*
(http://www.culture-et-foi.com/dossiers/bilan_reves_pontificat/dom_armand_veilleux.htm);
- *quoiqu'il fit un temps à ne pas mettre un chien dehors, comme dit le peuple*
(Marcel Brion, *Journal du visiteur*, Albin Michel 2012);
- *comme dirait l'autre, Rome ne s'est pas faite en un jour!*
(<http://www.lesjardinsdulorroi.be/accueil/le-projet/>).

Inversement, on pourrait remplacer tous ces introducteurs diaphasiques et diastratiques par ceux de la série «diatopique» (*comme on dit dans mon village*, etc.), sans provoquer pour autant de malentendus. Une telle «synonymie» est en elle-même une anomalie suffisante pour penser que ces *présentateurs* font eux-mêmes l'objet d'un figement, par pragmatisme. Ce changement de statut discursif fait qu'une proposition comparative à contenu métalinguistique devienne un pragmatème de politesse, équivalent à *si je puis m'exprimer ainsi*.

Ce fait implique un changement sémantique: une métaphore par laquelle le *village*, la *grand mère* ou le *peuple* deviennent figuratifs, et dont le sens global n'est plus déduisible de la somme de ses parties (idiomaticité). Une fois automatisé, le résultat de ces deux changements subit également un figement dans sa forme. P.ex., *comme on dit au village* ne permet l'insertion du pronom *le* que si la séquence est littérale, pas quand elle est euphémique (**comme on le dit au village, qui aime bien châtie bien*)⁴⁹. La séquence subit un changement de fonction, métaphore grammaticale par laquelle un acte de parole -fruit d'une combinaison- devient une unité -fruit d'une sélection (PAMIES, 2014). Ces trois phénomènes, *idiomaticité*, *figement*, *métaphore grammaticale*, coïncident avec la définition même du phrasème (PAMIES, 2014), ces introducteurs de phrasèmes sont donc eux-aussi des phrasèmes.

⁴⁶ <https://forum.camptocamp.org> (Accès 10 avril 2017).

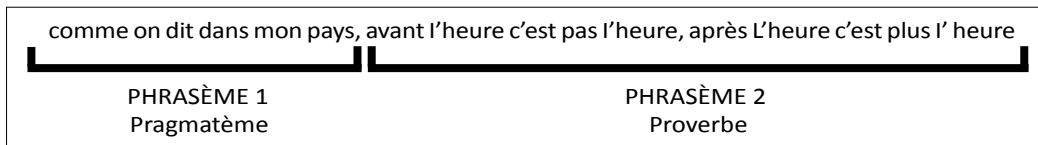
⁴⁷ Voir également (PERRIN, 2011).

⁴⁸ *Comme dit (/dirait/disait) ma grand-mère; comme diraient nos grands-parents; comme on dit (de nos jours) // comme dit le peuple; vulgairement parlant; comme on dit vulgairement; comme dit le proverbe (/populaire); d'après le dictionnaire populaire // comme dirait l'autre; comme qui dirait.*

⁴⁹ Anscombre remarque que **Max roulait, comme on le dit, à tombeau ouvert* n'est pas acceptable, alors que ce même pronom pourrait être inséré dans une phrase où la séquence est littérale: *Max roulait tombeau ouvert, comme on le dit dans le rapport de police* (2011: 26). Il y a effectivement une différence de statut énonciatif, mais aussi une opposition sémantique (figuré vs. littéral) et formelle (figé vs. libre).

Au sein des phraséologismes, on peut classer ces unités comme des pragmatèmes⁵⁰, une sous-classe des *séquences pseudodiscursives*, à laquelle appartiennent souvent les séquences figées que ces introducteurs accompagnent, et auxquelles ils sont subordonnés. Puisque ces introducteurs sont eux-aussi des phrasèmes, ils doivent être analysés en tant que tels, et donc sans relation (sauf étymologique) avec la dialectologie, à laquelle semblait renvoyer leur sens littéral.

Figure 1 - Subordination entre phrasèmes



Fonte: Exemples tirés de J.P. GOS 2014 *On ze route (de nouveau)*.

Ces séquences ne sont pas des «vraies» subordonnées adverbiales comparatives, car elles ne complètent pas le verbe de la principale: leur subordination est seulement pragmatique, dans la mesure où leur information sémantique modalise l'ensemble de la principale, en estompant l'identité de l'émetteur par une apparente intertextualité.

La seule exception serait celle des introducteurs qui sont au sens littéral, et dont l'information métalinguistique, qu'elle soit vraie, fausse ou imprécise, est pertinente. Dans ce cas, ils ne fonctionnent pas comme des phrasèmes mais comme des séquences libres, introduisant des phraséologismes réellement considérés par le locuteur comme non-standards:

- *au banquet des aînés, comme on dit au village* [Nord-Pas de Calais]⁵¹
 - *comme on dit au village, s'il pleut pour la saint Roch, la truffe pousse sur le roc* [Minervois]⁵²
 - ...y faisait crissement frette, *comme on dit dans mon pays* [Québec]⁵³
 - *on dit au village que quand quelqu'un a été mordu par un serpent, il fuit désormais le mille-pattes* [Cameroun]⁵⁴ ;
 - *mon cœur est tombé dans mon ventre, comme on dit dans ma tribu* [Cameroun]⁵⁵.
- D'ailleurs, dans ces cas là l'expression introduite pourrait même être formulée dans une autre langue, dans sa version originale:
- *comme on dit au village, milango ména mihi bèn boho to mbouha*⁵⁶.
 - *comme on dit dans mon pays, le Chili, no hay marcha atrás*⁵⁷.

Ici, l'expression importée est réellement précédée d'un commentaire métalinguistique sous forme de phrase libre. On en trouve d'ailleurs des usages surprenants dans les discours des parle-

⁵⁰ (cf. MEL'ČUK, 2013; BLANCO, 2015).

⁵¹ *Echo des Ch'tis* (<http://www.lavoixdunord.fr/region/au-repas-des-aines-la-doyenne-de-ramillies-est-bientot-ia13b45140n2067190>).

⁵² <http://www.lindependant.fr/2012/02/27/la-truffe-du-minervois-a-l-esprit-de-clocher,119987.php>

⁵³ OSCAR LALLIER. Online Instagram Post-Viewer (<http://www.pictaram.com/tag/ckta>) 29/08/2006.

⁵⁴ FONKOU, K. *Moi Taximan*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 49.

⁵⁵ https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1302495483179101&id=590181017743888 (Accès 07/05/2017).

⁵⁶ Lettre d'un lecteur, phrase en langue Limba insérée dans un texte français dans un blog camerounais. Blog *Ilimbé-Ilimbé* (<http://ilimbeilimbe.canalblog.com/archives/2011/12/30/23094925.html>) (23/01/2012), "Commentaires sur Allocution du Patriache Lothin Emile Christian" (Accès 28 août 2016).

⁵⁷ *Il n'y a pas de marche arrière "pas question de revenir en arrière" (Michèle Bachelet: Discours prononcé le 11 oct. 2012) (<http://www.unwomen.org/fr/news/stories/2012/10/speech-by-michelle-bachelet-executive-director-of-un-women-at-the-plan-international-because-i-am>). La présidente chilienne insère une expression espagnole dans un discours en français.

mentaires européens, textes destinés à être traduits dans plusieurs langues et qui, même pour une parémie complètement «internationale», la font précéder d'une formule du type *comme on dit dans mon pays*. Par exemple, une députée française dit *comme on dit dans mon pays, à bon entendeur, salut!*⁵⁸, mais ce proverbe est pan-européen (<lat. *dictum sapienti sat est*; [SEVILLA MUÑOZ, 1997-2016]), ce qui produit un effet paradoxal en faisant dire à ses traducteurs: *as we say in my country, «a word to the wise is enough»*⁵⁹/*como decimos en mi país «a buen entendedor pocas palabras bastan»*⁶⁰.

Les emplois figuratifs des présentateurs phraséologiques semblent cependant bien plus fréquents que les littéraux, quoiqu'aucune règle ne limite *a priori* la productivité de ces derniers. La stratégie pragmatique du récepteur pour ne pas confondre les deux types est probablement d'interpréter les présentateurs comme métaphoriques s'ils précèdent une locution qu'il connaît parfaitement, et, comme littéraux devant une qui lui soit inconnue, donc, que rien n'empêche de provenir vraiment du terroir de l'émetteur. Une telle hypothèse pourrait peut-être se vérifier au moyen de questionnaires.

5 CONCLUSIONS

1) Les connecteurs du type *comme on dit dans mon village* permettent de distinguer deux classes principales:

- a) Les présentateurs métalinguistiques gardent leur sens littéral, et qui sont donc des phrases libres introduisant des unités phraséologiques sincèrement considérées comme non-standard par le locuteur (à tort ou à raison).
- b) Les présentateurs pseudo-métalinguistiques, qui, par contre, appartiennent eux-mêmes à la phraséologie. Ceux-ci ont un sens figuré et, par fonction phatique, par euphémisme ou autres stratégies rhétoriques, accompagnent des tournures idiomatiques qui ne sont pas dialectales. Ce deuxième phénomène est bien plus fréquent que le premier.

2) Seuls les connecteurs du second type de contexte appartiennent à la phraséologie, à conséquence d'une pragmatisation qui explique l'interchangeabilité de contenus (littéralement) si différents entre eux (*comme on dit au pays / comme dirait ma grand-mère / vulgairement parlant*).

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

ANSCOMBRE, J-C. Proverbes et formes proverbiales: valeur évidentielle et argumentative. *Le Français Moderne*, v. 102, n. 1, p. 95-107, 1994.

ANSCOMBRE, J-C. Polyphonie et classification des énoncés sentencieux. Les marqueurs médiatifs génériques. *Le Français Moderne*, v. 74, n. 1, p. 87-99, 2006.

ANSCOMBRE, J-C. L'introduction du pronom neutre dans les marqueurs médiatifs à verbe de dire, de type *comme dit le proverbe / como dice el refrán*: étude sémantique contrastive d'une contrainte polyphonique. *Langages*, 2011, v. 184, p. 13-34. [en ligne]. Disponible sur: <<http://www.necplus.eu/LGA>>. (Consulté le 16.02.2017).

⁵⁸ <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20090401+ITEMS+DOC+XML+V0//FR&language=FR>

⁵⁹ <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20090401+ITEMS+DOC+XML+V0//EN&language=EN>

⁶⁰ <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20090401+ITEMS+DOC+XML+V0//ES&language=ES>

- AMPER. (*Atlas Multimédia de la Prosodie de l'Espace Roman*). 2016. Disponible sur: <<http://dialecto.u-grenoble3.fr/AMPER/partnrs.htm>>. (Consulté le 17.02.2017).
- BACCOUCHE, T.; MEJRI, S. (Dir.). *Atlas linguistique de Tunisie*. Paris: Maisonneuve et Larose, 2005.
- BARBAUD, P. Dissidence du français québécois et évolution dialectale. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 26, n. 2, p. 107-128, 1998.
- BEN-AMOR, T. La phraséologie comme marqueur idiomatique de la variation linguistique. Communication au *IV^e Congrès International de Dialectologie et de Sociolinguistique*. Paris-Sorbonne 7-9 sept. 2016. [sous-presse].
- BLANCO, X. Carné de conducir vs licencia de manejar. Les locutions nominales en espagnol dans une perspective diatopique. In: ANSCOMBRE, J.-C.; MEJRI, S. (Ed.). *Le figement linguistique: la parole entravée*. Paris: Honoré; Champion, 2011. p. 377-390.
- BLANCO, X. Variation diatopique des pragmatèmes en espagnol. *Linguisticae Investigationes*, v. 38, n. 2, p. 263-275, 2015.
- BOIGONTIER, J. *Dictionnaire du français régional du Midi toulousain et pyrénéen*. Chamalières: Bonneton, 1992.
- BOULANGER, J-C. et al. (Dir.). *Dictionnaire québécois d'aujourd'hui*. Montréal: Dicorobert, 1993.
- BURGER, H. Konzepte der Variation in der Phraseologie. In: HACKI BUHOFER, A. (Ed.). *Vom Umgang mit sprachlicher Variation. Soziolinguistik, Dialektologie, Methoden und Wissenschaftsgeschichte*. Tübingen: Francke Verlag, 2000. p. 35-51. (Trad. Espagnole: El concepto de variación en fraseología. In: BERTRÁN, A. P.; DURÁN, J. D. L. *Léxico y fraseología*. Granada: Método, 2000. p. 105-117.
- BURIDANT, C. L'approche diachronique en phraséologie: quelques aspects de l'ancien et du moyen français. *Travaux de Linguistique et de Philologie*, v. 27, p. 127-149, 1989.
- CASADO VELARDE, M. Unidades fraseológicas y variación diatópica: para una fraseología dialectal extremeña. *Filología y lingüística*. Madrid: CSIC-UNED/Universidad de Valladolid, 2005. v. 1, p. 689-699.
- CARRATALÁ, E.; CALA, R.; FORMENT, M. *Gran diccionario de frases hechas*. Barcelona: Larousse, 2001.
- CAWS, C. G. *La locution: recherches lexico-sémantiques en phraséologie diachronique*. Thèse doctorale. University of British Columbia, 1995.
- ČERMÁK, F. Text introducers of proverbs and other idioms. *Jezykoslovie*, v. 6, n. 1, p. 57-77, 2005. (Trad. esp. Introductores textuales en proverbs y otras unidades fraseológicas. In: LUQUE DURAN, J. de D.; PAMIES, A. [Ed.]. *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*. Granada: Método, 2005. p. 235-256.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- DENANCE, M. My Favorite Québécois Canadian French Expressions. 2016. Disponible sur: <<http://french.about.com/>>. (Consulté le 16.02.2017).
- DFN. *Dictionnaire Normand-Français*. Disponible sur: <<http://magene.pagesperso-orange.fr/menudico.html>>. (Consulté le 17.02.2017).

- DIONNE, N-E. *Le Parler populaire des Canadiens français*. Québec: Laflamme & Proux (Réed.: Université de Laval [1974]), 1909.
- DI STEFANO, G. *Dictionnaire des locutions en moyen français*. Montréal: Ceres, 1991.
- DURČO, P. Parömiologische Konnektoren oder Wie der Volksmund so schön sagt. In: PIIRAINEN, E.; TAPANI, I. (Ed.). *Phraseologie in Raum und Zeit*. Hohengehren: Schneider Verlag, 2002. p. 203-212.
- DESRUISSEAU, P. *Dictionnaire des proverbes québécois*. Montréal: Éditions de l'aurore, 1974 [1997].
- FILATKINA, N. et al. *Aspekte der historischen Phraseologie und Phraseographie*. Heidelberg: Winter Verlag, 2012.
- FONKOU, K. *Moi Taximan*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- FRANCARD, M. et al. *Dictionnaire des belgicisms*. Bruxelles: De Boeck Duculot, 2010.
- GLEBGEN, M.; THIBAUT, A. *La régionalité linguistique dans la Romania et en français*. In: GLEBGEN, M-D.; THIBAUT, A. (Ed.). *La lexicographie différentielle du français et le dictionnaire des régionalismes de France*. Strasbourg: Université III-XVII, 2005.
- GONZÁLEZ AGUIAR, M. I. La fraseología regional del español. *Revista de Filología*, v. 25. p. 235-247, 2007.
- GONZÁLEZ REY, M. I. *La phraséologie du français*. Toulouse: Université Le Mirail, 2002.
- GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 11, n. 2, p. p. 151-185, 1982.
- GROSS, M. Les limites de la phrase figée. *Langages*, v. 90, p. 7-22, 1988.
- GUILLERON, G. *Petit tour des expressions populaires de France*. Paris: First-Gründ, 2011.
- HAENSCH, G. La situación actual de la lexicografía del español de América. *Revista de Filología Románica*, v. 4, p. 317-322, 1986.
- HAENSCH, G.; WERNER, R. *Diccionario del español de Argentina*. Madrid: Gredos, 2000a.
- HAENSCH, G.; WERNER, R. *Diccionario del español de Cuba*. Madrid: Gredos, 2000b.
- JUNCEDA, L. *Diccionario de refranes, dichos y proverbios*. Madrid: Espasa, 2006.
- KLEIN, J. R.; ROSSARI, C. Figement et variations en français de Belgique, de France, du Québec et de Suisse. *Linguisticae Investigationes*, v. 26, n. 2, p. 203-214, 2003.
- KOIKE, K. Variación fraseológica del español. *Varilex*, v. 9, p. 77-92, reed. rev. 2003. Las unidades fraseológicas del español: su distribución geográfica y variantes diatópicas. *Epos*, v. 19, p. 47-66, 2001.
- KRAMER, M. *Les phraséologismes onymiques français*. Thèse doctorale. Université de Montréal, 1999.
- KRIVONOGOVA, M. Particularité des expressions figurées du français du Québec. *Langues et Linguistique*, v. 24, p. 161-170, 1998.
- KOTRONI, V. *Les expressions idiomatiques des pays francophones*. 2014. Disponible sur: <<http://slideplayer.fr/slide/6897811/>>. (Consulté le 18.02.2017).

- LABELLE, J. Lexiques-Grammaires comparés: formes verbales figées en français du Québec. *Langages*, v. 90, p. 73-97, 1988.
- LAMIROY, B. et al. (Ed.). *Les expressions verbales figées de la francophonie. Belgique, France, Québec et Suisse*. Paris: Éditions Ophrys, 2010. (Collection L'essentiel français).
- LAMIROY, B. Le français de Belgique et les locutions verbales figées. *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 84, n. 3, p. 829-844, 2006. Disponible sur: <http://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_2006_num_84_3_5046>. (Consulté le 17.02.2017).
- LAMIROY, B. *Les expressions figées: à la recherche d'une définition*. 2008. Disponible sur: <http://74.125.155.132/scholar?q=cache:ACE3PY_tSF8J:scholar.google.com/&hl=el&as_sdt=2000>. (Consulté le 15.02.2017).
- LAMIROY, B. *Expressions figées et francophonie*. Communication Franitalco-KUL. 2012. Disponible sur: <https://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/cental/documents/BLamiroy_11mai2012.pdf>. (Consulté le 18.02.2017).
- LAMIROY, B. et al. Expressions verbales figées et variation en français: le projet BFQS. In: CLAS. A.; AWAISS, H.; HARDANE, J. (Ed.). *VI^e Journées Scientifiques du réseau Lexique, Terminologie et Traduction*. Paris: AUF, 2001. p. 209-225. (Coll. Actualités scientifiques).
- LAMIROY, B. et al. Expressions verbales figées et variation en Français: le projet BFQS. *Cahiers de lexicologie*, n. 2, p. 153-172, 2003.
- LQ. LEXIQUE QUÉBÉCOIS 2016. Disponible sur: <http://www.regionreunion.com/fr/spip/IMG/pdf/Lexique_des_mots_et_expressions_quebecoises.pdf>. (Consulté le 17.02.2017).
- LUQUE DURÁN, J. de D. El diccionario intercultural e interlingüístico: un paradigma para la comparación del español peninsular y el español de América. *Nueva Revista del Pacífico*, v. 53, 2008.
- MEL'ČUK, I. Tout ce que nous voulions savoir sur les phrasemes, mais... *Cahiers de Lexicologie*, v. 102, p. 129-149, 2013.
- MEJRI, S.; MOGORRÓN, P. (Ed.). *Fijación, traducción, variación y desautomatización / figement, traduction, variation, défigement*. Alicante: Universidad, 2014.
- MOGORRÓN HUERTA, P. Analyse du figement et de ses possibles variations dans les constructions verbales espagnoles. *Linguisticae Investigationes*, v. 33, n. 1, p. 86-152, 2010.
- MOGORRÓN HUERTA, P. Las expresiones fijas diatópicas argentina y mexicanas. In: GONZALEZ, R. M. I. (Ed.). *Didáctica y Traducción de las Unidades fraseológicas*. Santiago de Compostela: Universidad, 2014. p. 77-98.
- MOGORRÓN HUERTA, P. Comprensión, competencia fraseológica y creatividad de las expresiones fijas con sus variantes diatópicas, ejemplos en francés y en español. In: MOGORRÓN, P.; NAVARRO, F. (Ed.). *Fraseología Didáctica y Traducción*. Frankfurt: Peter Lang, 2015. p. 137-160.
- MENESES LERIN, L. Les mexicanismes entre variante et langue: l'importance de la phraséologie. *Linguisticae Investigationes*, v. 38, n. 2, p. 331-347, 2015.
- МОКИЕНКО, В. *Славянская фразеология*. Москва: Высшая Школа, 1980.
- МОКИЕНКО, В. *Образы русской речи, историко-этимологические этнолингвистические очерки фразеологии*. Ленинград: ЛГУ, 1986.

- MOKIENKO, V. *Школьный словарь живых русских пословиц*. Санкт-Петербург /Москва: Издательский дом Нева / Олма-Пресс, 2002.
- MONTEIRO, R. *Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014. v. 1.
- NEGRI ISQUERDO, A.; MARQUES, E. A. Fraseologismos na língua oral: um estudo com base em dados geolinguísticos. Participação em mesa redonda Fraseologia e tradução no *IV^o Congrès International de Dialectologie et de Sociolinguistique*. Paris-Sorbonne 7-9 sept. 2016. [no prelo].
- NIKOLÁEVA, J. Valeri Mokienko y la fraseología rusa. *Paremia*, v. 20, p. 11-18, 2011.
- OLZA, I. Marcadores de unidades fraseológicas y actitudes de enunciación en la argumentación periodística. In: OLZA, I.; MANERO, E. (Ed.). *Fraseopragmática*, 2013. p. 185-227.
- ORTEGA OJEDA, G.; GONZÁLEZ AGUIAR, M. I. *Diccionario de expresiones y refranes del español de Canarias*. Las Palmas de Gran Canaria: Cabildo Insular, 2000.
- OUAKNINE, J. (Dir.). *Savez-vous hennir comme moi?* Paris: Éditions Joseph Ouaknine, 2005. (Coll. Arche de Noé).
- PACZOLAY, G. *European Proverbs, in 55 Languages*. Veszprém: Veszprémi Nyomda R.T., 1997.
- PAMIES, A. Les concepts d'unité et de construction en Phraséologie. Conférence plénière, Europhras 2014. Université Paris-Sorbonne, 12 sept. 2014 [sous presse] (adaptação portuguesa A metáfora gramatical e as fronteiras (internas e externas) da fraseologia, *Revista de Letras*, v. 33, n. 1, p. 51-77, 2014).
- PAMIES, A. Lenguaje figurado y variación dialectal. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LA SECCIÓN DE ESTUDIOS HISPÁNICOS DE LA FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS DE LA UNIVERSIDAD DE LJUBLJANA, 4. (Eslovenia), 2-4 nov. 2016. [*Verba Hispánica*, en prensa].
- PERRIN, L. Figement, énonciation et lexicalisation citative. In: ANSCOMBRE J.-C.; MEJRI, S. (Éd.). *Études sur le figement: la parole entravée*. Paris: Honoré Champion, 2011. p. 80-94.
- PETITJEAN, A.; PÉTILLON, S. De l'usage de la parole proverbiale dans les textes dramatiques. In: PERRIN, L. (Ed.). *Le figement en débat. Pratiques*, p. 159-160, 2013.
- PIIRAINEN, E. *Widespread Idioms in Europe and Beyond: toward a lexicon of common figurative units*. Vienna/Oxford: John Benjamins, 2012.
- PITIRICIU, S.; VLAD TOPALĂ, D. Phraséologismes de la langue française à toponymes autochtones. In: CONGRÈS INTERNACIONAL D'ICOS SOBRE CIÈNCIES ONOMÀSTIQUES, 24., 2011. Barcelona. *Actes...* Barcelona: Genealitat de Catalunya, 2011. p. 1368-1373. Annex. Secció 6.
- PROTEAU, L. *La parlure québécoise*. Montréal: Les éditions des amitiés franco-québécoises. 1996.
- RAE. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. [22. ed.]. Madrid: Espasa, 2001. Disponible sur: <<http://www.rae.es>>. (Consulté le 17.02.2017).
- RAZKY, A. O conceito de agrupamento lexical a partir de cartas lexicais do ALiB (capitais). Comunicação ao *IV^o Congrès International de Dialectologie et de Sociolinguistique*. Paris-Sorbonne 7-9 sept. 2016a. [no prelo].
- RAZKY, A. Les Ressources du projet Atlas Linguistique du Brésil (ALiB): l'aventure d'une grande famille. Participation à la table ronde Ressources et ingenierie linguistique du *IV^o Congrès International de Dialectologie et de Sociolinguistique*. Paris-Sorbonne 7-9 sept. 2016b. [no prelo].

- SECO, M.; ANDRÉS, O.; RAMOS, G. *Diccionario fraseológico documentado del español actual: locuciones y modismos españoles*. Madrid: Aguilar, 1999.
- SEVILLAMUÑOZ, J. et al. (Dir.). *Refranero multilingüe*. Madrid: Instituto Cervantes, 1997-2016. [en línea]. Disponible sur: <<http://cvc.cervantes.es>>. (Consulté le 16.02.2017).
- TRISTÁ PÉREZ, A. M. La fraseología y la fraseografía. In: WOTJAK, G. (Ed.). *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual*. Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 297-305.
- TFF. *Traduction du français au français*. 2016. Disponible sur: <<http://www.dufrançaisaufrançais.com>>. (Consulté le 17.02.2017).
- THIBAUT, A. Métaphores lexicalisées en français régional antillais. Communication au colloque *Metáforas de la luz*, Université d'Almería, 15 au 17 avril 2015.
- THIBAUT, A. Suisse. In: REUTNER, U. (Ed.) *Manuel des francophonies*. 2017. p. 128-149. (Coll. Manuals of Romance Linguistics).
- WALTER, H.; MOKIENKO, V. *Большой словарь русских прозвищ*. Москва: ЗАО ОЛМА Медиа Групп. 2007.
- WIEB. *Widespread Idioms in Europe and Beyond*. 2012. Disponible sur: <<http://www.widespread-idioms.uni-trier.de/>>. (Consulté le 16.02.2017).

LA SIMBOLOGÍA DE LA GRULLA EN LA FRASEOLOGÍA DEL CHINO

A SIMBOLOGIA DA AVE FLAMINGO NA FRASEOLOGIA CHINESA

Lei Chunyi*

RESUMEN

En la cultura china, la grulla tiene una simbología particular que se refleja en el lenguaje figurado, sobre todo en la fraseología. Siguiendo las directrices principales de la Teoría Cognitiva del Lenguaje Figurado (DOBROVOL'SKIJ; PIIRAINEN, 2005) y el concepto de *culturema* (PAMIES, 2007), desde una perspectiva cultural e histórica, el presente estudio analiza una serie de términos metafóricos y las unidades fraseológicas chinas que se asocian con la grulla, con el objetivo de ofrecer las pruebas lingüísticas sobre su simbología en la cultura china.

Palabras clave: Fraseología. Metáfora. Locución. Grulla. Lengua china.

RESUMO

Na cultura chinesa o flamingo tem uma simbologia particular que se reflète na linguagem figurada, sobretudo na fraseologia. Seguindo as principais diretrizes da Teoria Cognitiva da Linguagem Figurada (DOBROVOL'SKIJ; PIIRAINEN, 2005) e o conceito de culturema (PAMIES, 2007) em uma perspectiva cultural e histórica, o presente estudo analisa uma série de termos metafóricos e unidades fraseológicas chinesas que se associam ao flamingo, com o objetivo de apresentar provas linguísticas de sua simbologia na cultura chinesa.

Palavras chave: Fraseologia. Metáfora. Locución. Flamingo. Língua chinesa.

* Universidad de Granada (España). Dirección para correspondencia. E-mail: leichunyi@hotmail.com

1 INTRODUCCIÓN

La grulla es un culturema muy especial en China, y tiene una simbología peculiar que se reflejan en el lenguaje figurado, sobre todo en la fraseología. Aunque la grulla tiene en nombre científico de *Grus Japonensis*, dicho nombre no le hace tener nacionalidad japonesa, en cambio, es un ave símbolo de China ya que su presencia en la literatura, el arte y la cultura en general, siempre ha estado presente. El Consejo Forestal de China se ha propuesto la Grulla de Corona Roja como ave nacional china¹. Siguiendo la *Teoría de Lenguaje Figurativo Convencional* de Dobrovolskij y Piirainen (2005), el presente artículo intenta mostrar que dicha teoría también es aplicable a la lengua china, a través de los ejemplos detallados sobre el lenguaje figurado de la grulla, combinando los modelos icónicos de base cognitiva (PAMIES, 2002; IÑESTA; PAMIES, 2002) con el lenguaje figurado que reposa sobre conocimientos socialmente construidos y culturalmente heredados (LUQUE DURÁN, 2007).

2 LA GRULLA EN LA HISTORIA Y LAS CREENCIAS

En la cultura china, la grulla goza de un estatus muy elevado, tan importante que solamente la supera el fénix. Además, la grulla es el “jefe de las aves” (reales), tiene el apodo respetable de “ave de primera clase” [*yì pǐn niǎo*一品鸟]. El macho y la hembra de grulla suelen andar juntos, con un porte elegante. Además son muy fieles y se considera símbolo de virtud elevada².

El simbolismo de la grulla en China puede remontarse a 5000 años cuando apareció la cultura china, y se manifiesta en varias áreas, tales como la lengua, la literatura, las bellas artes, la religión, el deporte tradicional, etc.³ Según los datos históricos, en las Cortes Reales se solían criar grullas y se las dejaba entrar y salir.

En Wuhan (武汉), provincia de Hubei (湖北), hay una pagoda muy conocida que se bautizó como *Huáng Hè Lóu* (黄鹤楼*amarillo grulla edificio “Pagoda de la Grulla Amarilla”), y está dedicada a este bello animal, desde la parte superior, se puede contemplar la ciudad a vista de pájaro. Se construyó originalmente en la época de los Tres Reinos. Ha sido reconstruida varias veces a lo largo de la historia, conservando siempre su estilo antiguo (JIA, 2013, p. 42). Se considera una de las Cuatro Grandes Torres de China. Hay dos leyendas sobre la Torre de la Grulla Amarilla. En la primera, el inmortal Zi'an (子安) montó sobre una grulla amarilla en la Colina de la Serpiente y echó a volar. Posteriormente, se construyó una torre como conmemoración. En la segunda, después de convertirse en inmortal, Fei Wenyi (费文祗), volaba montado sobre una grulla amarilla y paraba a menudo en la Colina de la Serpiente para descansar. La torre también es un lugar sagrado para el taoísmo. Según esta religión, Lü Dongbin (吕洞宾)⁴ ascendió al cielo desde allí (LEI, 2017a, p. 268).

Tradicionalmente, la grulla de cresta roja era conocida como “la grulla inmortal”. En las leyendas chinas, las grullas se consideraban como la montura y la encarnación de los taoístas inmortales debido a su longevidad, a su canto agudo y misterioso y a su capacidad de volar muy

¹ “Grullas Sin Fronteras”, [07/05/2013], *Pasión por China*, (<http://pasionporchina.blogspot.ca/2007/05/grullas-sin-fronteras.html>), [acceso 14/10/2017].

² *Jí xiáng wù pǐn* 吉祥物品 [“Objetos de buen augurio”], [2011-2012], (http://www.masterhau.com/lucky_thing/crane/) [acceso 19/12/2016].

³ Qun xian bi zhi 群贤毕至, *He wen hua* 鹤文化 [“La cultura de la grulla”], [19/05/2013], (http://blog.sina.com.cn/s/blog_c1fdb3ed-0101mix2.html) [acceso 19/09/2015].

⁴ Lü Dongbin (吕洞宾) es una deidad china reverenciada por los taoístas religiosos. Es el más conocido de los ocho inmortales.

alto. También se creía que se encargaba de guiar a las almas al cielo. Hoy en día, su simbología aun se refleja en muchas áreas, por ejemplo, el Maestro Grulla de la película animada “Kung Fu Panda”, es una figura serena y paciente, suele razonar antes que utilizar la fuerza e intenta evitar las peleas, pero si esto es inevitable, estará dispuesta a pelear con toda su esfuerzo para ganar.⁵

3 LAS CONNOTACIONES CULTURALES DE LA GRULLA EN CHINO

3.1 SÍMBOLO TAOÍSTA

La grulla siempre está relacionada con el taoísmo. Basándose en las dos características principales de este animal, tener una larga vida y poder volar alto, el taoísmo considera que la grulla no solo es la cabalgadura de un inmortal, sino también su encarnación, por lo cual se llama a la grulla *xiān qín* (仙禽*inmortal ave), *xiān yǔ* (仙羽*inmortal plumaje), *tiān hè* (天鹤*celeste grulla), *xiān hè* (仙鹤*inmortal grulla), etc. La muerte de un taoísta se llama *yǔ huà* [羽化*plumaje SUF. (le crece el plumaje)]. Convertirse en un inmortal se dice: *cān luán yù hè* 骖鸾驭鹤*conducir *luan*⁶ conducir grulla “hacerse inmortal”. Cuenta otra leyenda que un inmortal montó una grulla amarilla, voló y no nunca más volvió. De ahí proviene la locución: *yǎo rú huáng hè* 杳如黄鹤*desaparecer como amarillo grulla (perderse de vista como una grulla amarilla) “no tener ninguna noticia de lo que le ha pasado a alguien; desaparecer para siempre” (WANG, 1987, p. 1517), cf. esp. *desvanecerse como pompa de jabón; no saberse nunca más de alguien; como se si lo hubiera tragado la tierra; desaparecer del mapa*.

Se creía que la persona que practica el taoísmo podría convertirse en una grulla, y que una grulla inmortal (*xiān hè* 仙鹤) podría convertirse en un ser humano: una persona de integridad moral se convertiría en una grulla, y una persona despreciable se convertiría en arena. Este concepto ha cambiado un poco y se entiende que la persona importante se considera como una grulla y la persona ordinaria se compara con la arena. En este sentido se podría entender esta locución que se comparan los generales con las grullas y los soldados con la arena:

- *yuán hè chóng shā* 猿鹤虫沙*simio grulla insecto arena (Los simios y las grullas se refieren a los generales, en cambio, los insectos y las arenas se refieren a los soldados en la guerra. Durante la guerra, todos mueren.) “la gente que muere en el caos causado por la guerra” (YU; SUN, 2004, p. 1449).

- Llaman al sacerdote taoísta *yǔ shì* [羽士⁷*plumaje caballero (hombre de plumaje)], y su traje se llama *hè chǎng* 鹤氅*grulla traje+hecho+con+pluma+de+ave (traje de pluma de grulla).

- Los sacerdotes taoístas se describen con la imagen de la grulla: *hè gǔ sōng zī* 鹤骨松姿*grulla hueso pino postura (tener hueso de grulla y postura de pino) “ser delgado físicamente y ser firme espiritualmente” (HAN DIAN, 2004-2015).

- Los mensajes o informaciones del mundo inmortal se llaman *luán yīn hè xìn* 鸾音鹤信*luan mensaje grulla carta (los mensajes que trae el ave *luan*⁸, las cartas que traen la grulla)] (HAN DIAN, 2004-2015).

⁵ Lety Du, “La grulla: el ave del buen augurio”, [12/10/2013], *Zhong guo wang* 中国网 [“Página web de China”] (http://spanish.china.org.cn/culture/txt/2013-10/12/content_30275149.htm), [acceso 14/10/2017].

⁶ *Luán* (鸾): un tipo de ave fabulosa como el fénix en la leyenda antigua.

⁷ *Shì* (士): una capa social en la China antigua, entre altos funcionarios (*dà fū* 大夫) y gente sencilla (*shù mín* 庶民).

⁸ *Luán* (鸾): un tipo de ave fabulosa como el fénix en la leyenda antigua.

3.2 LA LONGEVIDAD

En comparación con otras especies de aves, la grulla tiene una vida muy larga, ya que puede llegar a vivir hasta unos 80 años. Por tanto, junto con la tortuga, simboliza la longevidad. En muchas locuciones se usa tanto la imagen de la tortuga como la de la grulla para expresar esta característica:

- guī hè qí líng* 龟鹤齐龄*tortuga grulla mismo edad (tener una vida tan larga como la de la tortuga o la de la grulla) (ZHOU, 2012, p. 81);
- guī hè xiá shòu* 龟鹤遐寿*tortuga grulla largo edad (tener una vida tan larga como la de la tortuga o la de la grulla) (LEI, 2017b, p. 91);
- guī hè yán nián* 龟鹤延年*tortuga grulla prolongar edad (tener una vida tan larga como la de la tortuga o la de la grulla) (WANG, 2002, p. 201);
- guī nián hè shòu* 龟年鹤寿*tortuga año grulla edad (tener una vida tan larga como la de la tortuga o la de la grulla) (XU, 2002, p. 265).

La imagen de la grulla se usa mucho para felicitar el cumpleaños de un mayor, expresando el deseo de que éste tenga una vida larga, p.ej., *hè shòu* (鹤寿*grulla edad “longevidad”), *hè líng* (鹤龄*grulla edad “longevidad”), y *hè suàn* (鹤算*grulla edad “longevidad”). La grulla se considera como la cabalgadura para un inmortal, de este modo en los dibujos del Año Nuevo chino suelen aparecer la imagen de un anciano en su cumpleaños volando por las nubes montando en una grulla, como la locución señala: *jià hè xiáng yún* 驾鹤翔云*montar grulla volar nube (montar en una grulla y volar por las nubes) “longevidad”. Tradicionalmente, cuando una persona mayor se muere, se dice eufemísticamente:

- jià hè xī yóu* 驾鹤西游*tomar grulla oeste viajar (viajar hacia el oeste mondando la grulla) “morir” (LEI, 2017b, p. 87), *cf. esp. dejar este mundo.*
- jià hè chéng xiān* 驾鹤成仙*tomar grulla convertirse inmortal (montar una grulla y convertirse en un inmortal) “morir” (LEI, 2007b), *cf. esp. pasar a mejor vida; esp. devolver el alma al creador.*

En los dibujos tradicionales, o en las pinturas de paisaje chino, suelen aparecer la grulla y el pino para transmitir el buen deseo de la longevidad. El pino se mantiene verde todo el año, con mucha vitalidad, además, tanto el pino como la grulla son capaces de vivir muchos años, como señala el dicho:

- qiān suì zhī hè yī qiān nián zhī sōng*
千岁之鹤依千年之松
*mil año de grulla apoyar mil año de pino
(la grulla y el pino tienen longevidad).

Lógicamente la imagen de la grulla y la del pino contribuyen juntas a la imagen metafórica de la longevidad de una persona, como las locuciones manifiestan:

- sōng hè zhǎng chūn* 松鹤长春*pino grulla largo primavera (tanto el pino como la grulla son capaces de vivir muchos años) (LIANG, 2007, p. 49);
- hè shòu sōng líng* 鹤寿松龄*grulla edad pino edad (tener una vida tan larga como la de la grulla o la del pino) (LIANG, 2007, p. 49).

3.3 LA VEJEZ

Abundan las locuciones chinas en las que aparece la imagen de la grulla (huesos, plumaje, etc.) para describir “la apariencia envejecida de un anciano”, en sentido neutral o negativo, como señalan los siguientes ejemplos:

Se usa la imagen de la grulla para aludir a la vejez de una persona:

- *hè gǔ jī fū* 鹤骨鸡肤*grulla hueso pollo piel (tener huesos tan delgados como los de la grulla, y la piel tan carrujada como la del pollo) “ser delgado y tener la piel carrujada” (WU, 2014, p. 312);
- *hè gǔ shuāng rán* 鹤骨霜髯*grulla hueso escarcha barba (tener huesos tan delgados como los de la grulla y barbas blancas como la escarcha) “ser delgado y tener barbas blancas” (HAN DIAN, 2004-2015).

Se comparan las canas con el plumaje blanco de la grulla para describir la apariencia envejecida de un anciano:

- *hè fà jī pí* 鹤发鸡皮*grulla pelo pollo piel (tener el pelo tan blanco como las plumas de grulla, y la piel tan basta como la piel del pollo) “ser canoso y tener la piel basta” (HAN DIAN, 2004-2015);
- *páng méi hè fà* 庞眉鹤发*blanco ceja grulla cabello (tener las cejas y los cabellos blancos) “aparición envejecida” (HAN DIAN, 2004-2015), *cf. esp. peinar canas.*
- *dài bèi hè fà* 骀背鹤发*jorobado espalda grulla cabello (tener la espalda jorobada y el cabello blanco) “tener edad avanzada” (HAN DIAN, 2004-2015), *cf. esp. peinar canas.*

Por otro lado, también abundan las locuciones refiriéndose a la vejez pero transmitiendo sentidos positivos, puesto que en China “ser viejo”, en algún sentido, significa “ser respetable”: respetar a los mayores siempre ha sido una virtud tradicional, de este modo en algunas ocasiones los mayores se sienten orgullosos y nada ofendidos por considerarse como “ancianos”. Conviene recordar que China es un pueblo que presta mucha atención al orden generacional. Lógicamente, “ser viejo” simboliza ocupar una posición más elevada en la jerarquía familiar o un orden generacional más alto. Además, al llamarle “anciano o mayor” se le muestra cariño y respeto (LEI, 2017a, p. 272).

Las imágenes de la grulla y el pino se pueden juntar para expresar la buena salud de un anciano:

- *hè fà sōng zī* 鹤发松姿*grulla cabello pino postura pino (tener el cabello tan blanco como la pluma de la grulla, verse tan fuerte como el pino) “tener buena salud a pesar de su avanzada edad” (WU, 2014, p. 272).

La grulla se considera tan noble que a menudo se usa metafóricamente para designar, con respecto y admiración, a una persona de edad avanzada:

- *hè fà tóng yán* 鹤发童颜*grulla cabello niño apariencia (cabello blanco como la pluma de grulla, y cara sonrosada) “viejo con aspecto sano” (XU, 2002, p. 285);
- *zhū yán hè fà* 朱颜鹤发*rojo cara grulla cabello (tener cara sonrosada y cabello blanco como el plumaje de la grulla) “estar fuerte y sano (un anciano)”.

3.4 EL BUEN AUGURIO

Al pueblo chino le encanta la grulla, y la considera como el símbolo de buen augurio. En esta cultura, tradicionalmente, las cinco “criaturas auspiciosas” son el dragón, el fénix, el unicornio chino (*Qi Lin* 麒麟), la tortuga, y la grulla. Sin embargo, los primeros tres en realidad son imaginarios, y la cultura de la tortuga, desde el período de Song del Sur⁹, había cambiado completamente: su imagen adquirió un sentido peyorativo e incluso se usa para insultar u ofender a otros. La grulla es el único animal real que mantiene su estatus noble y buena fama hasta ahora. Se considera que la presencia de la grulla en la casa o el jardín trae armonía y felicidad a la casa. Se suele colocar una figura o una pintura de estilo chino con su imagen en el Sur para que le lleguen buenas oportunidades. Similarmente, en el Oeste para que le llegue buena suerte para los niños, en el Este beneficia a los hijos de la familia y en el Noroeste favorece a la familia del patriarca¹⁰.

Los emperadores consideraban que la grulla era un símbolo del buen augurio. El emperador de la dinastía Tang, Li Shimin, criaba grullas en su jardín imperial y escribió varios poemas sobre la grulla. El emperador Yuán wǔ dì (元武帝)¹¹, cuando salió a contemplar la luna llena en la noche de la Fiesta del Medio Otoño, ordenó que las concubinas de la Corte real se dividieran en dos filas, la fila izquierda se llamó “fila del fénix” (*dèng duì* 凤队) y la derecha se llamó “fila de la grulla” (*hè tuán* 鹤团), a lo largo del viaje las dos filas bailaban, cantaban o combatían entre ellas. Durante la dinastía Qing, el estatus de la grulla subió aún más alto. En Salón de la Suprema Armonía (*Tài hé diàn* 太和殿)¹², un sitio sagrado simbólico del poder imperial, se encuentran dos estatuas de bronce de la grulla al lado del asiento del emperador. En el Palacio de la Pureza Celestial¹³ también se encuentran dos estatuas de la grulla en cuya boca hay una seta ganoderma¹⁴, dicha imagen simbolizaba que la nación o el reino permanecería tan largo tiempo como la vida de la grulla. En la Galería Larga del Palacio de Verano (*Yí hé yuán* 颐和园) de Pekín se encuentran más de 550 dibujos de colores de las grullas de distintas formas. En el palacio de benevolencia y longevidad (*rén shòu diàn* 仁寿殿)¹⁵, el sitio donde gobernaba la emperatriz Cí Xǐ (慈禧)¹⁶, alrededor de su asiento están todavía las 12 estatuas de grulla en *cloisonné*¹⁷. Incluso

⁹ *Nán sòng* 南宋 (1127- 1279)

¹⁰ “El simbolismo de la grulla”, [09/05/2010], *Aikido Palma*, (<http://www.aikidopalma.com/?p=349>) [acceso 14/10/2017].

¹¹ Yuan Wu Di 元武帝 (1281-1311) era el tercer emperador de la dinastía Yuan

¹² El Salón de la Suprema Armonía (太和殿) es la sala más grande dentro de la Ciudad Prohibida de Pekín y se sitúa en su centro, justo detrás de las puertas de la Suprema Armonía. Era el lugar donde en la dinastía Ming y Qing dinastía el Emperador acogió su entronización y ceremonias de boda.

¹³ El Palacio de la Pureza Celestial (*gān qīng gōng* 乾清宫) es un palacio en la Ciudad Prohibida de Beijing. Es la mayor de las tres salas del Patio Interior (los otros dos son el Salón de la Unión y el Palacio de la Tranquilidad Terrenal). Durante la dinastía Qing, el palacio a menudo sirvió como sala de audiencias del Emperador, donde se reunía con el Gran Consejo (https://en.wikipedia.org/wiki/Palace_of_Heavenly_Purity) [acceso 21/09/2015].

¹⁴ Es un hongo coriáceo, con un sombrero generalmente arriñonado, de color variable, de marrón oscuro a marrón rojizo, con aspecto de haber sido recubierto de una capa de laca.

¹⁵ Es un edificio importante del Palacio de Verano. Se construyó en el año 1750. Era el sitio donde la emperatriz viuda Cí xǐ (慈禧) y el emperador Guāng Xù (光绪 [1871-1908]) trataban con los trabajos administrativos de la Corte y recibían a los embajadores extranjeros. (<http://baike.baidu.com/view/1514090.htm>) [acceso 21/09/2015].

¹⁶ La emperatriz viuda Cí xǐ fue una gobernante china que ejerció el poder efectivo desde el año 1861 hasta su muerte en 1908, habiendo desempeñado entre otros el cargo de regente. Su etapa en el poder coincidió con los años de declive de la dinastía Qing (o manchú), la última dinastía imperial china.

¹⁷ El *cloisonné* o esmalte alveolado es una antigua técnica para decoración de objetos metálicos muy popular en China, en siglos recientes mediante el uso de esmalte vidriado, y en períodos antiguos mediante el uso también de incrustaciones de piedras preciosas, vidrio, y otros materiales.

en el cuarto del emperador, en el Palacio de Verano en Chengde¹⁸, se encuentran unas estatuas de bronce de esta ave¹⁹.

Antiguamente la grulla también era elegida como un símbolo auspicioso para poner encima de las tradicionales columnas ornamentales *Hua Biao* (华表)²⁰ erigidas ante un palacio o una tumba. Cuenta la leyenda que un hombre llamado Ding Lingwei (丁令威) se transformó en un inmortal tras aprender la doctrina taoísta. Regresó convertido en una grulla, se quedó encima de la columna ornamental *Hua Biao* (华表) y se puso a cantar. Luego la gente esculpió una estatua de la grulla en la parte superior de la columna como un símbolo de buen augurio²¹. En las pinturas o dibujos tradicionales, aprovechando las paronomasias entre *lù* (鹿*ciervo) y *liù* (六*seis), *hé* (合*conjunción) y *hè* (鹤*grulla), y las homonimias entre *tóng* (同*en+común) y *tóng* (桐*parasol chino²²), *chūn* (春*primavera) y *chūn* (椿**Toona sinensis*), suelen aparecer un conjunto de las siguientes imágenes: el ciervo, la grulla, el árbol *Toona sinensis* y el árbol parasol chino, con motivo de expresar el buen deseo de prosperidad, como muestran las locuciones:

- *lù hè tóng chūn* 鹿鹤同春*ciervo grulla junto primavera (tanto el ciervo como la grulla comparten la misma primavera) “se ve por todas partes un ambiente de prosperidad; todos tienen muchas prosperidad”

- *liù hé tóng chūn* 六合同春*seis conjunción mismo primavera (todas las partes están en primavera) “se ve por todas partes un ambiente de prosperidad; todos tienen muchas prosperidad”.

Se descubrió que durante las dinastías Ming y Qing, dicho dibujo auspicioso aparecía en muchos tipos de cerámicas, tales como tazas, floreros, jarros, jarrones, vasijas, etc. Frente al Palacio de Verano hay dos estatuas con imágenes del ciervo, la grulla y el jarrón, llamado *liù hé tài píng* 六合太平 [*seis conjunción paz tranquilidad] (todas las partes están en paz) expresando el deseo de un mundo de paz y prosperidad, aprovechando las paronomasias entre *lù* (鹿*ciervo) y *liù* (六*seis), *hé* (合*conjunción) y *hè* (鹤*grulla), y la homonimia entre *tóng* (同*en+común) y *tóng* (铜*bronce)²³.

3.5 LA FIDELIDAD AMOROSA

La grulla solamente tiene una pareja en toda la vida, siempre viven juntas, y, en caso de que una se muera, su pareja ya no busca más y se queda sola durante el resto de su vida. Dicho hábito es muy apreciado por la gente y la grulla se considera por ello como el símbolo de la fidelidad amorosa²⁴. Se usa *bié hè* (别鹤*separar grulla) para expresar la tristeza de separarse una pareja cariñosa. En los poemas de las Dinastías Meridionales y Septentrionales (*Nán běi cháo* 南北朝), se aplica mucho dicha expresión para transmitir la añoranza de una mujer hacia su marido que

¹⁸ Palacio de Verano en Chengde (*chéng dé bì shǔ shān zhuāng* 承德避暑山庄): era un palacio de verano para el emperador de la dinastía Qing. Era el sitio donde el emperador veraneaba y trataba con los trabajos administrativos del Corte en el verano. Se sitúa en la ciudad de Chengde de la provincia de Hebei.

¹⁹ Igual que la nota número 3.

²⁰ *Huá biǎo* (华表) es un tipo de columnas ceremoniales utilizadas en la arquitectura tradicional china. Tradicionalmente se erigen delante de un palacio o una tumba importante. Se considera como un emblema de la cultura tradicional de China.

²¹ *Kaifeng de Hua Biao* 开封的华表 [“Columnas ceremoniales de Ciudad Kaifeng”], [20/10/2011], Blog *Xin lang bo ke* 新浪博客, (http://blog.sina.com.cn/s/blog_4018fc050102dyxg.html) [acceso 21/09/2015].

²² El parasol chino, *Firmiana simplex*, es un árbol ornamental de la familia *Malvaceae*, del orden Malvales, nativo de Asia.

²³ Igual que la nota de pie número 3.

²⁴ Yang Qian 杨谦 (2004). *He wen hua za tan* 鹤文化杂谈 [“Mi opinión sobre la cultura de la grulla”]. *Shui li tian di* 水利天地 (10): 43-44.

está lejos de casa (LEI, 2017a, p. 276). Existen locuciones con la imagen de la grulla sola para expresar metafóricamente una pareja separada por la distancia:

- *bié hè gū luán* 别鹤孤鸾*separado grulla solo *luan*²⁵“cónyuges separados por la distancia” (WANG, 1987, p. 72)
- *gū hè jī cí* 孤鹤羁雌*solo grulla residir+fuera+de+casa femenino (una grulla se queda sola o se queda lejos de su hogar) “los matrimonios o los novios se quedan separados lejos y se añoran mucho”²⁶.

Similarmente, se usa una grulla sola para designar metafóricamente a una persona que ha perdido su pareja: *gū luán guǎ hè* 孤鸾寡鹤*solo *luan* viuda grulla (un ave *luan* en solitario y una grulla viuda (un hombre o una mujer que tiene su pareja muerta) (XU, 2002, p. 252).

3.6 EL AMOR FILIAL

Tao Kan²⁷ estaba de luto cuando se murió su madre. Un día llegaron dos personas desconocidas de visita para darle el pésame. Se extrañó y las siguió. Lo sorprendió que estas dos personas se convirtieran en dos grullas y se fueran volando. Resultó que dichas grullas se habían emocionado por el amor filial de Tao Kan, y vinieron exclusivamente a expresarle su pésame. Por ello, la grulla representa el amor; se usa la expresión *hè diào* (鹤吊*grulla condolerse+de+la+muerte) para expresar la idea de “hacer una visita de pésame a la familia de difunto”. De esta anécdota proviene la locución *hè diào táo mǔ* 鹤吊陶母*grulla condolerse+de+la+muerte Tao madre (la grulla viene a darle pésame a la madre de Tao Kan) “dar el pésame”.

3.7 LA AMBICIÓN

Tradicionalmente las personas nobles evocaban la “grulla” para expresar su gran ambición, lo cual se refleja tanto en los poemas como las locuciones. En la obra *Los poemas clásicos (Shī jīng* 诗经)²⁸, se encuentra el verso

- *Hè míng jiǔ gāo, shēng wén yú tiān*
鹤鸣九皋，声闻于天
- *grulla cantar nueve ciénaga, sonido oír en cielo
- (la grulla canta desde un sitio bajo y remoto, pero se oye desde muy lejos)
- “aunque una persona noble vive retirada, su fama aún se conoce muy bien”

En este verso, se usa la imagen de la grulla que canta en la ciénaga remota para referirse metafóricamente a las personas de talento que viven retiradas y aún no han sido elegidas como funcionarios. Por lo cual, el edicto del emperador²⁹ para buscar los candidatos de funcionarios

²⁵ *Luán* (鸾): un tipo de ave fabulosa como el fénix en la leyenda antigua.

²⁶ *Xian he yu zhong guo wen hua* 仙鹤与中国文化 [“La grulla y la cultura china”] (06/07/2011), en página web *360 Ge ren tu shu guan* 360 个人图书馆 [“Biblioteca individual”], (http://www.360doc.com/content/11/0706/11/2707782_131795241.shtml) [acceso 21/09/2015].

²⁷ *Táo kǎn* 陶侃 (259 - 334) era un conocido general y gobernador durante la dinastía Jin (265 - 420).

²⁸ *Los poemas clásicos (Shī jīng* 诗经) es un libro perteneciente a los Cinco Clásicos que Confucio enseñaba. También se le conoce por el nombre de *Libro de las odas*.

²⁹ Edicto del Emperador (*zhào shū* 诏书): es el mandato o decreto publicado con autoridad del Emperador que dispone la observancia de ciertas reglas en algún asunto. También se determina así a los anuncios fijados en lugares públicos de las ciudades, villas o edificios gubernamentales sobre algún asunto para que sea notorio y de conocimiento general.

se llamaba “tableta de la grulla” (*hè bǎn* 鹤板 *grulla tableta); los caracteres de dicho edicto se llamaban “la escritura de la grulla” (*hè shū* 鹤书 *grulla escritura)³⁰. El emperador Liu Bang (刘邦)³¹ escribió este verso:

- *Hóng hú gāo fēi, yī jǔ qiān lǐ*
鸿鹄高飞，一举千里
*aves *Hong Hu*³² alto volar uno volar mil medio+kilómetro
(al volar, la grulla/el cisne puede llegar muy alto y lejos)
“uno tiene grandes ideales y gran aspiración”.

La grulla también se suele usar para simbolizar los seres con talento que tienen grandes aspiraciones: *hóng chóu hè lǚ* 鸿俦鹤侣 *aves *Hong Hu* compañía grulla compañero (tener los cisnes y las grullas como compañeros) “gente talentosa, virtuosas y nobles”.

Los literatos con ideales e integridad pueden expresar sus nobles aspiraciones a través de las siguientes frases proverbiales:

- *Yàn què ān zhī hóng gǔ zhī zhì*
燕雀安知鸿鹄之志
*pinzón real cómo sabercisne/grulla de aspiración
(¿Cómo sabe el pinzón real la gran aspiración de la grulla/el cisne?)
“las personas ordinarias nunca saben la gran aspiración de los grandes personajes” (HAN DIAN, 2004-2015).

Se usa el cuerpo físico largo de la grulla para hacer referencia a “distinguirse de los demás por su talento o su porte”:

- *Bái hè diào dào jī qún lǐ, gāo chū yī tóu*
白鹤掉到鸡群里——高出一头
*grulla caerse en pollo grupo dentro, alto sobresalir uno cabeza
(la grulla se pone entre los pollos, se nota que es mucho más alta que los demás)
“la capacidad o la apariencia de uno siempre lo destaca” (AN, 2006, p. 206)
- *hè lì jī qún* 鹤立鸡群 *grulla de+pie pollo grupo (una grulla está de pie en medio de los pollos) “distinguirse de los demás por su mérito o talento” (JIA, 2013, p. 42), cf. esp. *ser un mirlo blanco*.

Cuando alguien con talento está en un grupo de gente mediocre, se dice: *hè kùn jī qún* 鹤困鸡群 *grulla rodear pollo grupo (la grulla se cae en un grupo de pollos) “una persona talentosa se hunde en el grupo de la gente mediocre”.

3.8 LA VIRTUD

El taoísmo presta mucha atención a *Wu Wei* (无为 *no esfuerzo “no tomar ninguna medida contraria a la naturaleza”) y el respecto a la naturaleza. Este propone que uno debe aprender todo

³⁰ *Dan ding he de wen nua xian Xiang* 丹顶鹤的文化现象 [“Los fenómenos culturales de la grulla de Manchuria”] [05/01/2009], en página web *Niao lei wang* 鸟类网 [“Página web sobre ave”], (<http://niaolei.org.cn/posts/3089>) [acceso 21/09/2015].

³¹ Liu Bang 刘邦 (256 a.C. – 195 a. C.) fue el primer emperador de la dinastía Han, que gobernó China a partir del 202 a. C. Liu fue uno de los dos únicos fundadores de dinastías imperiales chinas que tenía orígenes campesinos, y encabezó las revueltas populares contra la dinastía Qin, la primera dinastía imperial china.

³² *Hóng hú* (鸿鹄) se refiere a las aves que vuelan muy alto y lejos tales como el cisne, la grulla, el ganso silvestre, etc.

lo que puede acerca del orden natural. Antiguamente, la cría de grullas en el templo taoísta era una costumbre. Bastantes literatos taoístas consideraban que el estado espiritual de “dejar de buscar los goces materiales y vivir armoniosamente con la naturaleza” es la mejor opción de vida. Por lo tanto, las personas nobles que viven retiradas se consideraban como *xián yún yě hè* 闲云野鹤*libre nube campal grulla (nube flotante, grulla campal) “persona libre del mundo mortal, sin restricciones” (WANG, 1987, p. 450). También, las personas nobles con alta educación moral se describen como:

- *hè míng zhī shì* 鹤鸣之士*grulla canto PART. persona+digna+de+alabanza (la persona como la grulla) “personas de virtud eminente”

- *yún zhōng bái hè* 云中白鹤*nube dentro blanco grulla (la grulla blanca en las nubes) “persona noble y pura”.

Dichas expresiones también se usan para hacer referencia a una persona con integridad política y habilidad, que vive retirada. El personaje más típico es el poeta del tiempo de la dinastía Song llamado Lin Bu (林逋)³³, que vivía retirado en una montaña aislada cerca del Lago del Oeste³⁴, allí cultivaba una ciruela y criaba una grulla. A la ciruela la trataba como si fuera su mujer y a la grulla como su hijo. De ahí proviene la locución *méi qī hè zǐ* 梅妻鹤子*ciruela esposa grulla hijo (tratar la ciruela como si fuera su mujer y la grulla como su hijo) “vivir retirado; ser noble y distanciado de las cosas mundanas”.

3.9 LA LEALTAD

A los ojos del Emperador, la grulla es la encarnación de la lealtad, la honestidad y la integridad. Así que era un gran honor poder llevar un traje con el dibujo de la grulla, ya que significaba gozar de la confianza del Emperador. Cuando el famoso vasallo Zhao bian 赵抃 (1008-1084) del tiempo de la dinastía Song fue mandado a la provincia de Si Chuan como funcionario, solamente llevaba un instrumento musical y una grulla, lo cual muestra su honestidad e integridad. De esta anécdota proviene la locución *yī qín yī hè* 一琴一鹤*uno qín³⁵ uno grulla “ser un funcionario honesto y recto”.

3.10 EL PODER

Durante las dinastías Ming y Qing, los trajes de ceremonia de los funcionarios civiles de diferentes clases se distinguían por un dibujo de ave: la primera clase llevaba el dibujo de la grulla, la segunda llevaba el faisán dorado (*jīn jī* 锦鸡), y la tercera llevaba el pavo real. La imagen de la grulla solamente es inferior a la del dragón y la del fénix que son los símbolos privilegiados del emperador y la emperatriz. Por lo tanto, la grulla se considera como el “ave de primera clase” (*yī pǐn niǎo* 一品鸟*primero clase ave). La grulla se ha convertido en un símbolo del “cargo alto de funcionario” (YANG, 2006, p. 237-242). Por ello, el dibujo donde está una grulla de pie encima de una roca en la marea, aprovechando la homonimia entre *cháo* (潮*marea) y *cháo* (朝*Corte+real), simboliza “ser un funcionario como los de la Corte real”.

³³ Lin Bū (林逋) fue un poeta del tiempo de la dinastía Song del Norte, vivió en solitario por el Lago del Oeste en Hangzhou durante gran parte de su vida. Sus obras le valieron la fama en todo el país, y se le ofrecieron puestos gubernamentales de prestigio, aunque rechazó todos los deberes cívicos en la búsqueda de su poesía.

³⁴ Xī hú (西湖*oeste lago) es un lago histórico situado en el centro de Hangzhou.

³⁵ Qín (琴): el nombre general para los instrumentos musicales de cuerda.

3.11 DESCRIPCIÓN DE LA APARIENCIA

En chino, se encuentran muchas unidades fraseológicas aplicándose, por ejemplo, para describir la apariencia de una persona, etc.

Se usa el hueso delgado de la grulla para describir a una persona delgada pero llena de vigor: *sōng xíng hè gǔ* 松形鹤骨* pino forma grulla hueso (tener un porte como el pino y hueso como el de la grulla) “ser delgado pero vigoroso”.

Se usa la figura y la forma de la grulla para describir a una mujer ágil y esbelta: *hè shì láng xíng* 鹤势螂形* grulla apariencia cigarra forma (la apariencia de la grulla y la forma de la cigarra) “tener la cintura esbelta, y tener formas ágiles y graciosas”.

Se usa la apariencia amable de la grulla para satirizar a los que tienen apariencia amable pero con mala intención: *xiāo xīn hè mào* 枭心鹤貌* Strigiformes³⁶ corazón grulla apariencia (tener un corazón malicioso como el de las rapaces nocturnas y tener apariencia amable como la de la grulla) “ser amable en apariencia pero tener mala intención en realidad”, cf. esp. *ser un lobo con piel de cordero*.

3.12 OTRAS METÁFORAS

Se usa la buena vista desde muy alto de la grulla para designar “ser perspicaz en la vida social”: *yún xīn hè yǎn* 云心鹤眼* nube corazón grulla ojo (tener el corazón amplio como la nube, tener los ojos de largo alcance como los de la grulla). Cf. esp. *ser un águila*; esp. *tener vista de águila*.

Se alude a su cuello largo para hacer referencia a “desear ardientemente”: *yán jǐng hè wàng* 延颈鹤望* extenderse cuello grulla mirar (mirar ardientemente con el cuello extendido como el de la grulla).

También se usa su graznido sonoro y claro para designar el sonido bonito y melódico: *fēng míng hè lǐ* 凤鸣鹤唳* fénix canto grulla graznido (el canto del fénix y el graznido de la grulla) (LEI, 2017b, p. 82).

Se usa su hábito de graznar durante la noche para referirse a que “cada uno tiene su ventaja”: *hè zhī yè bàn* 鹤知夜半* grulla saber noche media (la grulla grita en la media noche) (LEI, 2007b, p.87).

Se usa la imagen de que los cuellos largos se enrollan entre sí cuando se enfrentan para hacer referencia a “hablar o hacer cosas con rodeos”: *xiān hè dǎ jià, rào bó zi* 仙鹤打架——绕脖子* grulla pelear, enrollar cuello “hablar o hacer cosas con rodeos” (AN, 2006, p. 466). Cf. esp. *andarse con circunloquios*; esp. *andarse con rodeos*.

Se utiliza la aptitud especial de la grulla para capturar las serpientes para expresar que “con un poco de información ya se conoce muy bien la situación verdadera”: *xiān hè yù le shé dòng, wén fēng jí zhī* 仙鹤遇了蛇洞——闻风即知 *grulla encontrar serpiente madriguera, oír viento enseguida saber (AN, 2006, p. 277).

Se contrasta la grulla con el pato salvaje para mostrar que cada cosa tiene sus propias características y no se debe exigir la uniformidad rígida. De lo contrario, las cosas se vuelven en contra de la naturaleza y no van bien.

³⁶ *Strigiforme* incluye lechuzas, búhos, cárabos, mochuelos y auillos que en chino se designan con una única palabra *xiāo* (枭). En la cultura china, las rapaces nocturnas se consideran aves de mal agüero, así se usan mucho para hacer referencia metafóricamente a una persona con mala intención.

- *hè zhǎng fú duǎn* 鹤长凫短*grulla largo pato+salvaje corto (la grulla tiene piernas largas, el pato salvaje tiene piernas cortas) “cada uno tiene sus propias características, así no sería conveniente exigir cualquier uniformidad rígida” (WANG, 1987, p. 502), *cf. esp. haber de todo como en botica; esp. tiene que haber de todo en este mundo.*

- *fú hè cóng fāng* 凫鹤从方*pato+salvaje grulla dirección (el pato salvaje y la grulla actúan según sus propias normas) “dejar que la naturaleza siga su curso”.

- *duàn hè xù fú* 断鹤续凫*cortar grulla prolongar pato+salvaje (cortar las piernas largas de una grulla y ponerlos en las piernas cortas de un pato salvaje) “aplicar ciegamente un principio, en contra de la realidad objetiva o la naturaleza de cosas” (WANG, 1987, p. 301), *cf. esp. ser como el lecho de Procusto.*

- *qiáng fú biàn hè* 强凫变鹤*obligar pato+salvaje convertir grulla (obligar un pato a convertirse en una grulla) “es inútil meter a una persona allegadiza en un grupo”, *cf. esp. Aunque la mona se vista de seda, mona se queda.*

Se expresa la estupidez de destruir las cosas valiosas por ignorancia, como releja la expresión, por ejemplo, *fén qín zhǔ hè* 焚琴煮鹤*quemar qín cocer grulla “destruir las cosas buenas por ignorancia y maldad” (XU, 2002, p. 207).

Se usa el alto graznido de la grulla para expresar que “uno vive constantemente con el alma en vilo (hasta que se asusta cuando oye el graznido de la grulla o el murmullo del viento), por ejemplo, *fēng shēng hè lì* 风声鹤唳*viento sonido grulla graznido (murmullo de viento y graznidos de grullas) “uno vive constantemente con el alma en vilo” (XU, 2002, p. 214).

Se usa el graznido alto y un poco triste para describir “la situación triste o pánica”:

- *hè lì yuán shēng* 鹤唳猿声*grulla graznido simio grito (graznidos de grullas y gritos de simios) “la situación triste o temible” (HAN DIAN, 2004-2015).

Aparte de todas estas unidades fraseológicas, hay otras que no encajan en ninguna de las categorías mencionadas más arriba.

- *xuān hè guān hóu* 轩鹤冠猴*carruaje grulla corona mono (la grulla que coge un carruaje, el mono que lleva una corona) (1) “la persona incompetente que usurpar un puesto importante, *cf. esp. ser un enchufado*; (2) persona que parece impresionante pero carece de valor real”, *cf. esp. ser un fantasmón.*

- *lǎo hè chéng xuān* 老鹤乘轩*viejo grulla coger carruaje (la grulla también coge el carruaje³⁷ del funcionario) “funcionario enchufado” (YU; SUN, 2004, p. 1345).

- *kǎn huā lóng hè* 槛花笼鹤*balaustrada flor jaula grulla (flor dentro de la balaustrada, grulla dentro de la jaula) “persona con libertad restringida”.

- *kū yú bìng hè* 枯鱼病鹤*seco pescado enfermo grulla (pescado seco y grulla enferma) “estar en una situación muy difícil”. *Cf. esp. estar en apuros; tenerlo muy negro* (WANG, 1987, p. 694).

- *bù wǔ zhī hè* 不舞之鹤*no bailar PART. grulla (la grulla que no sabe bailar) “se utiliza para reírse de un inútil o para burlarse de uno mismo con modestia” (LEI, 2017b, p. 81).

4 CONCLUSIONES

Este estudio nos muestra que la imagen de la grulla es muy productiva para transmitir en distintas áreas ciertos sentidos figurados que, a su vez, reflejan unas connotaciones culturales peculiares de la cultura china. Además, es evidente que la mayoría de sus símbolos son positivos,

³⁷ *qín* (琴): un nombre general del instrumento musical de cuerda.

lo cual atestigua su estatus elevado. Todos sus valores tienen una gran peculiaridad, debido a la influencia de la historia y cultura del país. El lenguaje figurado asociado con la grulla está cargado de información cultural y nacional, lo cual es un desafío muy importante para la traducción interlingüística de la fraseológica.

También, este estudio abre una pequeña ventana a través de la cual se observan las metáforas y la fraseología de grulla en chino, su origen, su importancia cultural, sus connotaciones y su uso habitual. De este modo, aporta materiales de referencia para facilitar el aprendizaje, la enseñanza y la traducción.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AN, L. [安丽琴] (Dir.). *Han yu xie hou yu ci dian*汉语歇后语词典 “Diccionario de dichos pareados chinos”. Beijing: Shang wu yin shu guan guo ji you xian gong si北京: 商务印书馆国际有限公司, 2006.

DOBROVOL'SKIĬ, D.; PIIRAINEN, E. *Figurative Language: Cross-cultural and Cross-linguistic Perspectives*. Amsterdam: Elsevier, 2005.

HAN DIAN. *Han Dian*汉语典[“Diccionario de chino”]. (<http://www.zdic.net/>). 2004-2015.

JIA, Y. *Diccionario fraseológico-cultural de la lengua china*. Granada: Granada Lingvistica, 2013.

LEI, C. *Estudio contrastivo linguo-cultural del lenguaje figurado en español y en chino: nombres y fraseologismos zoonímicos y fitonímicos*. (Tesis doctoral). Universidad de Granada, 2017a.

LEI, C. *Diccionario fraseológico chino: zoomorfismos y botanismos*. Charleston: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017b.

LIANG, M. [梁敏玲]. *Duo cai zhong guo*多彩中国 [“China multicolor”]. Beijing: Wu hu chuan bo chu ban she北京: 五湖传播出版社, 2007.

LUQUE DURÁN, J. de D. La codificación de la información lingüístico-cultural en los diccionarios (inter)culturales. In: LUQUE DURÁN, J. de D.; PAMIES, A. (Ed.). *Interculturalidad y lenguaje: el significado como corolario cultural*. Granada: Granada Lingvistica/Método, 2007. v. 1, p. 329-374.

PAMIES, A. El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE DURÁN, J. de D.; PAMIES, A. (Ed.). *Interculturalidad y lenguaje: el significado como corolario cultural*. Granada: Granada Lingvistica/Método, 2007. v.1, p. 375-404.

PAMIES, A. Modelos icónicos y archimetáforas: algunos problemas metalingüísticos en el ámbito de la fraseología. *Language Design*, n. 4, p. 9-20, 2002.

IÑESTA, E. M.; PAMIES, A. *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Método, 2002.

WANG, D. [王德春]. *Duo jiao du yan jiu yu yan*多角度研究语言 [“Estudio de la lengua desde varias perspectivas”]. Beijing: Qing hua chu ban she.北京: 清华大学出版社, 2002.

WANG, T. [王涛] (Dir.). *Zhong guo cheng yu da ci dian*中国成语大辞典 [“Gran diccionario de Chengyu chino”]. Shanghai: Shang hai ci shu chu ban she 上海: 上海辞书出版社, 1987.

WU, F. *La fraseología en chino y en español: caracterización y clasificación de las unidades fraseológicas y simbología de los zoonimos un estudio contrastivo*. (Tesis doctoral). Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2014.

XU, Z. [许振生]. *Xin hua cheng yu ci dian*新华成语词典 [“Xinhua diccionario de *Chengyu*”]. Beijing: Shang wu yin shu guan 北京: 商务印书馆, 2002.

YANG, Z. [杨兆芬]. *He wen hua zhi tan jiu*鹤文化之探究 [“Exploración sobre la cultura de grulla”]. *Wu yi ke xue*. 武夷科学, n.12, p. 237-242, 2006.

YU, J.; SUN, M. [余金淳&孙梦梅] (Dir.). *Han Yu Cheng Yu Ci Dian*汉语成语词典 [“Diccionario chino de frases hechas”]. Beijing: Shang wu yin shu guan guo ji you xian gong si 北京: 商务印书馆国际有限公司, 2004.

ZHOU, X. [周啸天] (Dir.). *Zhong guo hua*中国话 [“Lengua de China”]. Chengdu: Tian di chu ban she 成都: 天地出版社, 2012.

LOCUCIONES Y PROVERBIOS DE ORIGEM BÍBLICO: CREACIÓN Y DIFUSIÓN EM ALEMÁN Y ESPANOL*

LOCUÇÕES E PROVÉRBIOS DE ORIGEM BÍBLICA: CRIAÇÃO E DIFUSÃO EM ALEMÃO E EM ESPANHOL

Carmen Mellado Blanco **

RESUMEN

En este trabajo analizamos las peculiaridades diferenciadoras de los bibeísmos en relación a otros tipos de internacionalismos y a los calcos. Dicha caracterización nos lleva más allá a diferenciar entre bibeísmos literales, tomados literalmente de los pasajes bíblicos, y bibeísmos situacionales, inspirados semánticamente en las Escrituras Sagradas, pero sin una vinculación formal directa con el texto. Desde una perspectiva contrastiva, se aportarán ejemplos tomados de nuestro corpus de distinta tipología que justifiquen esta clasificación y su repercusión directa en los tipos de equivalencia interlingüística entre el alemán y el español. Para las grandes diferencias cuantitativas y cualitativas entre los fraseologismos de origen bíblico de estas lenguas se ofrecerán argumentos de carácter histórico-religioso relacionados con el luteranismo y catolicismo.

Palabras claves: Fraseologismos religiosos. Internacionalismos.

RESUMO

Neste trabalho analisamos as peculiaridades diferenciadoras dos bibeísmos em relação a outros tipos de internacionalismos e aos decalques. Com tal caracterização fomos além das diferenças entre bibeísmos literais, retirados literalmente de passagens bíblicas, e os bibeísmos situacionais, inspirados semanticamente nas Escrituras Sagradas, mas que não apresentam uma vinculação formal direta com o texto. A partir de uma perspectiva contrastiva, apresentamos exemplos retirados de nosso corpus de distinta tipologia e que justificam nossa classificação e sua repercussão direta nos tipos de equivalência interlingüística entre o alemão e o espanhol. Para as grandes diferenças

* Este trabajo se enmarca en proyecto de investigación interuniversitario FFI2013-45769-P Combinaciones fraseológicas del alemán de estructura [Prep. + Sust.]: patrones sintagmáticos, descripción lexicográfica y correspondencias en español, subvencionado parcialmente con fondos FEDER y dirigido por mí en la Universidad de Santiago de Compostela.

** Universidad de Santiago de Compostela.

quantitativas e qualitativas entre os fraseologismos de origem bíblica destas línguas, apresentamos argumentos de caráter histórico-reigioso relacionados com o luterismo e o catolicismo.

Palavras chave: *Fraseologismos religiosos. Internacionalismos*

1 INTERNACIONALISMOS, NACIONALISMOS, CALCOS Y BIBLEÍSMOS

El estudio de los fraseologismos coincidentes en forma y significado en muchas lenguas ha sido abordado en Fraseología en diferentes artículos y bajo distinta terminología: “internacionalismos” (SKLADANÁ, 1993), “européismos culturales” (CORPAS PASTOR, 2003: 279), “locuciones idiomáticas de amplia difusión” (“widespread idioms”¹, PIIRAINEN, 2005: 45) o “interfraseologismos” (BRAUN; KRALLMANN, 1990: 74). No obstante, la investigación acerca del origen y fuentes reales de estos fraseologismos se encuentra todavía en sus inicios a excepción de algunas contribuciones de más envergadura basadas en métodos empíricos (vid. PIIRAINEN, 2012; IDSTRÖM; PIIRAINEN, 2012). Ello se debe en buena parte a que para el estudio de los internacionalismos se hace necesaria una labor conjunta e interdisciplinaria entre antropólogos, historiadores, etimólogos y lingüistas, que no siempre resulta fácil. Desde un punto de vista sincrónico, cabe igualmente señalar las dificultades de tipo práctico que supone reunir a informantes competentes de lenguas de muy diversas familias lingüísticas que verifiquen la existencia y uso de los fraseologismos objeto de investigación².

Por otra parte, el propio término de “internacionalismo” está vinculado a problemas metodológicos, pues los paralelismos interlingüísticos en la forma y significado de los fraseologismos no tienen que deberse necesariamente al hecho de ser internacionalismos (procedentes de una única fuente), pudiendo tratarse igualmente de calcos entre lenguas o de formas autóctonas de génesis paralela en varias lenguas. En muchas ocasiones, se puede estar incluso ante casos mixtos producto de las variables aducidas. La eslavista Levin-Steinmann (2004), en su trabajo para averiguar el origen de los fraseologismos convergentes en forma y significado en varias lenguas, determinando si son autóctonos o préstamos, llega a la conclusión de que en los universales autóctonos se da motivación transparente entre significado literal y figurado (p. ej. *weiß wie Schnee, blanco como la nieve*)³, relación que en su opinión se podría definir de aleatoria y/o opaca en el grupo de los calcos. En este sentido, Mokienko (2000) aporta otro argumento al respecto y defiende que la señal inequívoca de que un fraseologismo es autóctono y no un préstamo es el hecho de que coexistan

¹ Bajo esta terminología incluye Piirainen (2005: 51) no sólo fraseologismos de lenguas centroeuropeas como el inglés, alemán o francés, sino también de otras alejadas geográfica y genéticamente: 1) lenguas indoeuropeas: germánicas, románicas, bálticas, eslavas, albanés y griego, 2) lengua fino-úgricas, turco y lenguas caucásicas como el georgio. El hecho de que fraseologismos como llorar lágrimas de cocodrilo aparezcan en lenguas de Asia, hace llevar a esta autora a defender el término de “widespread idiom”, en contra de “European idiom type”.

² En este contexto hay que mencionar la excepcional contribución de la Dra. Elisabeth Piirainen al estudio empírico de los internacionalismos, de los por ella llamados “Widespread Idioms in Europa and Beyond”. En su proyecto ha estudiado, partiendo de la información directa de informantes nativos, el origen y difusión de más de 500 internacionalismos procedentes de 68 lenguas distintas de Europa y fuera de Europa. Para más información: <http://www.widespread-idioms.uni-trier.de/?p=projektziele&lang=en>.

³ En algunos casos, como sucede con el internacionalismo dulce como la miel, las convergencias idiomáticas del significado denotativo, así como la motivación transparente, no impiden que la combinatoria de las unidades en el discurso sea diferente en cada lengua, y por lo tanto difieran en su vertiente pragmática. Así, mientras que en alemán y en español *süß wie Honig* / dulce como la miel sí pueden combinarse con el lexema *Lächeln* / sonrisa, esto no es posible en ruso (cfr. LEVIN-STEINMANN, 2004: 276). Esto es, aunque la relación básica entre la imagen y el significado fraseológico ‘muy dulce’ se mantiene en todas las lenguas, varía en cada lengua la combinabilidad del fraseologismo con el colocado.

variedades dialectales del mismo, ya que los préstamos, propios más bien de la lengua escrita, suelen introducirse en la lengua estándar y no en los dialectos (vid. también MELLADO BLANCO, 2004a) en relación a la teoría de Mokienko.

En el grupo de los internacionalismos se incluyen aquellos fraseologismos que proceden del Antiguo y Nuevo Testamento, que son el objeto concreto de estudio de este trabajo contrastivo entre el alemán y el español⁴. Los bibeísmos⁵ reflejan características propias en relación al resto de los internacionalismos, que se exponen a continuación.

Entre los europeísmos fraseológicos tenemos que distinguir por su modo de aparición en la lengua, en primer lugar, los que coinciden en distintas lenguas porque han surgido paralelamente en cada una de ellas, condicionados por los mecanismos cognitivos que son comunes a las lenguas, como por ejemplo sucede con determinados fraseologismos que contienen somatónimos y que están relacionados con el “embodiment” o corporización de la lengua (cfr. MELLADO BLANCO, 2004b: 28-32; OLZA MORENO, 2011). Se trataría en este caso de internacionalismos “naturales”, que se contrapondrían a aquellos que son similares entre sí en muchas lenguas porque han sido traducidos de una fuente común o porque han sido tomados en préstamo de otra lengua, caso en el que estaríamos ante los internacionalismos culturales. Se trata ésta de una distinción muy básica, ya que por supuesto determinados fraseologismos pueden ser naturales y culturales al mismo tiempo. Así, no pocos bibeísmos son somatismos cinegramas o pseudocinegramas (cfr. MELLADO BLANCO, 2000; 2004b: 32-38), tal como *jmdn auf (den) Händen tragen* (esp. *tener a alg. en palmitas*), que según Röhrich (2004: 653) e Iribarren (1994: 653) está inspirado en el Salmo 91:12 (en San Mateo 4:6 y en San Lucas 4:11 se cita *In manibus portabunt te*). La imagen metafórica de este somatismo está basada en un gesto corporal y puede suponerse como universal⁶, de lo cual se desprende que la coincidencia entre las lenguas podría darse sin la referencia del texto bíblico y sin la existencia de motivación intertextual⁷.

Otros ejemplos de internacionalismos naturales y culturales de manera simultánea son los fraseologismos somáticos de origen bíblico *jmdn. in der Hand haben* (esp. *tener a alg. en la mano*), según Steger (1988: 126) procedente del Libro del Génesis 16:6 (Abraham entgegnete Sarai: Hier ist deine Magd; sie ist in deiner Hand“), así como su variante con un actante [+cosa] *etw. (die Macht) in der Hand haben* (esp. *tener algo en la mano*), en opinión de Röhrich (1994: 647) inspirado en el cetro divino de Moisés (2 Moisés 17,9) y en general en el cetro de reyes, príncipes y jueces como símbolo de máxima autoridad. Como comenta Piirainen (2012: 171), en el caso de muchos bibeísmos hoy pertenecientes a la lengua coloquial y al registro familiar, el hablante no es consciente del origen bíblico de los mismos, como sucede con ingl. *to cry your eyes out* ‘to cry a lot and for a long time’ (Lam 1,2), ingl. *to pour out one’s heart to sb.* ‘to confide all one’s sorrows, fears, etc. to another person’ (1 Sam 2,15, Ps 42,5, etc.), ingl. *to sweat blood*

⁴ De acuerdo con la bibliografía encontrada (vid. listado final), los estudios contrastivos de los bibeísmos alemanes se han realizado hasta el momento con el húngaro, el finlandés, el inglés, el portugués, el checo y el ruso. El par de lenguas alemán-español constituye aquí un capítulo pendiente.

⁵ Término acuñado por A. M. Babkin en 1970 y que ha tenido una gran acogida en la fraseología centroeuropea (cfr. FÓLDES, 1990: 60, 74). Los bibeísmos del español en relación a otras lenguas han sido estudiados, entre otros, por Cantera Ortiz (2005), Luque Nadal (2010) y Zholobova (2011).

⁶ El término “universal” en el sentido de Dobrovól’skij (1998) no puede, evidentemente, interpretarse al pie de la letra dado que el conocimiento filológico de “todas” las lenguas del mundo no es sistemático y homogéneo. Para Levin-Steinmann (2004: 274) para aplicar el término “universal” es suficiente que un fraseologismo aparezca en tres familias de lenguas distintas, ya que es de suponer que también exista en otras.

⁷ Término tomado de Dobrovól’skij y Piirainen (2009). Vid. también Mellado Blanco (2013: 59-60).

‘to work very hard’ (en español *sudar sangre*) (Lucas 22:44), o también *the scum of the earth* ‘the worst type of people’ (1 Cor 4,13).

En otros casos, a pesar de hallarse un componente somático, la motivación no está tan relacionada con el simbolismo y funcionalidad de una parte del cuerpo, por lo que no podría hablarse de igual modo de internacionalismos naturales, como es el caso del proverbio esp. *ver la paja en ojo ajeno y no la viga en el nuestro* / al. *den Splitter im Auge des anderen sehen und den Balken im eigenen nicht* (tomado de San Lucas 6:41-42), en cuya imagen entran en juego otros objetos materiales distintos del propio cuerpo.

En torno al origen bíblico de ciertas expresiones somáticas procedentes de la lengua popular se presenta en ocasiones el problema de difícil solución de decidir si un determinado fraseologismo apareció por primera vez en la Biblia o si ya existía antes como expresión fija y la Biblia sólo contribuyó a su propagación. En este sentido, el somatismo alemán *jmdm. den Fuß in / auf den Nacken setzen* procedente del Antiguo Testamento (esp. *ponerle a alg. el pie en la nuca*) se supone anterior a la codificación de la Biblia, pues, en efecto, la práctica de subyugar al enemigo colocándole el pie en la nuca como símbolo de victoria, era costumbre ya extendida tanto en Oriente como en la Antigüedad Clásica. Esto sucede también con el fraseologismo esp. *lavarse las manos como Pilatos* / al. *seine Hände in Unschuld waschen*, que aunque aparece como primera fuente en la Biblia (lat. *lavi inter inocentes manus meas*, pronunciada por Poncio Pilato en el proceso de Cristo, Salmo 72,13), se sabe que entre algunos pueblos antiguos era costumbre simbólica la de lavarse las manos en presencia del pueblo para demostrar que se era inocente del crimen que le atribuían (vid. IRIBARREN, 1994: 95).

Por otra parte, la distinción entre los europeísmos surgidos a) por préstamo interlingual y b) por traducción de un texto común, ya sea de tipo histórico, bíblico, mitológico de la Antigüedad Clásica, literario, cuentos, fábulas, etc., también acarrea sus problemas, ya que puede darse el caso de que bibeísmos de una determinada lengua sean trasvasados de manera secundaria como préstamo en traducción a otras lenguas vinculadas con ésta culturalmente. Este sería el caso del bibeísmo *construir castillos en el aire* (lat. *substructo fundamento in aere aedificare*, literalmente “construir en el aire sin fundamento”), con forma coincidente en ruso, en eslovaco y en alemán, pero no en polaco, donde se contruyen “castillos sobre hielo”, y en croata se construyen “torres o nubes en el aire”, o en búlgaro “torres de aire”. A la luz de los citados ejemplos vemos que existe una coincidencia en las lenguas eslavas meridionales posiblemente debida a un fenómeno de préstamo (cfr. LEVIN-STEINMANN, 2004: 277). En suma, considerando el origen, difusión y desarrollo específicos de los fraseologismos bíblicos, es necesario reivindicar un trato independiente de otros europeísmos procedentes de sagas, cuentos, obras y mitos de la Antigüedad Clásica o de la literatura universal.

En este contexto, Schindler (2005: 145-178) distingue entre calcos fraseológicos e internacionalismos, incidiendo en que estos últimos son transmitidos a partir de una fuente común. Teniendo en cuenta su definición de calcos como “Idiome, [...], deren Herkunft auf eine bestimmte Sprache nicht festgelegt werden kann. Ihre Übernahme geschieht durch mündliche und schriftliche Sprachkontakte, die im einzelnen nicht mehr nachweisbar sind“, destacamos el aspecto central de su teoría de que en los calcos la lengua origen no puede ser determinada. Por otra parte, recalca que la transmisión tiene lugar por contacto tanto oral como escrito, a diferencia de los internacionalismos, que deben aparecer al menos en tres lenguas para ser considerados como tales y proceder de un mismo texto escrito. Esto quiere decir que el origen de los internacionalismos es susceptible de ser determinado, no como en los calcos. Es lo que Piirainen (2005: 52) denomina fraseologismos culturales de amplia difusión generados por “dependencia textual”, debido a que

proceden de un texto común, en contraposición a otros condicionados por aspectos de “cultura material”, como los calcos tomados de jergas del deporte, juegos, medios de comunicación, etc.

Por otra parte, en contra de lo que pudiera pensarse de manera apriorística, los bibeísmos no son ejemplos prototípicos de equivalencia plena entre las lenguas⁸ (cfr. BUJÁN OTERO; MELLADO BLANCO, 2010) en relación al fraseologismo bíblico al. *den Schlaf der Gerechten schlafen* / esp. *dormir el sueño de los justos*), pues la amplia coincidencia formal de determinados bibeísmos en varias lenguas no es garantía de equivalencia fraseológica en todos los parámetros de equivalencia fraseológica (cfr. MELLADO BLANCO, 2015) en relación a la equivalencia fraseológica). Si como dice Corpas Pastor (2003: 281-282), la equivalencia plena presupone “el mismo significado denotativo y connotativo, una misma base metafórica, una misma distribución y frecuencia de uso, las mismas implicaturas convencionales, la misma carga pragmática y similares connotaciones (restricciones diatráticas, diafásicas y diatópicas)”, entonces no podemos compartir con esta autora (CORPAS PASTOR, 2003: 282), la idea de que los europeísmos, y por inclusión también los bibeísmos, presenten tal tipo de equivalencia.

La ausencia de equivalencia interlingüística entre muchos bibeísmos europeos está relacionada, entre otros factores, con los siguientes:

1) La traducción de la Biblia se realizó de manera paralela en las distintas lenguas y los respectivos traductores tuvieron que elegir en cada pasaje la expresión adecuada en la respectiva lengua de llegada, no siempre coincidiendo en su forma y componentes léxicos con los de otras lenguas. Dicha expresión venía condicionada por la realidad extralingüística de cada comunidad lingüística (cfr. GAK, 1998: 238), por sus características antropológicas, geográficas, zoológicas, botánicas, etc. Tal sería el caso del bibeísmo alemán *ein Dorn in jmds. Auge sein*⁹ (literalmente “ser una espina en el ojo de alg.” □ ‘molestar algo a alg.’), en el que como en croata, búlgaro y eslovaco se utiliza metonímicamente la “espina” como ‘molestia’, a diferencia del ruso donde aparece “*mancha blanca*” en el ojo y en polaco “*sal*” en el ojo (vid. LEVIN-STEINMANN, 2004: 277-278);

2) Una misma expresión bíblica puede aparecer de forma ligeramente variada en distintos pasajes de los libros que componen la Biblia, lo cual tiene como consecuencia divergencias formales en las lenguas receptoras que no siempre se inspiran en el mismo pasaje bíblico. En este sentido, Pfeffer (1975) pone de manifiesto que incluso en cada lengua pueden convivir varias versiones de un bibeísmo, lo cual se puede deber a las sucesivas traducciones de los textos bíblico. Pfeffer (1975: 106) ilustra este fenómeno a través de la frase de San Mateo 7:7: *queaerite et invenietis*, conocida en español como *Busca y hallarás*, pero también con una oración de relativo: *El que busca encuentra / halla*. Paralelamente en alemán aparece también *Suche, so findest du (so wirst du finden)* y *Wer sucht, der findet*;

3) Las divergencias interlingüísticas en los bibeísmos pueden, asimismo, estar condicionadas por la evolución semántica de los distintos componentes léxicos del fraseologismo en cada lengua, así como por diferencias de uso en situaciones comunicativas concretas. Las diferencias en los

⁸ En ocasiones, sin embargo, es interesante comprobar como en las lenguas comparadas ha habido una evolución semántica paralela con respecto al pasaje original. Tal es el caso del fraseologismo esp. no ser de este mundo / al. nicht von dieser Welt sein (San Juan 8: 23), que en su contexto (cuando Dios le dice a los judíos: “Vosotros sois de este mundo, yo no soy de este mundo”) no significaba lo mismo que actualmente en alemán y español, con las acepciones similares en ambas lenguas: (1) ‘estar ajeno al mundo’ y (2) ‘ser de una belleza extrema’.

⁹ En español, la secuencia tener aguijones en los ojos, que es como aparece traducido el pasaje bíblico *clavi in oculis* (AT, Libro IV, 33:55), no ha dado lugar a ningún fraseologismo, a diferencia de lo acontecido en alemán.

constituyentes pueden deberse, por otra parte, a una traducción del fraseologismo original por medio de una imagen ligeramente diferente, lo cual conlleva una cadena de constituyentes léxicos también distinta. Esta asimetría léxica entre el alemán y el español se observa en el fraseologismo al. *jmdm. werden die Haare zu Berge* (“ponérsele a alg. los pelos de montaña”), que difiere ligeramente en la imagen de sus equivalentes funcionales en español: *ponérsele a alg. los pelos de punta* o *erizársele a alg. el vello*¹⁰ (Job 4:15: *inhorrerunt pili carnis meae*);

Por último cabe señalar que las distintas lenguas pueden desarrollar significados distintos a partir de un mismo bibeísmo, como en esp. *un libro con siete sellos* (Libro de las Revelaciones 5:1), en alemán *ein Buch mit sieben Siegeln* (‘algo difícil de entender que se escapa a la razón’), fraseologismo que no ha desarrollado el significado del español ‘algo secreto y muy bien custodiado’. Este fenómeno se da igualmente en el bibeísmo esp. *dormir el sueño de los justos* / al. *den Schlaf der Gerechten schlafen* (Libro de los Proverbios 24:15), que en la Biblia hacía alusión al acto de dormir profundamente y tanto en español como en alemán actuales ha desarrollado nuevas acepciones, alguna de ellas de cariz humorístico (vid. BUJÁN OTERO; MELLADO BLANCO, 2010).

2 LA RECEPCIÓN DE LA BIBLIA EN ALEMÁN Y ESPAÑOL

En primer lugar cabría preguntarse el porqué de la acusada idiomática de la lengua de la Biblia. Los inicios de la Biblia hay que contextualizarlos en el marco de la literatura hebrea y aramea, en general caracterizadas por abundar en quiasmos, anáforas, hipérboles, personificaciones, parábolas y en general por un lenguaje altamente figurado (vid. BÜHLMANN; SCHERER, 1994). Como nos recuerda Földes (1990: 57), uno de los rasgos de la poesía hebrea es la doble o triple repetición de la misma idea, de manera concéntrica, por medio de palabras diferentes. Bien podría decirse que en la literatura hebrea, la forma repetitiva y el contenido coinciden por su modo de exposición, hecho que ha propiciado la formación de numerosos fraseologismos bíblicos en las 1850 lenguas a las que ha sido traducida la Biblia. Por la difusión de las Sagradas Escrituras, estas expresiones ocupan hoy un lugar importante en el acervo lingüístico e simbólico de las respectivas comunidades lingüísticas, por lo que considero interesante un estudio detallado para el par de lenguas alemán-español¹¹.

En este trabajo me ocuparé de los bibeísmos del alemán y el español en sentido amplio, para lo que parto de 350 fraseologismos en alemán y 265 en español, extraídos de las fuentes primarias detalladas en la bibliografía y contrastados con los respectivos pasajes de la Biblia de Lutero para el alemán (1545, revisión de 1975) y de la Biblia Reina-Valera (1602, revisión de 1995) para el español.

Comenzaré el presente estudio con la distinción entre lo que llamaré bibeísmos literales y bibeísmos situacionales (cfr. GAK, 1998: 239). Los primeros son fraseologismos cuya forma se corresponde prácticamente al pie de la letra con el pasaje bíblico del que fueron extraídos, y entre ellos se encuentra un elevado número de paremias (*Ojo por ojo, diente por diente* / *Zahn um Zahn, Auge um Auge*, Levítico 24:19; *Siembra vientos y recogerás tempestades* / *Wer Wind sät, wird*

¹⁰ Este fraseologismo somático ya era conocido como tal en la Antigüedad Clásica. Así, Homero lo utiliza en la Iliada (24: 359) y Virgilio en la Eneida (2º Libro, v. 774) (cfr. DUDEN, 2002, v. 11: 305).

¹¹ De acuerdo con la bibliografía manejada, los estudios contrastivos de los bibeísmos alemanes se han realizado hasta el momento con el checo, el francés, el georgiano, el húngaro, el finlandés, el inglés, el lituano, el portugués y el ruso. El español constituye hasta el momento un capítulo pendiente, lo que esperamos contribuir a mejorar con la presente contribución.

Sturm enten, Josué 8:7; *Ein Prophet gilt nichts in seinem Land* / *Nadie es profeta en su tierra*, San Lucas 4:24), muchas de las cuales ya eran usadas figuradamente en el texto original.

Por su parte, los bibeísmos situacionales no reproducen con exactitud una frase o sintagma de la Biblia, sino que sólo están inspirados en ella y representan la condensación del contenido de un determinado pasaje bíblico de mayor o menor longitud. Algunos ejemplos serían: *Kainsmal* / *señal de Caín* (inspirado en el Génesis 4:15), *der Benjamín [der Familie]* / *ser el Benjamín [de la familia]* (Génesis 35: 17-18¹²); *David gegen Goliath* / *David contra Goliath* (1 Samuel 17); *die verbotene Frucht* / *el fruto prohibido* (Génesis 3:6); *das gelobte Land* / *la tierra prometida* (Génesis 13-14); *Sodom und Gomorrha* / *Sodoma*¹³ y *Gomorra* (Génesis 18-19); *arca de Noé* / *die Arche Noah* (Deuteronomio 10:1-8).

Al margen de estos casos expuestos de correspondencia fraseológica entre ambos idiomas, en los bibeísmos literales y en los situacionales se revelan diferencias de volumen entre los fraseologismos encontrados y divergencias cualitativas por el tipo de equivalencia¹⁴. La falta de equivalencia es más acusada en los situacionales ya que cuanto mayor es el distanciamiento formal de la fuente escrita original es lógico que aumenten las divergencias semánticas y estructurales entre los fraseologismos de ambas lenguas. En los próximos apartados se observará como la equivalencia semántica y estructural se encuentra sobre todo en los bibeísmos literales, ya que en estos casos la vía principal de entrada fue la fuente escrita, mientras que en los situacionales los casos de equivalencia son menos porque, con frecuencia, este tipo de bibeísmos se generó en el marco de la oralidad, lo que dio lugar a remodelaciones de estructura y de sentido, e incluso a juegos humorísticos¹⁵. Por otra parte, el hecho de que en español el volumen de bibeísmos literales sea tan reducido (sólo un tercio de los alemanes) está condicionado históricamente, como más adelante se detalla.

3 LOS BIBEÍSMOS LITERALES Y SU TRASFONDO RELIGIOSO-CULTURAL

3.1 MAYOR NÚMERO DE BIBEÍSMOS LITERALES EN ALEMÁN

La causa de la diferencia del gran volumen de los bibeísmos literales en alemán, con respecto al español (según nuestro recuento 150 alemanes, frente a 55 españoles) tiene su origen en los ritos religiosos del luteranismo, que fomentan la lectura y el comentario de las Sagradas Escrituras en comunidad, lo que ha contribuido a propagar las citas bíblicas desde hace más de cuatro siglos en Alemania¹⁶. En palabras de Piirainen (2012, p. 171):

¹² Aquí se narra como el hijo menor de los doce que tenía el patriarca de Israel, Jacobo, se llamaba Benjamín.

¹³ Röhrich (2004: 1487) apunta que ya en el AT aparece el nombre aislado de Sodoma como sinónimo de “mundo maligno”.

¹⁴ En este trabajo prescindo del término “equivalencia plena” porque su aparición entre los bibeísmos es bastante reducida, como se comentó en el apartado anterior (vid. también SCHINDLER, 2004: 165) para los bibeísmos alemanes y rusos. A lo largo de este estudio usaré el término de equivalencia en el sentido amplio de correspondencia funcional (cfr. MELLADO BLANCO, 2004: 30 y 2015), que puede conllevar o no coincidencia en la base literal (imagen) y sus componentes léxicos.

¹⁵ Así, el bibeísmo situacional al. im Adamskostüm (literalmente “en traje de Adán” à ‘desnudo’) encuentra su correspondiente español bajo el fraseologismo como Dios [le, les, la, las] trajo al mundo, que en alemán se corresponde igualmente a wie Gott jmdn. geschaffen hat (literalmente “como Dios creó a alg.).

¹⁶ De acuerdo con el estudio de Piirainen (2012: 171), de los aproximadamente 120 bibeísmos considerados como candidatos a ser internacionalismos o “widespread biblical idioms”, solo 64 pueden obtener este rango y calificarse de ser auténticos internacionalismos.

In contemporary German, for example, approximately 150 biblical idioms are still in common usage. For a long period of time following the invention of letterpress printing, the Bible was the only book in many German households; biblical texts were read aloud every day, and many passages were learnt by heart.

También el carácter popular del estilo y vocabulario de la traducción de Lutero, plagado de imágenes y pasajes de contenido plástico, llevó a la popularización de sus giros idiomáticos. Por otra parte, conviene recordar que a partir de Lutero (1545), la lengua de la Biblia fue el alemán, a diferencia de los países contrarreformistas en los que el latín dominaba todo el ámbito eclesiástico. En estos países, la única versión aceptada de la Biblia fue la *Vulgata* desde el Concilio de Trento (1545-1563) hasta el Concilio Vaticano II (1965), que es cuando se permite sustituir el latín por la lengua nacional en la liturgia.

Las autoridades eclesiásticas temían en España que con la lectura de la Biblia los creyentes dudaran de su fe y muchos teólogos estaban convencidos que la Palabra de Dios era un alimento peligroso para la gente sencilla y particularmente para las mujeres. Uno de ellos, Melchor Cano, en el S. XVI, llegó a escribir: “Por más que las mujeres reclamen con insaciable apetito comer de este fruto (leer la Sagrada Escritura), es necesario vedarlo y poner cuchillo de fuego, para que el pueblo no llegue a él”. Del mismo Melchor Cano se conoce esta otra afirmación “Porque la experiencia ha enseñado que la lección de semejantes libros, en especial con libertad de leer la Sagrada Escritura, o toda o en gran parte de ella y trasladarla en vulgar, ha hecho mucho daño a las mujeres y a los idiotas”¹⁷.

De este modo, las traducciones de la Biblia al castellano, las cuales se realizaron hasta 1782 de manera clandestina por protestantes¹⁸, no llegaron hasta la población, lo que impidió que se produjera un trasvase amplio de pasajes bíblicos a la lengua cotidiana a diferencia del alemán (cfr. FUNK, 1998: 106) para el portugués.

Algunos ejemplos de este vacío en español son los siguientes bibeísmos literales del alemán:

- *auf guten / fruchtbaren Boden fallen* (San Lucas 8:8: “Otra cayó en tierra buena”), con el significado idiomático ‘ser bien acogido’;

- *ein Herz und eine Seele sein* (Hechos de los Apóstoles 4:32): “ser un solo corazón y un sola alma” (equivalente a *ser uña y carne*);

- *wie Schuppen von den Augen fallen* (Hechos de los Apóstoles 9:18): “caer de los ojos como escamas” (‘reconocer algo’);

- *aus seinem Herzen keine Mördergrube machen* (San Mateo 21: 13): “no hacer de su corazón una cueva de ladrones” (‘hablar francamente’);

- *die Schafe von den Böcken scheiden/trennen* (San Mateo 25:32): “separar las ovejas de los cabritos” (‘separar lo(s) bueno(s) de lo(s) malo(s)’);

- *sich Asche aufs Haupt streuen* (Samuel 13:19; Job 2:12; San Mateo 11:21; San Lucas 10:13): “cubrirse de ceniza” (‘arrepentirse mucho’¹⁹).

¹⁷ Vid. http://www.mercaba.org/fichas/Santos/TdeJesus/contexto_eclesial_en_el_que_sant.htm.

¹⁸ Quiero destacar entre las distintas versiones de la Biblia en castellano la de 1569 (Basilea) de mano de Casiodoro de Reina, que fue la primera traducción de toda la Biblia al castellano hecha a partir de textos hebreos, arameos y griegos. Ha tenido varias revisiones a lo largo del tiempo (1862, 1909, 1960 y 1995), siendo la primera la de Cipriano de Valera, impresa en Ámsterdam en 1602 (Biblia Reina-Valera).

¹⁹ Esta expresión aparece en el Antiguo Testamento con el significado de luto, mientras que en el Nuevo adquiere además el de ‘arrepentimiento’.

En otros casos, el uso de este tipo de fraseologismos literales resulta en español altisonante o anticuado y está sometido a fuertes restricciones contextuales, por ejemplo esp. *ser el fruto de su vientre* / al. *die Frucht ihres Leibes sein*, para designar al hijo de alguien (según el pasaje San Lucas, 1:42: “Bendito sea fruto de tu vientre”).

En menos ocasiones se produce el fenómeno contrario, a saber, que el bibeísmo español no tenga correspondencia fraseológica en alemán: *rasgarse las vestiduras* (‘escandalizarse exageradamente’)²⁰ que aunque también aparece como tal en la Biblia alemana (*sich die Kleider vom Leib reißen*) no ha llegado a idiomatizarse.

En este contexto, conviene recordar que para que podamos hablar de fraseologismos, la fuente bíblica no debe estar presente en el hablante cuando utiliza la expresión, ésta tiene que ser ampliamente conocido por la comunidad lingüística y debe ser usada con cierta frecuencia (cfr. KISPÁL, 1998: 379). Considerando esto, frases bíblicas que en alemán o español puedan resultar conocidas (por asociarlas con la Biblia), no son unidades fraseológicas por no cumplirse alguno de los citados criterios.

3.2 DIFERENCIAS CUALITATIVAS EN LOS BIBLEÍSMOS LITERALES DEL ALEMÁN Y EL ESPAÑOL

Entre los bibeísmos literales se han detectado divergencias interlingüísticas semánticas, léxicas y/o estructurales en aproximadamente la mitad de los equivalentes funcionales de ambas lenguas, lo cual está determinado por varios factores:

a) Acción traductológica de Lutero. Los bibeísmos alemanes están fuertemente relacionados con la traducción de la Biblia de Lutero, quien bajo el lema *dem Volk aufs Maul schauen* (literalmente “mirar al pueblo a la boca”) populariza y adapta imágenes bíblicas a la lengua coloquial alemana. Esta popularización de los pasajes bíblicos no tiene lugar en español, por las circunstancias arriba descritas. La acción de popularizar implica fundamentalmente adaptar lo que se traduce a lo ya existente en la lengua de llegada. Lutero aprovecha expresiones idiomáticas que ya existían en la lengua, o recursos muy utilizados en alemán, para traducir ciertos pasajes del griego y hebreo. Así, la fórmula bimembre al. *durch Mark und Bein gehen* (Carta a los Hebreos 4:12) encuentra amplia difusión a partir de la traducción de Lutero porque invierte el orden de los componentes léxicos (al. *Mark und Bein*, correspondientes en este orden al texto original) por motivos de rima (cfr. Röhrich, 2004: 1000-1001). Por el contrario, el bibeísmo español que se ha popularizado no revela la fórmula bimembre del alemán y del texto bíblico (*hasta las coyunturas y los tuétanos*), siendo sólo conocida en su forma simple *penetrar hasta los tuétanos*;

b) Las lenguas pueden desarrollar significados distintos a partir de un mismo bibeísmo, como en [*wie*] *in Abrahams Schoß* (‘seguro y protegido de peligro’) y en español *estar en el seno de Abraham* (‘muerto en el cielo’). El significado del bibeísmo español coincide aquí con el sentido original del pasaje de la Biblia (San Lucas 16:22);

c) Otra causa de variación léxica entre los bibeísmos literales del español y el alemán puede ser también el hecho de que un lexema del texto original posea varios significados. Así, en alemán es usual el fraseologismo bíblico *Perlen vor die Säue werfen* (“echar perlas a las

²⁰ En la Antigüedad, el acto de rasgarse las vestiduras era una manifestación de sincero dolor. Frente a una gran desgracia ocurrida a un ser querido, sus allegados y servidores se echaban ceniza en el pelo y se desgarraban la ropa. Tanto en los funerales judíos como en los griegos, la familia hacía pública de ese modo su desesperación. La costumbre es mencionada ya por Homero y se repite varias veces en la Biblia (cfr. ZIMMERMAN, 1999).

cerdas”, San Mateo 7:6), mientras que en español se dice *no echar margaritas a los puercos*. La palabra *margarita* en latín y *márgaron* en griego significaba ‘perla’, en romance adquiere además el significado actual de ‘flor’, que no tenía en latín clásico ni en latín vulgar, con lo que surge la interferencia en español²¹.

Con respecto a las distintas versiones de un mismo bibeísmo en cada lengua, el trabajo de Pfeffer (1975) pone de manifiesto que tales versiones se pueden deber a las sucesivas traducciones de los textos bíblicos o al hecho de que una misma expresión aparezca citada con ligeras variaciones formales o semánticas en distintos pasajes de la Biblia. Así, la frase de San Mateo 12:33 *ex fructu arbor agnoscitur* da lugar en alemán a *An der Frucht erkennt man den Baum* y en español a *Por su fruto se conoce al árbol*, mientras que el pasaje de San Lucas 6:44 *arbor de fructu suo cognoscitur* ha dado lugar a al. *Den Baum erkennt man an den Früchten* y en español a *El árbol por el fruto es conocido*, y el pasaje de San Mateo 7:16 *A fructibus forum cognoscetis eos* corresponde en alemán a *An ihren Früchten sollt ihr sie erkennen* y el español *Por sus frutos los conoceréis* (cfr. PFEFFER, 1975: 107; CANTERA ORTIZ, 2005: 29).

3.3 BIBLEÍSMOS SITUACIONALES EN ALEMÁN Y ESPAÑOL

Como ya hemos dicho anteriormente, los bibeísmos situacionales no están citados palabra por palabra a partir del texto original, sino que han surgido como condensación de un determinado pasaje bíblico. Una parte de los bibeísmos situacionales estudiados del alemán y el español tienen equivalencia interlingüística, e incluso revelan la misma marca estilística de ironía²²: *im Schweiß meines Angesichts / ganarse algo con el sudor de su frente* (Génesis 3:19); *verirrtes Schaf / oveja descarriada* (1ª Epístola de San Pedro 2:25); *Der Geist ist willig, [aber] das Fleisch ist schwach / [El espíritu es animoso pero] la carne es débil* (San Mateo 26:40), *Der Mensch lebt nicht vom Brot allein / No solo de pan vive el hombre* (San Mateo 4:4).

Sin embargo, debido a que los bibeísmos situacionales no siempre surgen paralelamente en todas las lenguas, en el material analizado el alemán y el español se detectan asimetrías de varios tipos. En primer lugar, puede que un pasaje haya dado origen a un bibeísmo en una lengua pero no en la otra, como sucede con al. *etw. / jmdn. als Feigenblatt benutzen* (“utilizar algo / alg. como hoja de parra”: ‘usar algo / a alg. como pretexto para ocultar algo’, inspirado en el Génesis, 3:7), que no existe como fraseologismo institucionalizado en español. Por el contrario, la locución idiomática del español *pagar justos por pecadores* (inspirada en San Mateo 9:9-13: *Porque no he venido a llamar a justos sino a pecadores*) no ha dado lugar a ningún fraseologismo en alemán.

No obstante, en este tipo de bibeísmos, las diferencias determinantes no derivan en igual medida como en los literales del distinto volumen hallado, sino más bien de las divergencias observadas en la imagen, en la estructura, en los componentes léxicos y en la semántica de los fraseologismos afectados²³. Así, el fraseologismo alemán *alle Jubeljahre einmal* (literalmente “una

²¹ Sólo el holandés, contaminado de la polisemia de *marguerite* en francés, usa la palabra *rozen* (“rosas”, en el sentido de ‘flores’) (cfr. RÖHRICH, 2004: 1148).

²² Este tipo de bibeísmos son aprovechados a menudo como reclamos publicitarios, con o sin modificaciones textuales. A este respecto comenta Kispál (1998: 380): “La modificación semántica es típica también para otros refranes, pero en el caso de los bíblicos llama especialmente la atención por su papel didáctico”, trad. del alemán de la autora).

²³ En ocasiones, es la propia tipología de cada lengua la que condiciona las divergencias estructurales en una y otra, como sucede con la tendencia específica del alemán a formar compuestos. Así al. *die Sintflut* vs. esp. *el diluvio universal* (Génesis 6-8; San Lucas 17-27).

vez cada año jubilar”, es decir, cada 50 años²⁴ □ ‘casi nunca’, inspirado en el Libro Levítico 25:8) y su equivalente funcional en español *de Pascuas en Ramos* (es decir, desde el domingo de Resurrección hasta el domingo de Ramos del año siguiente) están sustentados por imágenes dispares.

Un ejemplo muy plástico que nos muestra la distinta forma de condensar de manera figurativa un mismo pasaje bíblico en una y otra lengua, es el del fraseologismo *vacas gordas*, en oposición a *vacas flacas*, inspirado en el capítulo del Génesis donde las 7 vacas gordas simbolizaban los 7 años de prosperidad material de Egipto, a los que le seguían 7 años de penuria, simbolizados por las vacas flacas. En las “vacas flacas” está la advertencia implícita de que a ese período habrá de sucederle otro de necesidades y apremios. En alemán se han consolidado las expresiones *7 fette Jahre* y *7 magere Jahre* (“7 años gordos” / “7 años flacos”), con el mismo significado del español. Las maneras múltiples de reproducir un bibeísmo situacional se ve también en el fraseologismo español *eso es como predicar en desierto* o en el refrán *Predicar en desierto, sermón perdido*, inspirados en el pasaje narrado en Isaías 40:3 (“Es una voz de un predicador en el desierto”). El fraseologismo alemán se acerca más a la forma original: *ein Rufer / Prediger in der Wüste*.

Al observar contrastivamente los fraseologismos situacionales del alemán y el español observamos que se pueden dar también ligeras variaciones lexemáticas. Así, en alemán, el fraseologismo sustantivo *der barmherzige Samariter* (“el samaritano misericordioso”), corresponde en español al *buen samaritano* (inspirado en San Lucas 10:33) y *der verlorene Sohn* (literalmente “el hijo perdido”) aparece en español como *el hijo pródigo* (San Lucas, 15: 22-23), donde la divergencia en el adjetivo aporta al fraseologismo un matiz semántico [+arrepentimiento] que no posee el alemán.

Por otro lado, el bibeísmo situacional *von Pontius zu Pilatos laufen* (“ir de Poncio a Pilatos” □ ‘ser mandado inútilmente de un lado para otro’) aparece en español bajo la forma *ir de Herodes a Pilatos*²⁵, que no recoge el juego de palabras, ni la rima inicial y plasticidad del fraseologismo alemán. Por su parte, la locución esp. *ir de Herodes a Pilatos* es polisémica, ya que cuenta con el semema adicional ‘ir de una situación mala a otra peor’, ausente en el fraseologismo alemán, por lo que se trataría de un caso de hiperonimia interlingüística. El equivalente funcional más conocido del fraseologismo alemán *von Pontius zu Pilatos laufen* está también relacionado con el mundo religioso, aunque no bíblico, y presenta una rima consonante que muy bien puede haber sido la determinante para la elección de los componentes léxicos: esp. *ir de la Ceca a la Meca* (cfr. IRIBARREN, 1994: 32-33). También el fraseologismo *estar dejado de [la mano de] Dios*²⁶ presenta divergencias léxicas con respecto al alemán *von Gott und der Welt verlassen sein* (“estar abandonado de Dios y el mundo”, usado en alemán cuando el sujeto es [+hum]) y de *gottverlassen* (“abandonado de Dios”, cuando el sujeto contiene el sema [+lugar]).

Una causa importante para las diferencias de forma y significado entre los bibeísmos situacionales de ambas lenguas hay que buscarla en la distinta tipología de la vía de entrada de estos pasajes bíblicos en español y en alemán. A diferencia de lo que sucedió en Alemania, no fue la Biblia escrita la que ejerció la principal influencia para la creación de fraseologismos. Los bibeísmos situacionales trascendieron en el español por otras vías:

²⁴ El año jubilar lo celebraban los judíos festivamente. Etimológicamente viene del hebreo yobel, con el significado ‘carnero’ y después ‘cuerno de carnero’ con cuyo silbido se anunciaba este año festivo.

²⁵ Este fraseologismo está inspirado en San Lucas 23:7 sobre la idea de que Cristo, antes de ser crucificado a muerte, fue conducido ante Herodes Antipas (20 a.C.-39 d.C.), rey de Judea, y posteriormente ante Poncio Pilatos, gobernador romano entre los años 26 y 36, sin que ninguno de los dos se pronunciara a favor o en contra del condenado.

²⁶ El fraseologismo alemán [ganz und gar] von Gott verlassen sein puede considerarse como un falso amigo del fraseologismo español, ya que tiene el significado ‘haberse vuelto loco’.

- Oralmente mediante (1) los sermones; (2) la iconografía románica, gótica y barroca, tanto pictórica como escultórica, donde aparecían detallados ciertos pasajes de la Biblia (este aparato iconográfico se conoce con el nombre de “Biblia de los pobres”)²⁷;

- Por vía escrita. En este caso el texto bíblico no se encontraba en su forma original, sino que había sufrido una adaptación o remodelación, por ejemplo (1) algunas obras medievales que habían alcanzado gran difusión como la alfonsina *La General Estoria* (1272), donde se relata la historia del mundo en castellano; (2) el catecismo tridentino, en castellano, de obligado aprendizaje entre los escolares a partir del Concilio de Trento; (3) libros espirituales en castellano, sobre todo a partir del S. XVI, como las *Epístolas de San Jerónimo*, los *Morales de San Gregorio*, las *Confesiones de San Agustín* o la *Vita Christi del Cartujano*.

3.4 OTROS FRASEOLOGISMOS CON COMPONENTES LÉXICOS DEL CAMPO ‘RELIGIÓN’

Al margen de los bibeísmos claramente situacionales, en los que todavía se reconoce el pasaje inspirador de la expresión figurada, existen otros fraseologismos coloquiales, de tipología heterogénea, que si bien pueden estar inspirados en figuras y pasajes bíblicos, éstos no son ya reconocibles como tales. Muchos de ellos están relacionados con ritos sacros, como en esp. *en un santiamén*²⁸ (al. *im Nu*), o contienen un lexema procedente del ámbito religioso, como sucede con la exclamación esp. *Qué cruz [con alg.]!*, en alemán existente como *Es ist ein Kreuz mit jmdm.*, con el mismo sentido. Asimismo, la referencia de este tipo de fraseologismos con el texto original puede llegar a diluirse y no ser reconocible, como sucede con esp. *Me lo ha dicho un pajarito* (al. *Das hat mir ein Vögelchen gesungen*), en alusión al Eclesiastés 10: “Ni en los secretos de tu cámara digas mal a nadie, porque las aves del cielo llenarán la voz y harán saber la palabra”.

Algunos de estos fraseologismos son expresiones chistosas en las que la aparición de algún elemento del mundo religioso está condicionada sólo por la rima, como en español *ir en el coche de San Fernando, un ratito a pie y otro andando; una y no más Santo Tomás*, o en alemán *Sankt-Nimmerleins-Tag; vom Stamm Nimm sein, Moses und die Propheten haben*²⁹.

En alemán, este tipo de fraseologismos con lexemas religiosos es mucho menos frecuente que en español (cfr. BALZER et al., 2004: 257), por lo que los equivalentes funcionales de muchos de los fraseologismos españoles presentan dominios-fuente no relacionados con el campo conceptual de la religión. Como afirma Földes (1986: 180), es el predominio de lo idiosincrásico sobre lo supranacional en este tipo de expresiones, lo que dificulta la existencia de equivalentes plenos en otras lenguas. Así sucede entre el español y el alemán, como se observa en los siguientes ejemplos en los que la correspondencia alemana presenta una imagen totalmente distinta a la de los fraseologismos españoles: *tener más paciencia que el Santo Job* (*eine Engelsgeduld haben*: “tener paciencia de ángel”), *donde Cristo dio las tres voces*³⁰ (*wo sich Fuchs und Hase gute Nacht sagen*:

²⁷ Agradezco esta información al profesor Xesús Ferro Ruibal, del Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades (Santiago de Compostela).

²⁸ En alusión a lo poco que tarde en decirse *In nomine patri et filii et spiritus sancti. Amen.*

²⁹ De manera igualmente chistosa se antepone la palabra *Sankt* en alemán a sustantivos, creándose nuevas palabras, del tipo: *Sankt Bürokratius* (literalmente “San Burocracio”, en alusión a la burocracia), *Sankt Ohnegeld* (“San Sindinero”, para alguien que nunca lleva dinero), etc. (cfr. RÖHRICH, 2004: 1280-1281).

³⁰ Esto recuerda al pasaje en el que Cristo fue tentado por el demonio en el desierto después de diez días de ayuno. Cristo resistió a la tentación con tres gritos (cfr. IRIBARREN, 1994: 64). Todo esto sucedió en el desierto, que en el fraseologismo se ha asociado con un lugar remoto.

“donde el zorro y la liebre se dan las buenas noches”), *llorar como una Magdalena* (*heulen wie ein Schlosshund*: “llorar como un perro de un castillo”), *en menos que canta un gallo*³¹ (*im Handumdrehen*: “en dar la vuelta a la mano”), *pasar las de Caín, pasar un calvario*³² (para ambas: *für jmdn. die Hölle sein*: “ser el infierno para alg.”). En otros casos, el fraseologismo español no tiene equivalente idiomático en alemán, necesiéndose de una paráfrasis para verter su significado, como sucede con *ser mano de santo* y *necesitar Dios y ayuda*. De acuerdo con los casos estudiados se constata de nuevo que cuanto más nos alejamos de la fuente escrita original, mayores son las discrepancias de equivalencia en ambas lenguas.

Con respecto a los motivos que pueden haber desembocado en esta profusión de fraseologismos españoles con elementos léxicos procedentes del ámbito religioso y de registro coloquial, se podrían aducir varios:

1) La herencia árabe en España, con las invocaciones constantes de los árabes a Alá, lo que podría explicar también la tendencia a expresarse apoyándose en imágenes, tan propia del mundo oriental (cfr. CALERO FERNÁNDEZ, 1998: 163);

2) La contribución del modo de hablar de los judíos conversos, ya que en los momentos más intransigentes de la Inquisición, los judíos tuvieron especial interés en abusar de expresiones con elementos religiosos, con la finalidad de alejar cualquier sospecha acerca de su confesión (cfr. SOLER-ESPIAUBA, 1990: 771);

3) La estrecha vinculación de los ritos católicos a los santos y vírgenes, cuyas imágenes forman parte del folclore y de las variadas demostraciones de fe callejeras. Este aspecto barroco de la religión se refleja sin duda en el español, a diferencia de lo que pasa en el alemán, impregnado de la austeridad luterana y con una prohibición expresa del culto a santos y vírgenes.

La irreverencia y falta de respeto a la religión es una de las características más llamativas de muchas de estas expresiones en español, en las que desatendiendo al segundo mandamiento de la Ley de Dios se cita incasablemente a Dios y Cristo (*venirle a uno a ver Dios, ni Dios, ni cristo, montar un cristo, no hay cristo que..., por los clavos de Cristo, pegar como a un Cristo dos pistolas, estar hecho un eccehomo*³³, *estar hecho un Cristo*³⁴), y en menor medida a la Virgen (*un frío de la Virgen, ser un viva la Virgen, fiate de la Virgen y no corras*), y cuya traducción literal a otras lenguas nos hace conscientes de la dimensión de sus contenidos blasfemos o irrespetuosos. Los ejemplos aducidos en los trabajos de Soler-Espiauba (1990), Morant Marco (1991) y Calero Fernández (1998) son una buena prueba del ingente caudal de frases hechas irreverentes hacia la religión católica. Expresiones como las anteriores o del tipo *estar como Dios, no hay Dios que lo entienda, pegarse una hostia, para más inri, liarse a hostias, ser del copón*, nos dan la pauta por su volumen de la importancia de la religión y los personajes religiosos para el pueblo español³⁵. No comparto la opinión de que la irreverencia e irrespetuosidad latentes en estos fraseologismos sean una señal de anticlericalismo español, como afirma Soler-Espiauba (1990: 778), o secularización

³¹ En referencia a la traición de Pedro, que negó a Cristo antes del canto del gallo.

³² Calvario en alusión al monte Calvario donde fue Cristo crucificado. Las palabras Calvaria en latín, Κρανίου Τοπος (Kraniiou Topos) en griego y Gúlgaltâ en arameo significan todas ‘cráneo’ o ‘calavera’, lo cual podía hacer referencia a que en la colina había un montón de calaveras apiladas o una roca con hoyos que parecía una calavera (cfr. <http://es.wikipedia.org/wiki/Calvario>).

³³ En alusión a las palabras que pronunció Poncio Pilatos ante Jesús flagelado antes de ser crucificado.

³⁴ En alusión al mal aspecto de Cristo en la cruz. El equivalente funcional alemán de este fraseologismo es *wie das Leiden Christi aussehen* (“tener el aspecto de las penas de Cristo”).

³⁵ A este respecto comenta Soler-Espiauba (1990: 770): “Siendo cada lengua un claro exponente de la mentalidad y visión del mundo del pueblo que la habla, no es de extrañar que el español esté plagado de expresiones relacionadas con la religión y lo religioso, poniéndose así de relieve la importancia fundamental que la relación con lo divino, con el más allá, con los personajes y rituales del culto, con los santos, la Virgen y el Diablo ha tenido siempre para nuestro pueblo”.

de la sociedad española, como sostiene Morant Marco (1991: 72). Más bien al contrario, el hecho de que nos centremos tan afanosamente en este ámbito conceptual –también los más jóvenes lo hacen– es un índice claro de lo que la religión nos sigue ocupando y preocupando³⁶.

4 CONCLUSIONES

Comúnmente se suele reconocer el carácter de “internacionalismo” de los fraseologismos procedentes de la Biblia, cayendo en el tópico de subrayar el alto o total grado de equivalencia entre este tipo de frases idiomáticas en las distintas lenguas del Occidente cristiano. Sin embargo nuestro estudio de los bibeísmos del español y del alemán nos ha llevado a constatar bastantes divergencias interlingüísticas entre ambas lenguas, ya sea desde un punto de vista formal o semántico.

Los resultados del estudio de los bibeísmos induce, igualmente, a defender una distinción entre “internacionalismo” y “calco”, así como entre los bibeísmos y otros tipos de internacionalismos como los procedentes de obras de la Antigüedad clásica o de la literatura europea, que carecen de las particularidades propias de las distintas versiones del Libro de los Libros. Precisamente entre los bibeísmos no se dan tantas coincidencias interlingüísticas como en otros fraseologismos de motivación intertextual, lo cual está íntimamente relacionado con el hecho de que las expresiones idiomáticas bíblicas surgieron paralelamente en varias lenguas, a partir de una fuente común, y no fueron traducidas en cadena de lengua a lengua.

Considerando los mecanismos concretos de formación de los bibeísmos, vemos la pertinencia de distinguir entre bibeísmos contextuales y bibeísmos situacionales, siendo los primeros reproducciones más o menos exactas de pasajes bíblicos y estando los segundos sólo inspirados en partes de la Biblia. Los bibeísmos situacionales son los que más difieren entre sí desde un punto de vista interlingüístico y también los más coloquiales. Asimismo, hemos podido constatar que en el primer grupo se encuentra un elevado número de sentencias y refranes (*Ojo por ojo, diente por diente*), mientras que en el segundo son frecuentes los fraseologismos sustantivos (p. ej. *arca de Noé, hijo pródigo, fruto prohibido* etc.). Otra causa relevante para la ausencia de equivalencia entre bibeísmos del alemán y el español es la diferente fuente de los que fueron traducidos. Mientras que en alemán sirvió de base la traducción de Lutero, basado en los originales del hebreo y griego, la versión española de la Biblia partió de la Vulgata. En este sentido, conviene recordar que la Biblia nos transmite la descripción de un mundo real, que cada lengua ha adaptado de acuerdo con la idiosincrasia geográfica, cultural, antropológica, simbólica, zoológica y botánica de su comunidad. Por otra parte, la clara preponderancia de bibeísmos en alemán sobre el español se explica por el rito luterano de participación activa de los feligreses en los actos religiosos y catequesis, donde se lleva a cabo la lectura en grupo y el comentario de las Sagradas Escrituras. De esta manera, los encuentros de los fieles luteranos y las charlas sobre la Biblia en lengua alemana, y no en latín, fueron durante siglos un caldo de cultivo para el trasvase de los fraseologismos bíblicos a la lengua oral alemana.

Por último, entre los bibeísmos más populares del alemán y el español se han puesto de relieve:

³⁶ En este sentido cabe recordar las palabras de Sapir (1974: 21): “El vocabulario completo de un idioma puede ciertamente considerarse como un inventario completo de todas las ideas, intereses y ocupaciones que embargan la atención de la comunidad”.

- Diferencias léxicas, por ejemplo en los casos de expansión en las expresiones de una u otra lengua (cfr. al. *sich die Hände in Unschuld waschen* (literalmente “lavarse las manos en inocencia”) vs. esp. *lavarse las manos*);

- Divergencias en los semas que configuran el significado fraseológico y su combinabilidad con otros lexemas en el contexto (cfr. al. *um [ein] Jota* vs. esp. *ni jota*). Esto se debe en parte a que un mismo bibeísmo puede aparecer en varias partes de la fuente bíblica, en el Antiguo y en el Nuevo Testamento, y dentro de éste en varios evangelios con matices diferentes. Otras veces, se trata simplemente de diferentes grados de alteración, remodelación y/o alejamiento de una misma expresión en alemán y español con respecto al pasaje original hebreo o griego (cfr. al. *die Stimme des Predigers in der Wüste* (literalmente “la voz del predicador en el desierto”) vs. esp. *predicar en desierto*);

- Divergencias en el nivel estilístico o en las connotaciones del bibeísmo (cfr. al. *von Angesicht zu Angesicht* (culto) vs. esp. *cara a cara* (neutro));

- Casos de equivalencia cero (cfr. al. *sich Asche aufs Haupt streuen*, sin correspondencia en español).

Con este estudio esperamos contribuir a aclarar algunas de las causas de las divergencias en las relaciones de equivalencia de los bibeísmos alemanes y españoles, y cubrir en cierto modo el hueco existente en la investigación fraseológica de los bibeísmos en torno a este par de lenguas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZER, B. et al. Kulturelle Besonderheiten in der kontrastiven Phraseologie. In: BRDAR-SZABÓ, R.; KNIPF-KOMLÓSI, E. (Ed.). *Lexikalische Semantik, Phraseologie und Lexikographie*. Abgründe und Brücken. Festgabe für Regina Hessky. Berlín/Nueva York: Peter Lang, 2004, p. 253-272.

BRAUN, P.; KRALLMANN, D. Inter-Phraseologismen in europäischen Sprachen. In: BRAUN, P.; SCHAEDEER, B.; VOLMERT, J. (Ed.). *Internationalismen. Studien zur interlingualen Lexikologie und Lexikographie*. Tübingen: Niemeyer, 1990. p. 74-86.

BIBLIA online, 2006. Disponible: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acceso en: 17 fev. 2015.

BUJÁN OTERO, P.; MELLADO BLANCO, C. Dormir el sueño de los justos. Fraseología y valores pragmáticos a partir de corpus textuales en alemán y español. In: MOSKOWICH-SPIEGEL FANDIÑO et al. (Ed.). *Language Windowing through Corpora*. A Coruña: Universidade da Coruña, 2010. p. 125-137.

BÜHLMANN, W.; SCHERER, K. *Sprachliche Stilfiguren der Bibel*. Von Assonanz bis Zahlenspruch, Giessen: Brunnen, 1994.

CALERO FERNÁNDEZ, M. A. Acerca de Dios y del demonio en la fraseología española y catalana. In: WOTJAK, G. (Ed.). *Estudios de fraseología y fraseografía del español actual* Frankfurt a. M.: Vervuert, 1998, p. 155-194.

CANTERA ORTIZ, J. Fraseología bíblica comparada. Su reflejo en el refranero español, *Paremia*, v. 14, p. 27-41, 2005.

CORPAS PASTOR, G. Acerca de la (in) traducibilidad de la fraseología. In: CORPAS PASTOR, G. (Ed.). *Diez años de investigación en fraseología: análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos*. Madrid: Iberoamericana, 2003. p. 275-310.

- DAVIES, M. *Biblia Políglota Latín, Español Antiguo, Español Moderno*. 2006. Disponible: <<http://davies-linguistics.byu.edu/span3/>>. Acceso en: 5 fev. 2017.
- BIBLISCHE REDENSARTEN UND SPRICHWÖRTER. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2004.
- DIE GUTE NACHRICHT BIBEL. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2000.
- DOBROVOL'SKIJ, D. Zum Verhältnis des universellen und einzelsprachspezifischen in der Idiomatik (kognitivsemantische Aspekte), In: EISMANN, W. *Europhras 95: europäische Phraseologie im Vergleich: gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Bochum: Brockmeyer, 1998. p. 151-163.
- DOBROVOL'SKIJ, D.; PIIRAINEN, E. *Zur Theorie der Phraseologie*. Kognitive und kulturelle Aspekte. Tübingen: Stauffenburg, 2009.
- DUDEN: *Redewendungen*. Mannheim: Dudenverlag, 2002. v. 11.
- EISMANN, W. *EUROPHRAS 95*. Europäische Phraseologie im Vergleich: gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt. Bochum: Brockmeyer, 1998.
- ETTINGER, S. Wiederholte Rede und Bibelsprache. Bemerkungen zur deutsch-französischen Übersetzung biblischer Zitate. *Linguistica Biblica*, v. 40, p. 1-20, 1977.
- FÖLDES, C. Biblische Phraseologismen im Deutschen und Ungarischen. *Germanistisches Jahrbuch DDR-UVR*, p. 176-191, 1990.
- FÖLDES, C. Die Bibel als Quelle phraseologischer Wendungen: dargestellt am Deutschen, Russischen und Ungarischen. *Proverbium*, v. 7, p. 57-75, 1986.
- FUNK, G. A Bíblia como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes, *Paremia*, v. 7, p. 97-106, 1998.
- GAK, V. G. Probleme der kontrastiven Phraseologie. Biblische Phraseologismen in der Russischen und in der Französischen Sprache. In: EISMANN, W. *Europhras 95: europäische Phraseologie im Vergleich: gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Bochum: Brockmeyer, 1998. p. 237-246.
- IDSTRÖM, A.; PIIRAINEN, E. *Endangered Metaphors*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.
- IRIBARREN, J. M. *El porqué de los dichos*. Pamplona: Gobierno de Navarra, 1994.
- KISPÁL, T. Biblische Sprichwörter im Deutschen und im Ungarischen. In: EISMANN, W. *Europhras 95: europäische Phraseologie im Vergleich: gemeinsames Erbe und kulturelle Vielfalt*. Bochum: Brockmeyer, 1998. p. 377-388.
- KRAUSS, H. *Geflügelte Bibelworte*. München: Beck, 1993.
- KRAUSS, H. Von Pontius zu Pilatus laufen: geflügelte Bibelworte aus dem Alten und Neuen Testament. *Praxis Geschichte*, v. 12, p. 58-60, 1999.
- LEVIN-STEINMANN, A. Lehnbildung oder Produkt der Wirkung vortextunabhängiger kognitiver Prozesse? In: PALM, CH. (Ed.). *Europhras 2000*. Tübingen: Stauffenburg, p. 273-284, 2004.
- LUQUE NADAL, L. Las referencias bíblicas en inglés y en español. Estudio culturalógico-contrastivo. *Odisea*, v. 11, p. 269-283, 2010.
- LUTHER TESTAMENT. *Neues Testament und Psalmen*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.
- MELLADO BLANCO, C. Formas estereotipadas de realización no verbal en alemán y español: los cinegramas desde un enfoque contrastivo-histórico. In: CORPAS PASTOR, G. (Ed.). *Las*

lenguas de Europa: estudios de fraseología, fraseografía y traducción. Granada: Editorial Comares, 2000. p. 389-410. (Colección Interlingua).

MELLADO BLANCO, C. A relevancia da teoría da modelabilidade de Valerii Mokienko a través da súa monografía Fraseoloxía Eslava (1980/Trad. Galega 2000). *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, v. 6, p. 149-158, 2004a.

MELLADO BLANCO, C. *Fraseologismos somáticos del alemán*. Un estudio léxico-semántico, Berlín/Nueva York: Lang, 2004b.

MELLADO BLANCO, C. Tipología de la motivación fraseológica en un corpus onomasiológico alemán-español. IN: HUERTA, P. M. et al. (Ed.). *Fraseología, opacidad y traducción*. Berlín: Peter Lang, 2013. p. 39-65.

MELLADO BLANCO, C. Parámetros específicos de equivalencia en las unidades fraseológicas (con ejemplos del español y el alemán). *RFULL - Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, v. 33, p. 153-174, 2015.

MIEDER, W. *Die biblischen Sprichwörter der deutschen Sprache*. Berlín: Peter Lang, 1987.

MOKIENKO, V. *Fraseoloxía Eslava*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1980/ Trad. 2000.

MORANT MARCO, R. La secularización lingüística en español. *Iberoromania*, v. 33, p. 58-73, 1991.

NUEVO TESTAMENTO. (Versión directa del texto original griego). Trad. por E. Nácar Fuster. Madrid: Bibliotecta de Autores Cristianos, 1964.

OLZA MORENO, I. *Corporalidad y lenguaje*. La fraseología somática metalingüística del español. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 2011.

PARAD, J. Zu Unterschieden zwischen deutschen und finnischen Verbidiomen biblischen Ursprungs. In: KORHONEN, J. (Ed.). *Untersuchungen zur Phraseologie des Deutschen und anderer Sprachen: einzelsprachspezifisch – kontrastiv – vergleichend*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 1992, p. 153-162.

PFEFFER, J. A. Das biblische Zitat im Volksmund der Germanen und Romanen. In: ALLEMANN, B.; KOPPEN, E. (Ed.). *Teilnahme und Spiegelung*. Festschrift für Horst Rüdiger. Berlín: de Gruyter, 1975. p. 99-111.

PIIRAINEN, E. Europeanism, internationalism or something else? Proposal for a cross-linguistic and cross-cultural research project on widespread idioms in Europe and beyond. *Hermes, Journal of Linguistics*, v. 35, p. 45-75, 2005.

PIIRAINEN, E. *Widespread Idioms in Europa and Beyond*. Toward a Lexicon of Common Figurative Units. New York: Peter Lang, 2012.

RÖHRICH, L. *Lexikon der sprichwörtlichen Redensarten*. Friburgo: Herder, 2004.

SAPIR, E. El lenguaje y el medio ambiente. In: GARVIN, P. L.; LASTRA, S. (Ed.). *Antología de Estudios de Etnolingüística y Sociolingüística*. México: Universidad Autónoma de México, 1912/1974, p. 19-84.

SCHINDLER, C. *Untersuchungen zur Äquivalenz von Idiomen in Sprachsystem und Kontext*. Münster: Verlag Münster, 2004.

- SECO, M.; OLIMPIA, A.; RAMOS, G. *Diccionario fraseológico documentado del español actual*. Locuciones y modismos españoles. Madrid: Santillana, 2004.
- SEVILLA MUÑOZ, J.; CANTERA ORTIZ, J. *877 refranes españoles con su correspondencia catalana, vasca, francesa e inglesa*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2000.
- SEVILLA MUÑOZ, J.; CANTERA ORTIZ, J. *Pocas palabras bastan: vida e interculturalidad del refrán*. Salamanca: Centro de Cultura Tradicional de la Diputación de Salamanca, 2002.
- ŠILEIKAITE, D. *Somatische Phraseologismen in der Bibel Deutsch- Litauisch- Georgisch*. [Manuscript]. 2006.
- SKLADANÁ, J. Internationalismen in der Phraseologie. In: KROSLÁKOVÁ, E. *Frazeológia vo vzdelávaní, vede a kultúre*. Phraseology in Education, Science and Culture. Nitra: Pedagogická fakulta v Nitre, 1993. p. 345-353.
- SOLER-ESPIAUBA, D. Impacto del fenómeno religioso en el español coloquial. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA, Tenerife, 1990. *Actas...* Tenerife: Gredos, 1990. v. 2, p. 769-786.
- STEGER, H. *33 Biblische Redensarten*. Augsburg: Pattloch, 1998.
- WECKMANN, B. Sprichwort und Redensart in der Lutherbibel. *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen*, v. 221, p. 19-42, 1984.
- ZHOLOBOVA, A. *Unidades fraseológicas de origen bíblico en español y ruso*. Tesis Doctoral. Universidad de Granada [Manuscrito], 2011.
- ZIMMERMAN, H. *Tres mil historias de palabras y frases que decimos a cada rato*. Buenos Aires: Aguilar, 1999.

MODULARITÉ DU FIGEMENT

A MODULARIDADE DA FIXAÇÃO

Lichao Zhu*

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous proposons un regard formel sur les séquences figées (SF). Il nous semble que la matière graphique constitue le fondement des SF qui les distingue des autres compositions lexicales libres. Les spécificités constructionnelles des SF sont, de notre point de vue, révélatrices des sémantismes qu'elles enfouissent. En analysant les différentes formes des compositions figées, nous démontrerons que le degré de fixité d'une SF est lié à sa forme qui est elle-même modulable.

Mots clés: Modularité. Figement. Séquences figées.

RESUMO

Neste artigo, propomos um olhar formal sobre as sequências fixas (SF). Parece-nos que o material gráfico constitui o fundamento da SF que as distingue de outras composições lexicais livres. As especificidades de construção de SF são, do nosso ponto de vista, reveladoras dos sentidos que elas concentram. Ao analisar as diferentes formas de composições fixas, mostraremos que o grau de fixação de uma SF está relacionado a sua forma que, por sua vez, é ajustável.

Palavras-chave: Modularidade. Fixação. Sequências fixas.

1 INTRODUCTION

Le présent travail s'inspire des travaux sur le figement qui ont porté leurs fruits pendant ces dernières décennies (GROSS, 1982; GROSS, 1996; MEJRI, 1997) dans le but de définir, nuancer et finalement modéliser le figement. S'est développé un raisonnement davantage analytique et éclectique qui contribue à débattre de tous les aspects de ce phénomène.

* Université Paris 1 - Sorbonne Paris Cité. Laboratoire Pléiade (EA 7338). E-mail: lichao.zhu@gmail.com

Dans cet article, nous aborderons les aspects mécaniques et normatifs des constructions figées (CF) et procéderons à une modélisation en deux temps qui sépare la structure de la CF et la mise en relation de ses composants. Nous poserons un regard modulaire qui prend comme paramètres formels, constructionnels et sémantiques.

2 MODELE DU FIGEMENT

Les caractéristiques ambivalentes formelles et sémantiques des formes figées font qu'un locuteur est tiraillé entre la forme graphique qui donne toujours lieu à un sens calculé (composé) et un sens non-calculé (global), et la perception cognitive qui sélectionne et privilégie ce dernier, ce qui trahit en quelques sortes le principe de correspondance entre *la somme* de signifiants et celle de signifiés, un principe qui est généralement respecté chez les combinatoires libres. Pour illustrer ce point de vue, nous mettons en parallèle les deux phrases suivantes :

1. Jacques a *mangé son chapeau*, il n'a pas aidé Marianne.
2. *Jacques a *mangé son chapeau* bleu par accident.

Le sens de *manger son chapeau* est perçu différemment dans 1 et 2. Dans 1, le verbe *manger* n'est pas motivé contrairement à 2¹. Dans 2, non seulement la construction figée est interprétée de manière compositionnelle - *ce* qui contrevient au principe de la fixité de la forme - elle est incongrue dans la phrase. Mais cette incongruité ne pourra être décelée que si nous admettons en amont que la CF peut être interprétée compositionnellement. La fixité de la forme graphique de *manger son chapeau* l'emporte sur l'interprétabilité cognitive de la construction.

Dès lors, il nous semble primordial de séparer la forme graphique du contenu cognitif et qu'il faut créer un modèle d'« analyse en deux temps » (two-stage model) (FRAZIER; FODOR, 1978). Dans un premier temps, une construction lexicale reçoit une structure tant sur une base de catégories grammaticales des composantes que sur sa formation canonique. Dans un deuxième temps, cette structure sera évaluée au plan sémantique.

Nous nommons la forme graphique « moule » Zhu (2016) qui renvoie à la représentation graphique de la CF, cette notion doit englober toutes les caractéristiques d'une quelconque forme langagière figée, à laquelle s'ajoutent les connexions sémantiques et référentielles entre les composantes au sein de la forme. Dans un sens plus large, il est plus judicieux d'appeler cette configuration « module » et ce processus épistémologique « modélisation ».

3 FORME MODULAIRE

La notion de « continuum » du figement Mejri (1997) stipule que toutes les formes lexicales trouvent leur place dans un continuum évolutif des formes lexicales, mais cela pose un problème de congruence entre le signifié et le signifiant, étant donné que la réalisation du signifiant est protéiforme et hétérogène.

¹ La phrase dans 2 n'est pas bien constituée. *Manger* et *chapeau* ne sont pas collocationnels ou concurrentiels. Mais le verbe est motivé pour qu'on puisse constater l'incorrection de la phrase.

3.1 COMPOSITION FORMELLE

Avant toute stratification des structures des formes figées, le substrat matériel est la condition *sine qua non*, car elles se distinguent d'abord des combinatoires libres par son existence visuelle en l'espèce du signifiant. Ce substrat est vital dans le fonctionnement de certaines langues telles que le chinois qui est une langue idéogramme². Avec ce raisonnement, nous pouvons considérer que la langue française dispose elle aussi des formes modulaires avec séparateurs tels que trait d'union, espace, etc., tandis qu'en chinois, les sinogrammes s'écrivent sans espace. Nous osons imaginer avec cette comparaison que la configuration formelle des mots est également un élément que l'on doit prendre en compte dans la description des modèles linguistiques.

3.2 FORMES MORPHÉMIQUES

Saussure (1972) évoque la modulation du principe de l'arbitraire linguistique en introduisant la notion de « motivation ». Autrement dit, l'arbitraire serait un principe et la motivation une mesure qui détermine le degré d'arbitraire. Considérons:

3. vingt
3. vinaigre,
4. porte-manteau
5. m'as-tu-vu
6. pomme de terre

Dans 3, *vingt* est constitué d'un seul morphème ; dans 4, *vinaigre* est constitué de deux morphèmes « vin » et « aigre » qui sont *de facto* deux mots ; dans 5, le mot composé avec un trait d'union comporte deux morphèmes : *porte*, *manteau* qui sont également des mots ; dans 6, les quatre morphèmes, *m-*, *as*, *tu*, *vu*, forment syntaxiquement une phrase ; dans 7, le morphème *de* lie *pomme* et *terre*, qui sont deux unités autonomes, pour former un syntagme nominal.

Ce type de construction amalgamée que Meiri (1997) considère comme une « rupture formelle » signifie selon lui « l'aboutissement d'une évolution qui est consacrée par des transformations phonétiques et/ou orthographiques, grâce à laquelle le complexe rejoint le simple pour que l'équilibre général soit assuré. » Meiri (1997: 38). Autrement dit, ces constructions sont analytiques et de par leurs caractères formels, révélatrices d'une certaine modularité de la langue.

Rappelons les constructions des exemples ci-dessus:

- 3a. *vingt*, Morph1
- 4a. *vinaigre*, Morph1Morph2
- 5a. *porte-manteau*, Morph1-Morph2
- 6a. *m'as-tu-vu*, Morph1'-Morph2-Morph3-Morph4
- 7a. *pomme de terre*, Morph1_Morph2_Morph3

² Afin d'obtenir un modèle qui s'applique à toutes les langues, il convient d'examiner des langues dont les fonctionnements sont radicalement différents. Une langue idéogramme peut passer outre le substrat phonologique et peut signifier par ses caractéristiques visuelles.

Les formes susmentionnées enchâssant des morphèmes ont chacune un signifié et un signifié peut se décliner en plusieurs formes de composition lexicale. Dans 1a, la forme étant indivisible, elle est à la fois mot, morphème et graphème (logogramme) ; dans 4a, les deux morphèmes sont agglutinés, sans espace, pour former un mot ; dans 5a, les deux morphèmes sont fusionnés à l'aide d'un trait d'union qui est le marqueur séparateur. Il est intéressant de constater que le morphème *porte*³ est également un préfixe fécond, il est noté comme tel pour former d'autres mots composés tels que : *porte-clef*, *porte-bagage*, *porte-plume*, etc. Dans 6a, les traits d'union sont des signes distinctifs pour signifier qu'il s'agit d'un mot composé au lieu d'une phrase interrogative. Dans 7a, les séparateurs des morphèmes sont des espaces, les morphèmes sont visuellement reconnus comme des mots formes.

La connexion sous forme de trait d'union est forte, les mots et les morphèmes composants subissent de grandes contraintes et sont « immobilisés » en faisant partie d'un moule, par exemple *un laissez-passer*, *un porte-crayons*, *un fume-cigarette*, *un garde-manger*, *un lance-pierre*, *un décrochez-moi-ça*, etc. Le mot composé à trait d'union se distingue formellement du moule canonique d'un mot graphique qui ne présente pas de démarcation formelle entre les composants. Comportant des espaces qui séparent graphiquement les mots, la forme syntagmatique incite les locuteurs à procéder d'abord à une lecture combinatoire. La construction figée peut par conséquent être systématiquement perçue en tant que syntagme ordinaire.

- I. forme monomorphémique
- II. forme polymorphémique (le figement)
 - i. mot composé sans espace
 - ii. mot composé avec un trait d'union
 - iii. mot composé avec plus d'un trait d'union
 - iv. mot composé avec espace (syntagme)

Le figement intervient dans la seconde catégorie, « forme polymorphémique ». Au sein de cette catégorie, nous distinguons les mots composés sans espace (du point de vue formel) tels que *vinaigre*, les mots composés avec un ou plusieurs traits d'union et finalement les mots composés avec espace, sous forme de syntagme, comme *pomme de terre*. Ainsi, s'il est vrai qu'un mot monomorphémique n'est pas motivé, un mot composé et un syntagme qui requièrent plus de deux morphèmes le sont par défaut.

4 MODE DE CONSTRUCTION

Formellement parlant, la plupart des constructions figées prédicatives sont sujettes à deux interprétations : interprétation compositionnelle au premier plan, interprétation compositionnelle en filigrane. Ce postulat est essentiel vis-à-vis de la reconnaissance des CF et du défigement.⁴

8. Jacques *fait le mariole*.
8. Jacques *prend une veste*.
9. Jacques *a une marotte*.

³ La forme à trait d'union est également la forme adoptée pour noter les affixes dans les dictionnaires.

⁴ Deux points de vue coexistent à l'égard de la reconnaissance du figement : celui du décodage et celui de l'interprétation.

Considérons ces exemples qui sont grammaticaux. Nous réalisons d'abord que ces expressions semblent partager la même construction verbale : V Det N. Ce faisant, elles acquièrent une nature grammaticale qui s'impose à tous les éléments qui les composent. Autrement dit, la nature grammaticale du syntagme nominal suivant le verbe est « muette », puisque la nature de la construction figée est celle du verbe. Considérons les exemples comme suit:

1. Jacques *fait du pain*.
2. Jacques *prend un bus*.
3. Jacques *a un livre*.

Les 11, 12 et 13 disposent également de la construction « V SN » au même titre que les exemples précédents. La différence est que les 8, 9 et 10 sont atomiques et que les 11, 12, 13 sont « moléculaires ».

4.1 MOULE « ATOMIQUE » OU MOULE « MOLÉCULAIRE »

La structure formelle des formes figées est ressemblante à celle d'une molécule ou d'un atome (ZEMB, 1989). Si nous considérons que les atomes sont des unités lexicales indivisibles⁵ dans la langue, les liaisons sont quant à elles les représentations graphiques (visibles) et leurs liens sémantiques (invisibles)⁶. En français, les liaisons visibles se déclinent sous les formes suivantes : l'espace, le trait d'union ou d'autres ponctuations ; les liaisons invisibles sont celles qui sous-tendent les connexions sémantiques entre les mots composants. Le modèle graphique occupe une place primordiale dans la modélisation du langage, car « le modèle graphique de la langue est une projection graphique du modèle du signe basée sur le déploiement consécutif dans un système de coordonnées linguistiques. » (CHINGAREVA-SLAVINE, 2003: 66).

Supposons que les mots-formes sont des atomes⁷ (indivisible formellement) et qu'ils composent une molécule (un syntagme, divisible formellement). Dans ce cas, les SV dans les exemples de 8 à 13 auront la même structure moléculaire : V + DET + N. Or, de 8 à 10, les syntagmes semblent être sémantiquement atomiques : *le calcul des signifiés composant le syntagme ne fonctionnera pas, car l'arbitraire du signifiant, en l'occurrence le syntagme en entier, l'emporte*. Comparons 8a et 11a:

8a Jacques *fait le mariole*.

11a Jacques *fait du pain*.

Les syntagmes *faire la mariole* et *faire du pain*, tous deux amorcés par le verbe *faire*, ont la même nature grammaticale et la même construction, le même moule formel *a priori*. Qu'en est-il au niveau du modèle sémantique ? Dans 8a, il n'est pas question de *calculer* les signifiés

⁵ L'indivisibilité est à la fois formelle et sémantique.

⁶ Un parallélisme peut être établi avec une langue non alphabétique telle que le chinois qui est représenté par les idéogrammes écrits sans espace. Peut-on dire que les liens graphiques entre les formes en chinois sont plus forts qu'en français ? Toutes ces deux langues posent les mêmes problèmes de reconnaissance et de délimitation lexicales.

⁷ Nous pouvons nous interroger sur la question de la composition polymorphémique de certaines unités monolexicales. Il est en effet problématique de considérer, étant donné que l'atome est l'unité de composition minimale d'une molécule, qu'un morphème se situe encore à un niveau inférieur. Par conséquent, nous considérerons que l'atome désigne *de facto* un mot-forme qui n'aborde que l'aspect graphique d'un mot dans le sens traditionnel, un « mot forme » (MEL'CUK, 2011).

atomiques au sein du syntagme, car le syntagme n'est pas calculable. Son signifiant *faire le mariole* est réquisitionné d'une manière métonymique et est mis en relation avec un autre signifié moléculaire, que l'on peut paraphraser comme « avoir la manie », qui n'a guère de relation sémantique avec les signifiants atomiques composant le syntagme en question. Dans 11a, les signifiés atomiques sont calculés et additionnés, tout en gardant leur congruence signifié/signifiant – chaque partie du discours participe à la construction du sens du syntagme – le verbe support actualise l'argument prédicatif, lui-même actualisé par le déterminant *du*.

Par conséquent, un moule constructionnel peut correspondre à plusieurs modes de construction. Le paramètre formel n'est donc pas le seul critère discriminant dans la reconnaissance des moules figés.

4.2 CATÉGORIE GRAMMATICALE ET CONSTRUCTION

La nature grammaticale du modèle du figement dépend en partie du mode de construction des syntagmes. Les syntagmes lambda de chaque catégorie grammaticale requièrent des éléments indispensables dans leur construction.

Un syntagme verbal requiert une construction portée par un verbe dont le changement morphologique assure la connexion entre le syntagme et l'argument.

- 14. Jacques mange une pomme.
- 12. Jacques et Marianne mangent des pommes.

Les morphèmes *t* et *vent* assurent la congruence en nombre entre l'argument et le verbe. Les syntagmes figés agissent de la même façon.

- 13. Jacques fait la tête.
- 14. Jacques et Marianne font la tête.

Les 14 et 15 montrent que constructionnellement, les CF verbales respectent le mode de construction des CF verbales canoniques. En revanche, la « structure interne » de la construction est la source de la fixité.

- 15. *Jacques et Marianne font des (les) têtes.

Dans 14 et 15, nous constatons qu'il n'y a pas de restriction de quantification⁸ qui se manifeste au niveau de la syntaxe du syntagme, entre autres au niveau de l'argument. En revanche, dans 18, la pluralisation du déterminant est bloquée. C'est là que l'on aperçoit précisément la fixité formelle du syntagme *faire la tête*.

Il en est de même pour les CF adjectivales.

- 16. Jacques est beau comme un camion.
- 17. *Jacques et Marianne sont beaux comme des camions.

⁸ Le sujet de la quantification au sein des constructions figées est très peu abordé, alors qu'il est le cœur même de la fixité.

La pluralisation du déterminant est interdite comme le montre l'exemple 20. Le syntagme adverbial « comme » sert de « parangon » (ANSCOMBRE, 2011) qui est de fait un moule structurant⁹.

D'un point de vue constructionnel, certaines CF sont dotées de constructions non canoniques. Considérons les constructions suivantes:

18. *Jacques fait flanelle.*

19. *Tout à coup, il pleut.*

Si nous isolons la catégorie grammaticale de chaque élément du syntagme *faire flanelle* dans 21, nous nous apercevons que les conditions d'une bonne formation d'un syntagme verbal ne sont que partiellement remplies, car le nom n'est pas précédé d'un déterminant. Dans le 22, la construction ADJ PREP N de *tout à coup* n'est pas une construction habituelle¹⁰. Ces constructions non canoniques sont pour la plupart formellement identifiables et enchâssent chacune un ou plusieurs signifiés, car les syntagmes prédicatifs enferment souvent un signifié complexe qui nécessite parfois des paraphrases et des descriptions de conditions d'utilisation.

5 FLEXIBILITE ET RIGIDITE DES MODULES

Les constructions figées dont les fonctions sont

- adverbiales: *à toute allure, à tort, avec fierté...*
- conjonctives: *au cas où, ainsi que, parce que...*
- prépositives: *en dessous de, à l'intérieur de, dans le cadre de...*
- interjectives: *bon sang, à la vôtre, dis donc...*

ont de par leur nature grammaticale moins de contraintes morphologiques. Du point de vue formel, elles sont rigides et se ressemblent aux *symboles* qui renvoient à des concepts globaux plutôt qu'à des significations précises.

En revanche, les moules des constructions figées ne sont pas statiques, les connexions entre les composants du moule ne le sont pas non plus. Cette flexibilité se manifeste à deux niveaux: niveau formel et niveau sémantique.

Formellement, certaines CF acceptent les mêmes transformations que les mots simples de la même catégorie grammaticale, par exemple la conjugaison du verbe ainsi que l'insertion de modificateurs dans une CF verbale:

23. *Jacques a pris la grosse tête.*

20. *Jacques et Marianne ont vraiment pris la grosse tête.*

L'insertion de certains modificateurs est considérée par certains linguistes comme un critère d'invalidation du figement absolu. De notre point de vue, l'absence du changement morphologique n'est pas nécessairement une condition *sine qua non* du degré ultime de la fixité¹¹, car les

⁹ Il est à noter que le nom du parangon prend souvent la forme singulière avec un déterminant indéfini, mais aussi comme *riche comme Crésus, bête comme chou* dans lesquels le parangon ne comporte pas de déterminant.

¹⁰ M. Gross démontre que la rareté des constructions est souvent le gage de la fixité.

¹¹ Les contraintes de l'aspect temporel de certaines CF verbales, par exemple tuer le temps ne peut difficilement se conjuguer au passé et au futur, sont selon nous dues aux sémantismes spécifiques propres à certaines expressions.

constructions lexicales de certaines catégories (verbales, adjectivales, nominales) en français – que ce soit figées ou non – subissent toutes des changements morphologiques systématiques, qui sont dus aux caractéristiques morphologiques de la langue¹² et les CF n'en sont pas exemptes.

6 CONCLUSION

La modélisation du figement est d'abord une observation matérielle, avant tout autre analyse linguistique. Cette matérialité de la langue diffère selon les caractéristiques formelles de la langue. Traiter le figement est d'abord mettre à plat les spécificités langagières qui sont apparentées au fait de langue. C'est pour cela que comparer des langues appartenant à des familles de langues lointaines, en l'occurrence le français (indo-européenne) et le chinois (sino-tibétaine), ont de réels apports à une théorie qui est applicable à toutes les langues.

Au niveau interlingual, nous assimilons les constructions figées aux constructions canoniques avec la même structure et la même catégorie grammaticale, car ces deux dernières conditionnent les aspects formel et sémantique des constructions figées.

Il nous reste à démontrer l'aspect applicatif de cette théorie de modélisation par la création des normes applicables qui permettent d'observer, sur une série de critères large, tous les traits de la modalité du figement afin de modéliser les constructions avec des caractéristiques de fixité.

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- ADDIN EN. REFLISTX; ANSCOMBRE, J.-C. Figement, idiomaticité et matrices lexicales. *Le figement linguistique: la parole entravée*, 2011. p. 17-40.
- CHINGAREVA-SLAVINE, E. *Sémiotique, linguistique et modélisation*. Paris: Hermès Science Publications, 2003.
- FRAZIER, L.; FODOR, J. D. The sausage machine: a new two-stage parsing model. *Cognition*, v. 6, p. 291-325, 1978.
- GROSS, G. *Les expressions figées en français*. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, M. Une classification des phrases « figées » du français. *Revue Québécoise de Linguistique*, 1982. p. 151-185.
- HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. (L. é. minuit, Trad.) Kovenhavn: Akademisk Forlag, 1966.
- MEJRI, S. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structurations sémantiques*. Tunis: Publication de la Faculté des lettres de la Manouba, 1997.
- MEL'CUK, I. Phrasème dans le dictionnaire. In: ANSCOMBRE, J.-C.; MEJRI, S. (Éd.). *Le figement linguistique, la parole entravée*, 2011. p. 41-61.

¹² Un parallélisme peut être établi avec la langue chinoise qui est dépourvue de changement morphologique dans le sens des langues alphabétiques. Peut-on dire qu'une CF verbale en chinois est nécessairement plus figée que celle en français, puisque la première n'est pas soumise à la conjugaison ? Nous pensons que l'absence de la conjugaison est une caractéristique de la langue chinoise plutôt qu'un critère distinctif du figement.

- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Bibliothèque scientifique Payot, 1972.
- ZEMB, J.-M. Des atomes et des molécules. In: GRECIANO, G. (Éd.). *Phraséologie contrastive* (USHS). 1989. p. 485-493.
- ZHU, L. Pour une notion de moule dans le figement. *Les Cahiers du dictionnaire*, v. 8, p. 97-109, 2016.

O BENEFÍCIO DO DICIONÁRIO PARA A APRENDIZAGEM DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS (UFZ)

THE BENEFIT OF THE DICTIONARY FOR LEARNING PHRASEOLOGICAL UNITS WITH ZONIMIS

Rosana Budny*

RESUMO

As fraseologias povoam a comunicação diária e expressam mensagens típicas de um povo. Elas dão à língua um encanto especial, facilitam a expressividade de certas situações do dia a dia e estão presentes nas interações sociais de todo o tipo e em textos orais e escritos. As fraseologias são cientificamente conhecidas por unidades fraseológicas ou expressões fixas, embora recebam outros nomes como unidades lexicais complexas, frasemas, fraseolexemas, combinações fraseológicas etc. As unidades fraseológicas descrevem a história de um povo por meio das informações culturais contidas em suas formações e, pela sua importância, carecem de mais pesquisas da área. É nesse sentido que este artigo objetiva argumentar a favor da importância da pesquisa nos dicionários bilíngues (neste caso, do português como língua fonte para o inglês como língua alvo) e da necessidade da inserção das fraseologias com suas traduções nesses dicionários. Os pressupostos teóricos se baseiam na chamada Metalexigrafia em interface com a Fraseologia e com o Ensino de Língua Estrangeira (LE). Entre seus autores podemos citar Lewis (1993); Coady; Huckin (1997); Xatara (1998); Ortiz Alvarez (2000; 2002); Moudraia (2001); Tagnin (2005); Leal Riol (2011). O artigo esclarece que a apreensão do léxico e suas combinações lexicais se constituem uma dificuldade quando se trata do ensino e aprendizagem de língua estrangeira e, por isso, justifica-se, desse modo, a necessidade de se ensinar e dicionarizar os fraseologismos da língua portuguesa.

Palavras-chave: Fraseologia. Dicionário. Ensino de língua estrangeira.

* Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados –UFGD. E-mail:rosanabudny@ufgd.edu.br

ABSTRACT

Phraseologies crowd the daily communication and express typical messages of a people. They give the language a special enchantment, facilitate the expressiveness of certain everyday situations and are present in social interactions of all kinds, oral and written texts. The phraseologies are scientifically known by phraseological units or fixed expressions, although they receive other names like complex lexical units, Phrasemes, Phraseolexemes, phraseological combinations, etc. Phraseological units describe the history of a people by means of cultural information contained in their formations and, because of their importance, they need more research in the area. Therefore, this article aims at arguing in favor of the importance of research in bilingual dictionaries (in this case, Portuguese as a source language for English as the target language) and the need to insert phraseologies with their translations in those dictionaries. The theoretical assumptions are based on the so-called Metalexigraphy in interface it does with Phraseology and the Teaching of Foreign Language (EFL). Among its authors we can cite Lewis (1993); Coady; Huckin (1997); Xatara (1998); Ortiz Alvarez (2000; 2002); Moudraia (2001); Tagnin (2005); Leal Riol (2011). The article clarifies that the apprehension of the lexicon and its lexical combinations constitute a difficulty when it comes to the teaching and learning of foreign language fixed phrases and, it is justified therefore, the necessity to teach and to dictionary phraseologies of the Portuguese language.

Keywords: *Phraseology. Dictionary. Foreign language teaching.*

1 INTRODUÇÃO

Os enunciados populares estão presentes em todas as línguas, se adaptam às necessidades comunicativas do momento e servem para verbalizar emoções, necessidades, opiniões etc. As frases populares, chamadas de unidades fraseológicas ou expressões fixas, são expressões que exprimem mensagens do cotidiano de um povo e passam de geração para geração. Corroborando esse pensamento, Vilela (1997, p. 560) afirma que os provérbios, as expressões idiomáticas e as anedotas, marcadores típicos de uma língua e cultura falam de ambientes polissêmicos de criação e recriação cultural e fornecem informações valiosas para se conhecer a história e a cultura de um povo.

Os fraseologismos mostram o lado ativo da língua, que se adapta constantemente às necessidades comunicacionais do momento, e podem desaparecer ou surgir de um momento para o outro como é o caso da gíria. Os fraseologismos se caracterizam por sua representação metafórica que referem idiosincrasias ou traços culturais e costumes de um povo. Por sua natureza, os fraseologismos requerem instruções explícitas àqueles que são aprendizes estrangeiros e não conseguem apreender seus sentidos, pois, via de regra, não são entendidos composicionalmente. Segundo Fillmore (1979) o desconhecimento das fraseologias pode fazer de um aprendiz de língua estrangeira um falante ingênuo capaz de fazer apenas uma leitura composicional e não idiomática das estruturas linguísticas dessa língua.

Os fraseologismos podem se formar a partir da união de palavras que nomeiam animais, pássaros, peixes, cores, partes do corpo, objetos do cotidiano, em meio a um universo imagético comum. A profusão de imagens unidas a palavras-base dá origem às expressões localizadas em ambientes espaço-temporais vivenciados por seus falantes ao longo dos tempos. Os sentidos

dessas fraseologias são apreendidos, repetidos, perpetuados. Seus significados não se entregam facilmente ao estrangeiro tendo de ser traduzidos por outras imagens que, de alguma forma, reúnam os fragmentos do sentido almejado. Nesse processo vê-se a instrumentalidade do uso do dicionário (objeto desta pesquisa) e da pesquisa no campo da Lexicografia e da Fraseologia¹ para o estudo dos fenômenos fraseológicos presentes na cultura de cada língua. Seu estudo e ensino se faz necessário para evitar o surgimento de mal-entendidos, quando se trata de aprendizes estrangeiros, “pois algumas expressões e modos de falar metafóricos acabam entrando para o idioma padrão, fixando-se de tal forma que afinal são empregadas por todas as classes sociais” e precisam ser ensinadas e aprendidas (ORTIZ, 2000, p. 11).

Este artigo, portanto, resulta de uma pesquisa da fraseologia que tem por base um zoônimo em sua composição (por exemplo, ficar uma *barata* tonta; *bode* expiatório, ser *boi* de *piranha* etc.) e que descreve esses fenômenos fraseológicos coletados em dicionários monolíngues e bilíngues (direção português-inglês) que tomam emprestado da Zoologia os nomes de animais e deles se utilizam para formar as expressões zoonímicas, as quais chamamos de unidades fraseológicas com zoônimos (doravante UFZ). Essas UFZ abrigam provérbios, expressões idiomáticas, refrões, expressões convencionais, entre outras, e são “parte integrante e rica de todas as línguas, e representam um dos elementos mais pitorescos dela” (ORTIZ, 2000, p. 13), sendo presença constante em diálogos informais.

A pesquisa se fundamenta nos princípios teóricos da Metalexigrafia na interface que faz com a Fraseologia e investiga o tratamento que é dado a unidades fraseológicas com zoônimos no âmbito dos dicionários. Intenciona-se oferecer meios que sirvam para a melhoria dos materiais de referência bilíngues no sentido de se atender à função de produção, preferencialmente, buscando-se a especificidade para melhor eficiência. Argumenta-se que:

Faz muito tempo que professores e outros profissionais da educação reclamam dos dicionários bilíngues. Percebem neles deficiências como informações enganosas, insuficiência ou falta de exemplos e a quase inexistência de combinações comuns da língua. A principal crítica, porém, é que esses dicionários não são confiáveis – especialmente para os estudantes que desejam se expressar em inglês com palavras novas ou que conhecem pouco (HARMER, 2009, p. vi).²

Muito embora críticas como essas acusem deficiências nos dicionários, Harmer (2009, p. vi) ressalta que os alunos apreciam os dicionários bilíngues e insistem em usá-los independentemente de suas falhas e das orientações dos professores. Vê-se que os dicionários precisam de novas abordagens que propiciem alternativas para suas especificidades e, ao mesmo tempo, que auxiliem os alunos a “entender o significado das palavras e, fundamentalmente, lhes permitam encontrar a unidade léxica certa para cada situação e empregá-la corretamente, com confiança” (HARMER, 2009, p. vi). Tagnin (2005, p. 11) observa a escassez de materiais de referência que estudem a convencionalidade na direção português-inglês, e afirma que “muito pouco se tem feito na área da convencionalidade no âmbito do Português”. Constata-se uma profusão de materiais de referência na direção inglês-português, mas não se encontram muitas alternativas para o ensino de língua estrangeira no sentido oposto.

¹ Neste texto a unidade léxica *Fraseologia*, grafada em maiúsculo, significa a ciência que estuda os fenômenos fraseológicos, e, *fraseologia*, grafada em minúsculo, o conjunto de expressões populares fixas de uma língua.

² Prefácio do dicionário Longman, 2ª ed., 2009.

O guia dos livros didáticos (BRASIL, 2011, p. 82) do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação orienta para que se proponham, de forma articulada, atividades em sala de aula que utilizem e favoreçam os acervos didáticos disponibilizados pela escola e, entre eles, o uso do dicionário e o coloca como gênero discursivo significativo. O guia estimula seu uso para a exploração da diversidade e herança linguísticas (BRASIL, 2011, p. 116). As fraseologias, e dentre elas as unidades fraseológicas com zoônimos, fazem parte da herança linguística de cada povo e apresentam traços de composicionalidade que, via de regra, não seguem padrões definidos, sendo geralmente herdadas e passadas (de forma oral ou escrita) de geração para geração.

Tome-se como exemplo, a expressão *picar a mula*, encontrada na pesquisa feita por Budny (2015) e que figura em apenas um dos sete dicionários bilíngues pesquisados. O monolíngue Houaiss informa que significa “ir embora apressadamente” e para o monolíngue UNESP é “fugir, ir embora depressa”. Magalhães Junior (1974, p. 251) explica que *picar a mula* é “quando alguém anuncia que chegou a hora de partir e está fazendo suas despedidas”. A significação vem de calçar a espora no cavalo e fazê-lo apressar o passo, generalizando-se o uso até para os que nunca montaram em um cavalo. Pimenta (2006, p. 184) diz que significa “ir embora, picar (ferir) a mula (com a espora) para que ela ande, levando quem a monta”. O dicionário bilíngue Michaelis registra a UFz com a equivalência *to flee, go away*. Já a sugestão desta pesquisadora é a equivalência *to hit the road* como na frase “*It’s getting kind of late, so I think I’m going to hit the road*”.

Como se pode observar, o dicionário em sala de aula constitui um material didático proveitoso que pode dialogar com os livros didáticos disponíveis na biblioteca da escola. Trata-se de um tipo particular de livro que precisa ser (re)conhecido em suas estruturas internas características e assimilado como gênero diferenciado que beneficia tanto o aluno proficiente quanto aquele que está nos estágios fundamentais da vida escolar e “junto com o professor, os alunos poderão conhecer diferentes tipos de dicionários, iniciando-se no mundo do vocabulário, do léxico e da lexicografia. [...] e poderão manifestar seus interesses e desinteresses, suas preferências pessoais, suas demandas e possibilidades [...]” (RANGEL; BAGNO, 2006, p. 55).

Os benefícios da utilização do dicionário para o ensino de língua estrangeira são enfatizados (cf. BENSOUSSAN; SIM; WEISS, 1984; LAUFER, 1990; CONCEIÇÃO, 2008) e o conhecimento de unidades léxicas nele inseridas pode trazer ganhos para a aprendizagem e retenção de vocabulário.

2 A APRENDIZAGEM DAS FRASEOLOGIAS NO ÂMBITO DO LÉXICO

Uma pesquisa realizada por Arnaud (1992) e mencionada por Coady e Huckin (1997, p. 160) constatou que um estudante universitário francês era capaz de reconhecer cerca de 284 provérbios, embora se saiba que tal conhecimento é como uma gota no oceano fraseológico, a se considerar a complexidade das unidades fraseológicas no léxico mental do falante nativo. Nesse sentido, dominar as unidades lexicais de uma língua estrangeira é uma das necessidades de pesquisadores, alunos, professores e usuários da língua em geral. O progresso alcançado no campo dos materiais lexicográficos se deve aos avanços tecnológicos a serviço da Linguística de Corpus e suas implicações para o ensino de vocabulário de uma língua estrangeira.

Especialistas como Lewis (1993), Moudraia (2001), Coady e Huckin (1997) têm enfatizado que, na aprendizagem da língua estrangeira, o ensino do léxico deve-se centrar na verdadeira ocorrência diária, nas expressões coloquiais, idiomáticas e nas chamadas colocações e combinações.

Para obter a competência fraseológica, por exemplo, é preciso dispor de instrumentos pedagógicos que possam auxiliar seu ensino e aquisição, com procedimentos sistematizáveis das unidades fraseológicas que podem ser incrementados por meio das pesquisas e descrições na área.

Michael Lewis (1993), o criador do método da abordagem lexical para o ensino de língua estrangeira, propõe o entendimento integral dos fenômenos de percepção e aprendizagem de língua, ou seja, uma abordagem mais holística. O autor sugere atitudes diferenciadas para com o texto e atenção especial para as fraseologias dentro das línguas criticando o que chamou de modelos estruturais de aprendizagem em que primeiro se dominava as estruturas gramaticais para, em seguida, aprender como “preencher os espaços em branco” em sentenças estruturalmente corretas, expandindo o vocabulário e simplesmente inserindo novas palavras nos compartimentos das sentenças (LEWIS, 1993, p. 3).³

A abordagem defendida por Lewis (1993) se fundamenta na crença de que uma parte importante da aquisição da língua se baseia na habilidade de “compreender e produzir” combinações lexicais como um “todo”, como blocos de palavras recorrentes (fraseologias que o aprendiz identifica) e assume que se trata de ensinar expressões relativamente fixas. Lewis (1993, p. 34-35) cita alguns princípios para o papel do léxico na aprendizagem de línguas estrangeiras. Segundo eles:

- O léxico é a base da língua;
- O léxico é mal interpretado no ensino por se acreditar que a gramática é a base da língua e o sistema gramatical um pré-requisito para a comunicação eficaz;
- O princípio vital da abordagem lexical é que “a língua consiste em léxico gramaticalizado e não gramática lexicalizada”;
- Um dos princípios organizadores centrais de qualquer currículo centrado no significado deve ser o léxico.

Por sua vez, Moudraia (2001) conceitua o que entende por vocabulário e por léxico diferenciando um do outro em relação à língua:

O vocabulário normalmente é entendido como estoque de palavras individuais com significados fixos e o léxico como aquele que inclui não só as lexias simples, mas também as lexias complexas que estocamos em nosso léxico mental. [...] a língua se constitui de blocos significativos que, quando combinados, produzem um texto contínuo e coerente, e que somente uma minoria de sentenças faladas são criações inteiramente novas (MOUDRAIA, 2001, p. 1, tradução nossa).⁴

Como se vê, há um crescente interesse pelo estudo do léxico, mais marcadamente, pelos blocos significativos de unidades léxicas e suas implicações para o ensino de línguas. A importância dada ao estudo das unidades fraseológicas por vários estudiosos (TAGNIN, 1989, 1999; 2005; XATARA, 1998; ORTIZ ALVAREZ, 2000 e outros) intensifica o interesse de conhecer melhor os fraseologismos, dicionarizá-los e aplicá-los no ensino de língua estrangeira.

³ Language teaching was based on the assumption that students first needed to master particular sentences frames – structures. The assumption was that once they had mastered these, they could subsequently learn how to ‘fill the gaps’ in structurally correct sentences, by expanding their vocabulary and simply inserting new words into slots within the sentences.

⁴ “The lexical approach makes a distinction between vocabulary traditionally understood as a stock of individual words with fixed meanings – and lexis, which includes not only the single words but also the word combinations that we store in our mental lexicons. [...] language consists of meaningful chunks that, when combined, produce continuous coherent text, and only a minority of spoken sentences are entirely novel creations” (MOUDRAIA, 2001, p. 1)

Entre os princípios já citados acima, Lewis (1993, p. 34-35) também destaca que (i) para o ensino de língua, o (co)texto é mais importante que a situação; (ii) os padrões lexicais podem ser mais potencialmente criadores do que os modelos estruturais; (iii) a língua é inerentemente centrada no aqui-e-agora do usuário.

Dos pressupostos assumidos pelo autor, decorre que o êxito do ensino se fundamenta no vocabulário. A partir dessa visão metodológica, Lewis sugere que o léxico pode contribuir para o desenho do currículo, envolvendo metodologia e atitudes para com o vocabulário e encoraja os aprendizes, sejam eles crianças ou executivos experientes, a trabalhar com atividades linguísticas que encerrem significados reais de comunicação.

Inseridas e frequentes nas comunidades discursivas as unidades fraseológicas, com seus significados idiomáticos, dificultam a compreensão dos aprendizes, e necessitam ter seus significados ensinados nos contextos variados em que ocorrem.

Para Zimmerman (1997, p. 17), o trabalho não só de Lewis (1993), mas também de Sinclair (1991), Nattinger e DeCarrico (1992) representam uma mudança teórica e pedagógica significativa e justifica sua posição, em primeiro lugar pelo fato de os autores citados reviverem o interesse pelo papel central dado à descrição exata da língua e em segundo lugar por eles desafiarem a visão tradicional dos limites das palavras, enfatizando a necessidade do aprendiz de constatar e usar modelos de unidades lexicais maiores. Zimmerman considera o fato de a língua não ser um processo governado por regras sintáticas, mas a recuperação de unidades fraseológicas maiores da memória, o que muda o foco depositado na sintaxe para o conhecimento internalizado do aprendiz.

3 O ENSINO DAS FRASEOLOGIAS NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Um dos obstáculos da didática do ensino de línguas estrangeiras é a aprendizagem das unidades fraseológicas e o reconhecimento dos contextos de interação em que se podem utilizá-las. Diversos autores (LEAL RIOL, 2011, p. 41; SKULTETY, 1980, p. 289) atestam a dificuldade com seu ensino e tradução. Skultety (1980, p. 289 apud LEAL RIOL, 2011, p. 41) fala sobre os problemas que permeiam as unidades fraseológicas e, entre eles destaca “sua delimitação, sua definição, sua diversidade terminológica, as relações semânticas existentes entre estas unidades e o problema dos falsos amigos em sua tradução”.⁵

Partilhamos com Leal Riol (2011, p. 41) o pensamento de que um aprendiz de LE precisa se esforçar para incorporar certas UFz em sua competência linguística. Expressões como as unidades fraseológicas do português, *é aí que a porca torce o rabo*, ou *quando as galinhas criarem dentes* ou, ainda, *estar com a pulga atrás da orelha* para um aprendiz de LE que precise dessas UFz para a produção de uma versão para o inglês, podem se constituir realmente um “bicho-de-sete-cabeças”.

A idiomaticidade e a fixação são duas características, entre outras, que definem a unidade fraseológica, ou seja, no primeiro caso o significado da unidade não se obtém pelo significado dos seus constituintes e no segundo, a unidade fraseológica deve ser vista como um bloco significativo fixo de palavras. Tome-se como exemplo, a expressão idiomática *estar em palpos de aranha*, a partir do zoônimo aranha, que significa estar sem saída, sem saber ao certo o que fazer. Segundo o Houaiss é “estar em situação difícil”. Dos sete dicionários bilíngues, apenas

⁵ “Y destaca su delimitación, su definición, su diversidad terminológica, las relaciones semánticas existentes entre estas unidades y el problema de los falsos amigos en su traducción” (SKULTETY, 1980, p. 289 apud LEAL RIOL, 2011, p. 41).

o Michaelis registra equivalência para a expressão *estar em palpos de aranha*. Os demais nada apresentam das características metafóricas para a palavra *aranha*. O Michaelis registra a UFz em seu sentido figurado, entretanto, fornece uma equivalência formal: *to be in a very difficult position*. Esse exemplo demonstra que as unidades fraseológicas com zoônimos precisam ter seus sentidos pesquisados e dicionarizados.

Não é só o fato da idiomaticidade e fixação que dificultam a abordagem por parte do aluno e do professor, mas, também, “a carência de investigações que orientem o professor sobre as dificuldades de cada nível, e a carência de materiais específicos para que se possam apoiar suas explicações” (LEAL RIOL, 2011, p. 41)⁶

Com relação à falta de materiais, a pesquisa realizada comprovou que faltam dicionários satisfatórios nesse campo do conhecimento e isso leva à dificuldade de tradução das unidades fraseológicas, além do que, há, igualmente, a falta de uma metodologia para apresentação das UFz nos materiais de referência e apoio para o uso delas nos exercícios orais e escritos.

Do ponto de vista didático pode-se perguntar “Quando ensinar as UFz aos alunos? Quais unidades fraseológicas se deveria ensinar em cada nível de ensino?” Insiste-se que as UFz devem ser ensinadas assim que o aprendiz começa a aprender a LE e ter contato com a cultura da língua, pois isso lhe garante o enriquecimento de seu vocabulário e a aprendizagem de situações comunicativas possíveis (LEAL RIOL, 2011). Há nos aprendizes uma curiosidade e motivação natural pelas unidades fraseológicas. Compete ao professor ensinar as de maior opacidade e também aquelas que necessitam de esclarecimentos sobre a cultura, os ritos, as crenças religiosas ou supersticiosas.

Para o ensino das unidades fraseológicas em uma aula de LE pode-se escolher, para os níveis iniciais e intermediários, aquelas UFz que apresentem uma imagem clara por detrás de sua expressão, o que pode ajudar o aluno a encontrar em sua própria língua uma UF similar. Diante dos desafios para ensiná-las, apresenta-se, com base em Leal Riol (2011, p. 55) alguns exercícios que podem ser utilizados para a introdução das UFz aos alunos, com as seguintes atividades:

1. Oferecer ao aluno, para a definição de uma expressão fixa que apareça em um pequeno texto, um exercício em que as unidades fraseológicas estejam em uma coluna e seus significados correspondentes em outra.
2. Propor que o aluno busque em sua própria língua uma expressão fixa similar à que se está ensinando.
3. Escrever um texto em que se substituam as UF constantes nele por seus significados.
4. Escrever para a UF homônima seu sentido idiomático e seu sentido literal.
5. Dar uma atividade em que os alunos possam marcar alternativas correspondentes às expressões fixas no texto.
6. Escrever uma redação contendo as UF ensinadas pelo professor, procurando inseri-las em seu contexto de interação.
7. Buscar, a partir de uma UF dada, outras parecidas pertencentes ao mesmo campo semântico.
8. Levar o aluno a reconhecer UF sinônimas e antônimas em uma lista dada.
9. Completar UFz que tenham apenas parte de sua expressão apresentada.

⁶ “la carencia de investigaciones que orienten al profesor sobre las dificultades de cada nivel, y la carencia también de materiales específicos en los que apoyar sus explicaciones” (LEAL RIOL, 2011, p. 41).

Naturalmente, existem muitas possibilidades de apresentação das UFs em uma aula de LE, e seu ensino não pode ser ignorado, pois elas são usadas frequentemente nas conversas, nas canções e filmes, na publicidade e nos periódicos. Ainda se podem trabalhar outros aspectos da língua como os tempos verbais, léxico, estruturas sintáticas, cultura, história e literatura.

4 A INSTRUMENTALIDADE DO DICIONÁRIO PARA A APRENDIZAGEM DE LE

Um dicionário é certamente uma necessidade que o aluno de LE tem quando inicia a aprendizagem de um idioma, pois é uma ferramenta que pode ajudá-lo a aprender centenas de palavras novas, aperfeiçoar sua pronúncia e ajudar na gramática. Ainda que o professor seja indispensável no ensino de uma nova língua, ele poderá utilizar-se do dicionário para explicar os muitos aspectos inerentes a uma palavra nova, as várias definições e exemplos, seus contextos de uso e informações de registro (informal, jocoso, chulo etc.) que dão maior segurança ao aprendiz.

É comum quando se está estudando uma língua estrangeira sentir-se a necessidade de consultar um dicionário, ou para fazer as atividades propostas pelos manuais ou para entender o sentido de uma palavra em um determinado contexto. A pergunta que se coloca nessa fase é consultar um dicionário bilíngue ou monolíngue? A tendência natural do aprendiz é procurar um dicionário bilíngue, pois nele o aprendiz crê que vai encontrar as traduções de que precisa.

Alguns autores, como Szynalski (2013), preferem incentivar o uso do dicionário monolíngue, no caso inglês-inglês. O autor apresenta uma definição simples para o dicionário monolíngue, ou seja, um tipo de dicionário em que as palavras não são traduzidas, elas são definidas ou explicadas em inglês. Para ele, os dicionários monolíngues são melhores do que os bilíngues, pois são produtos mais avançados, e apresentam mais exemplos, com mais expressões idiomáticas e locuções verbais. Outro aspecto que o autor considera positivo nos monolíngues é que definições apresentadas em inglês favorecem a memorização de novas palavras.

Há, entretanto, diferenças nos dicionários monolíngues elaborados para o falante nativo e aqueles elaborados para o aprendiz. Geralmente, os elaborados para os falantes da língua vão apresentar palavras mais raras, eruditas, que nem sempre se deduzem pelo contexto e, por conseguinte, apresentam definições mais complexas.

Todos esses aspectos têm de ser levados em conta quando o usuário tiver de decidir por um dicionário, pois, em síntese, todos os dicionários têm seus pontos fortes e fracos, desde que se observem os propósitos para os quais eles foram desenhados.

5 CONCLUSÃO

Pretendeu-se neste artigo priorizar uma área de conhecimento que está em plena expansão de suas pesquisas: o benefício do dicionário para o ensino das fraseologias no contexto atual. O dicionário é material de referência de longa data e de utilidade para a aprendizagem de uma língua estrangeira em tempos de intensos intercâmbios culturais entre os povos. As fraseologias advindas do viver cotidiano são alvos das pesquisas atuais e resultam da valorização de cada cultura na troca de informações linguísticas e na memória coletiva. Há que se alimentar os dicionários com as novas e as “velhas” fraseologias e favorecer as várias funções que o aprendizado de uma língua estrangeira requer.

Não se pode esperar que a ferramenta “dicionário” vá dar respostas a todas as buscas de seus usuários, mas as fraseologias, aspectos relevantes da comunicação, precisam estar presentes nesses materiais de referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNAUD, P. J. L. La connaissance des proverbes français par les locuteurs natifs et leur sélection didactique. *Cahiers de Lexicologie*, v. 60, n. 1, p. 195-238, 1992.
- BENSOUSSAN, M.; SIM, D. L.; WEISS, R. The effect of dictionary usage on EFL test performance compared with student and teacher attitudes and expectations. *Reading in a Foreign Language*, v. 2, n. 2, p. 262-275, 1984.
- BRASIL. *Guia dos livros didáticos PNLD EJA*. Brasília: Ministério da Educação, 2011.
- BUDNY, R. *Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (Português-Ingês) e em livros didáticos do PNLD*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- COADY, J.; HUCKIN, T. *Second language vocabulary acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CONCEIÇÃO, M. P. O dicionário na aprendizagem de vocabulário em Língua Estrangeira/Ingês: dictionaries and vocabulary learning. *The ESpecialist*, v. 29, n. 1, p. 113-135, 2008.
- FILLMORE, C. J. Innocence: a second idealization for linguistics. *Berkeley Linguistic Society*, v. 5, 1979.
- HARMER, J. *Prefácio do dicionário Longman: dicionário escolar Ingês-Português/Português-Ingês para estudantes brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Longman, 2009.
- LAUFER, B. Ease and difficulty in vocabulary learning: some teaching implication. *Foreign Language Annals*, v. 23, n. 2, p. 147-155, 1990.
- LEAL RIOL, M. J. *La enseñanza de la fraseología en español como lengua extranjera: estudio comparativo dirigido a estudiantes anglófonos*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2011.
- LEWIS, M. *The lexical approach: the state of ELT and a way forward*. Hove, England: Language Teaching Publications, 1993.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- MOUDRAIA, O. Lexical approach to second language teaching. *Erik Digest*, EDO, p. 1-2, jun. 2001.
- NATTINGER, J. R.; DE CARRICO, J. S. *Lexical phrases and language teaching*. Oxford: OUP, 1992.
- ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Org.). *Tópicos em Português como língua estrangeira*. Brasília: UnB, 2002. p. 157-172.
- ORTIZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- PIMENTA, R. *A casa da mãe Joana: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RANGEL, E. de O.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: MEC: SEB, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/polleidicio.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2007.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SKULTETY, J. El papel de los modismos en la enseñanza del español. In: HORÁNY, E. (Ed.). CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE PROFESORES DE ESPAÑOL, 1980, Budapest. *Actas...* Budapest: Akadémiai Kiadó, 1980. p. 289-297.

PROVERBIALITÉ ET TRADUCTION: LA DICHOTOMIE FORME-SENS

PROVERBIALIDADE E TRADUÇÃO: A DICOTOMIA FORMA-SENTIDO

Christine Michaux*

RESUMÉ

Dans cet article, nous proposons une analyse du proverbe en tant qu'énoncé formellement fixe, et sémantiquement dépendant du texte dans lequel il est cité. Ces réflexions sont issues de notre pratique de la traduction des proverbes.

Mots clés: Proverbe. Traduction. Dichotomie forme-sens.

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar o provérbio como um enunciado formalmente fixo, mas semanticamente dependente do texto em que estiver inserido, evidências que se originaram de reflexões no exercício da tradução proverbial.

Palavras-chave: *Provérbio. Tradução. Dicotomia sentido-forma.*

1 INTRODUCTION

Dans des recherches antérieures Michaux (1999a, 1999b), je m'étais intéressée au statut des énoncés proverbiaux ainsi qu'aux mécanismes interprétatifs mis en œuvre au cours de leur décodage. J'avais alors émis deux hypothèses. La première était que le proverbe fonctionne comme ce que Dominicy (1990, 2011) appelle un « vrai nom », c'est-à-dire un signe linguistique qui présente à la fois une fixité formelle et une fixité cognitive. La seconde était que le proverbe participe à la

* Université de Mons (Belgique).

fois du nom et de la phrase et qu'en ce sens, il doit recevoir une description sémantique à quatre pôles (signe – référent – concept – forme logique), description que j'avais tenté de légitimer au travers de la notion de forme hypostasiée proposée par Coupez (1980).

L'idée que j'avais défendue à l'époque était qu'en tant que mécanisme interprétatif, la fixité cognitive de l'énoncé proverbial avait plus de poids que la fixité formelle. Autrement dit, que le contenu précédait la forme.

Dans cet article, je reviendrai sur cette question en investiguant les difficultés survenant dans le contexte de traductions d'énoncés proverbiaux. En effet, d'une part, depuis l'antiquité, avec les écrits de Cicéron, la relation entre la forme et le sens est au centre des réflexions traductologiques (GUIDÈRE, 2010; HATIM et MUNDAY, 2003). D'autre part, la restitution d'un proverbe en langue cible nécessite un jonglage parfois délicat entre le fond et la forme, ce qui signifie que le processus de traduction d'énoncés proverbiaux permet de tester les limites de la proverbialité d'un énoncé.

Par cohérence pour le suivi de cet article, je commencerai par revenir sur les concepts théoriques sur lesquels j'appuie ma définition du proverbe. J'enchaînerai ensuite avec des exemples de traductions avant de tirer les conclusions sur la notion de proverbialité.

2 ÉNONCÉ PROVERBIAL ET VRAI NOM

Je définis le proverbe à partir de la notion de « vrai nom », telle qu'elle a été proposée par Marc Dominicy dès 1990 dans le cadre de sa Théorie de l'évocation. Pour être un vrai nom, un signe linguistique doit présenter une double nécessité, une nécessité formelle et une nécessité cognitive, c'est-à-dire que le signe linguistique doit être formellement fixe et être associé à un concept non-occasionnel Dominicy (1990 : 24). En termes discursifs, cela signifie que l'énonciation d'un vrai nom suscite la convocation du prototype qui lui est associé et qui est stocké dans la mémoire à long terme. Ainsi, par exemple, le signe linguistique *canari* est un vrai nom dans la mesure où son énonciation va de pair avec la convocation d'un concept non-occasionnel {petit oiseau jaune}.

Le vrai nom s'oppose aux expressions linguistiques complexes non codées, qui ne répondent ni à la nécessité formelle d'être un signe fixe, ni à la nécessité cognitive d'être associées à un concept non-occasionnel. L'énonciation de telles expressions non codées provoque la construction d'une représentation mentale occasionnelle ; pour le dire autrement – et je cite Dominicy (1992 : 130) – de telles représentations fournissent « une “description” d'un objet épisodiquement représenté en mémoire à court terme ». Par exemple, l'expression *beau gros canari* n'est pas associée à un concept non-occasionnel qui permettrait la convocation d'une représentation préexistante ; elle provoque au contraire la construction d'une représentation mentale épisodique (/beau gros canari/), dont le contenu n'est rien de plus que la description qu'elle fournit.

3 ÉNONCÉ PROVERBIAL ET FIXITÉ FORMELLE

L'énoncé proverbial présente-t-il la fixité formelle du vrai nom ? A priori, c'est une réponse négative qui semble s'imposer. Les énoncés proverbiaux connaissent en effet de nombreuses variations (NORRICK, 1985). Cette conclusion doit cependant être relativisée, notamment à cause du niveau de complexité linguistique dont relève le proverbe. Le proverbe est une phrase, c'est-à-dire un composé de syntagmes et en tant que tel, il accepte, dans certaines limites, des variations qui sont propres à son niveau de complexité. Cela veut dire que pour autant que sa forme – et donc

son statut – reste reconnaissable, le proverbe autorise un vaste éventail de transformations. Il tolère, par exemple, les substitutions paradigmatiques illustrées dans les exemples *Qui roupille dîne* ou *Qui dort bouffe* que je reprends à Kleiber (1989 : 236), tous deux des manipulations de *Qui dort dîne*.

Notons que l'on retrouve le même phénomène au niveau des lexies simples. La fixité formelle du nom commun est tout aussi relative que celle du proverbe, à cette précision près que les variations possibles sont limitées par le niveau de complexité du signe linguistique. Dans le cas de la lexie simple, les variations possibles sont d'un rang relativement bas dans la hiérarchie linguistique. Mais cela n'empêche pas les lexies simples de supporter un certain nombre de variations orthographiques (*nénuphar* ou *nénufar*), phonologiques ([mœl] et [mol]), voire même morphologiques (*asiate* ou *asiatique*).

Si la fixité formelle fait partie de la définition du proverbe, comment alors peut-on rendre compte de la proverbialité de formes proverbiales non attestées ? Je défendrai l'idée que la création d'une forme proverbiale est contrainte par son objectif même. C'est-à-dire que le fonctionnement d'une forme proverbiale en discours repose sur la reconnaissance, par le récepteur, de la proverbialité de l'énoncé. En d'autres termes, le proverbe serait porteur, entre autres, d'une information de type procédural au sens de Sperber et Wilson (1995), c'est-à-dire une information qui guiderait l'interprétant dans le type de démarche interprétative qu'il doit adopter pour traiter pareils énoncés. Dans le cas du proverbe, cette information procédurale, autrement dit l'indice de proverbialité, consisterait en les traits les plus saillants de la structure prototypique d'un proverbe (rimes, absence d'article, etc.). Les types de transformations autorisés sont donc peu nombreux.

Je les rangerai sous trois catégories:

1) une forme proverbiale peut constituer la variation d'un proverbe attesté. Ainsi, le slogan publicitaire de Berlitz, *C'est en parlant qu'on apprend à parler*, est reconnu comme proverbe parce qu'il fait écho au proverbe attesté *C'est en forgeant qu'on devient forgeron*;

2) une forme proverbiale peut résulter du détournement d'un proverbe attesté. La forme *C'est en parlant qu'on devient forgeron* pourrait être énoncée dans un contexte où un apprenti forgeron apprendrait son métier en se concentrant plus sur le bavardage que sur l'art de forger;

3) une forme proverbiale peut être créée de toutes pièces. Les formes ainsi obtenues ne font pas référence à un proverbe connu, mais pour fonctionner elles doivent se construire sur ce que j'appellerai un « moule proverbial » au sens de Paulhan (1945 : 112). Ces formes nouvelles s'offrent comme des formes préexistantes en exhibant les traits caractéristiques d'un proverbe. Ainsi, l'exemple *Homme en retard, liaison dans le tiroir*¹, grâce à ses rimes et sa structure binaire est aisément identifiable comme forme à valeur proverbiale. On rejoint en ceci les affirmations de Mejri (2005: 165) : « Plus l'aspect formel (structure binaire, assonances, allitérations, rimes internes, inférences lexicales, etc.) est soigné, plus l'unité [linguistique] a de chance d'être figée. ».

Remarquons que les lexies simples ou complexes peuvent aussi connaître ce type de modifications, pour autant à nouveau que ces transformations soient compatibles avec leur rang dans la hiérarchie linguistique. Le nom *bourreaucrate* utilisé par la presse pour qualifier Maurice Papon à partir de *bureaucrate* est clairement un exemple de détournement.

¹ Source : Le Père Noël est une ordure, échange entre Balasko et Anémone.

4 ÉNONCÉ PROVERBIAL ET FIXITÉ COGNITIVE

Le proverbe présente-t-il la stabilité référentielle du vrai nom? Il semble que oui. Les proverbes ont un sens préconstruit qui nécessite un apprentissage. Une fois cet apprentissage accompli, ils sont associés à des représentations conceptuelles non-occasionnelles.

Dès lors qu'un locuteur connaît le proverbe *Qui dort dîne*, il dispose, associé à ce signe linguistique d'un concept {Qui dort dîne}. Si ce locuteur a fait l'expérience toutes les quatre heures des pleurs d'un nouveau-né affamé, il pourra à juste titre énoncer le proverbe *Qui dort dîne* s'il constate que le nourrisson dort paisiblement depuis plus de 5 heures. Ce faisant, il aura reconnu dans la situation qu'il vient de vivre, les relations logico-temporelles qui constituent le sens du proverbe. Autrement dit, il aura rangé la situation particulière dans la catégorie générale des situations qui satisfont le concept {Qui dort dîne}. Les concepts associés aux proverbes sont donc des concepts non-occasionnels, rassembleur d'occurrences, et valides non pour une seule entité extralinguistique spatio-temporellement déterminée, mais pour un ensemble de telles entités.

Notons que le contenu conceptuel associé au proverbe est plus complexe que celui d'un nom. En effet, si le sens des lexies simples ou complexes se conçoit aisément en termes de propriétés ou de traits distinctifs, le sens proverbial quant à lui présente sans doute une structuration plus proche d'un scénario schématique que d'une liste de propriétés. La structure conceptuelle associée à un proverbe doit donc être envisagée comme un ensemble complexe d'informations. Cette complexité n'empêche cependant pas une association avec une représentation mentale non-occasionnelle. En effet, on sait depuis les travaux en psychologie cognitive sur les scripts que les locuteurs disposent en mémoire à long terme de structures conceptuelles organisées par un réseau de relations causales et temporelles (SCHANK et ABELSON, 1977). Dans cet ordre d'idée, Dyer (1983) propose d'associer aux proverbes ce qu'il appelle des « schémas d'abstractions thématiques » (*Thematic Abstraction Units*, ci-après TAU). Ces représentations conceptuelles se présentent sous la forme de grilles dont les cases (*slots* dans la terminologie de Dyer) sont reliées entre elles par des relations logiques, causales et temporelles. Seule l'énonciation d'un proverbe en contexte est susceptible de remplir ces cases, qui autrement demeurent indéterminées. Ainsi la TAU du proverbe *Tel père, tel fils* pourra être rendue par « si x est a alors y , qui entretient une relation de filiation avec x , est a aussi ». Si ce proverbe est énoncé à propos d'un peintre excentrique, il sera interprété comme signifiant « A peintre excentrique, peinture excentrique », et ce au travers de la contextualisation de la TAU associée au proverbe.

La notion de TAU permet d'analyser le fonctionnement des manipulations de proverbes mentionnées antérieurement. Si on considère ces manipulations en se plaçant du point de vue de la TAU, on obtient trois cas de figures.

Soit il s'agit d'une forme proverbiale forgée de toutes pièces. Celle-ci est alors associée à une TAU inédite qui ne rappelle aucune TAU connue. L'énoncé *Wie zwart rijdt zal zich betalen blauw*² (Celui qui voyage au noir sera saigné à blanc) propose une TAU totalement nouvelle.

Soit il s'agit d'une transformation qui fait écho à un proverbe connu et il faut alors distinguer deux cas:

Soit la modification modifie le matériel lexical, mais respecte la TAU du proverbe source. Ainsi, malgré ses modifications de surface, la forme proverbiale *C'est en parlant qu'on apprend à parler* se trouvera associée à la même TAU que le proverbe canonique *C'est en forgeant qu'on*

² Slogan de la Société des Transports Anversoïis (mai 1996).

devient forgeron. En effet, la TAU « c'est en faisant *x* qu'on devient expert en *x* » est commune à la version canonique et à la forme inédite, qui sont donc synonymes. Dans ce cas, je parlerai alors de « variation ».

Soit la manipulation altère la TAU du proverbe source. La forme *Qui verra vivra*³, clairement tirée de *Qui vivra verra* remplace la TAU « Il faut vivre pour voir » par le schéma inverse « Il faut voir pour vivre ». Je parlerai dans ce cas de « détournement ».

5 LA FIXITÉ COGNITIVE ET LA FIXITÉ FORMELLE DU PROVERBE ONT-ELLES LE MÊME POIDS?

Des exemples bilingues semblent indiquer qu'il y a prépondérance de la fixité cognitive sur la fixité formelle. En effet, on peut facilement retrouver l'équivalent français d'un proverbe anglais par exemple, en prenant pour seul guide la TAU sous-jacente.

a) *don't put the horse before the cart* [Il ne faut pas mettre la charrue avant les bœufs];

b) *a bird in the hand is worth two in the bush* [Un tiens vaut mieux que deux tu l'auras];

c) *don't count your chickens before they are hatched* [Il ne faut pas vendre la peau de l'ours avant de l'avoir tué];

d) *the early bird catches the worm* [L'avenir appartient à ceux qui se lèvent tôt].

Pour l'exemple (a), la reconstruction semble presque triviale, tant les différences avec le français sont minimales, les chevaux devenant des bœufs et la charrette une charrue.

Par contre, pour les 3 autres énoncés, le travail interprétatif est plus complexe. L'interprétant doit calculer toutes les implications de l'analogie contenue dans la forme anglaise avant d'extraire le schéma logique sous-jacent. Pour pouvoir par exemple, rapprocher le proverbe anglais *The early bird catches the worm* de son équivalent français *L'avenir appartient à ceux qui se lèvent tôt*, l'interprétant devra résoudre un certain nombre d'équations. Il faudra tout d'abord qu'il donne un sens au rapport entre l'oiseau (*bird*) et le ver de terre (*worm*). En se basant sur ses connaissances encyclopédiques, il pourra conclure que la recherche de nourriture est une démarche essentielle pour la survie de l'oiseau. A ces données viendra s'ajouter l'idée qu'en chassant tôt le matin (*the early bird*), l'oiseau a toutes les chances de prendre de vitesse ses concurrents et d'assurer ainsi sa survie. L'interprétant obtiendra alors le schéma logique « Faire *x* tôt revient à s'assurer une bonne part de réussite », qui correspond à la TAU que le proverbe anglais partage avec son équivalent français *L'avenir appartient à ceux qui se lèvent tôt*.

6 ENONCÉ PROVERBIAL ET FORME HYPOSTASIÉE

A ce stade, on peut donc dire que le proverbe semble se conformer à la définition du vrai nom. Par contre, il ne semble pas que l'association à une TAU suffise à rendre compte du fonctionnement interprétatif des énoncés proverbiaux. Il existe en effet plusieurs arguments montrant que la seule définition en termes de concept est un outil trop pauvre pour rendre compte du fonctionnement de l'interprétation proverbiale (par opposition à sa production). J'en citerai deux:

1) Le proverbe ne présente pas l'opacité référentielle de la plupart des lexies. Un locuteur qui est confronté à un nom commun inconnu et dépourvu de toute structure morphologique ou

³ Slogan de la Sécurité Routière Belge (avril 1998).

morphosyntaxique, ne pourra décoder ce nom sans avoir fait l'apprentissage de son sens. Par contre un locuteur qui devra interpréter un proverbe inconnu pourra aboutir au sens moyennant un certain travail interprétatif. On peut envisager un recours à un calcul compositionnel du sens proverbial, qui peut être expliqué, comme précédemment, par le niveau phrastique dont relève le proverbe.

2) Deuxièmement, l'interprétation d'un proverbe ne passe pas nécessairement par la convocation d'un concept. Lorsqu'un locuteur est confronté à un énoncé proverbial qu'il ne connaît pas, il lui est souvent possible d'accéder à l'interprétation en ayant recours à un calcul compositionnel. Cette idée peut être illustrée par un proverbe nigérian, qui en traduction française, dit *Si un chien parvient à détacher un seul fruit d'une grappe de fruits de palmier, il n'a pas peur du porc-épic*. Pour comprendre ce proverbe, c'est-à-dire pour l'interpréter via un calcul compositionnel, il suffit de disposer des bonnes données encyclopédiques. En effet dès lors que l'on sait que le fruit du palmier se présente sous forme de grappes épineuses, l'énoncé prend tout son sens : « quelqu'un qui a été capable de résoudre un problème sera capable de résoudre un problème similaire ».

J'ajouterai pour terminer que le fait de passer par un calcul compositionnel ne constitue pas nécessairement un obstacle à l'identification du statut proverbial de l'énoncé. Le « décalage » métaphorique peut en effet constituer un indice procédural à lui seul, en obligeant l'interprétant à re-contextualiser ce qui lui est dit.

L'échange suivant illustre bien cet aspect des choses:

– « Dimanche, je suis invité à un cocktail. J'ai horreur de ça, je m'y sens toujours très mal à l'aise. »;

– « Si tu te rends chez les grenouilles, accroupis-toi. »⁴.

Le décalage métaphorique – l'absence de grenouilles dans les soirées mondaines – oblige le récepteur de l'énoncé à réinterpréter celui-ci. La position accroupie étant un trait prototypique des grenouilles, il comprend alors sans peine qu'il faut savoir s'adapter aux circonstances et se confondre avec les gens que l'on fréquente.

Pour intégrer ces données, je postulerais que le proverbe participe à la fois du nom et de la phrase, ce que Kleiber (1989 : 239) appelle « un signe-phrase [...], qui possède les vertus du signe sans perdre pour autant son caractère de phrase ». Pour légitimer cette double appartenance, je m'appuierai sur la notion d'hypostase que Coupez (1980 : 267) définit dans son *Abrégé de grammaire rwanda* comme « un processus de transposition d'une forme dans une catégorie autre que la sienne ». L'intérêt de la notion d'hypostase est que la transposition de catégorie peut s'accompagner de l'acquisition de morphèmes de la nouvelle catégorie. Ainsi, dans le corpus rwanda décrit par Coupez, la proposition syntaxique *dépecer les flancs* peut devenir un nom (*rhumatismes*) tout en acquérant certaines propriétés du niveau supérieur (dans ce cas des propriétés tonales et morphologiques).

Dominicy (1990) montre également au travers d'exemples que dans le processus d'hypostase, le renforcement de la fixité formelle et cognitive de la forme originelle s'accompagne d'une perte au niveau sémantique. En d'autres termes, selon Dominicy, si l'expression *aigle noir à tête blanche* venait à fonctionner comme un tout hypostasié, c'est-à-dire comme une lexie complexe, et donc le vrai nom d'une catégorie, elle n'exigerait plus que les occurrences susceptibles de porter ce nom aient les plumes noires et la tête blanche ; la lexie complexe pourrait également s'appliquer à des oiseaux dont les plumes ne sont pas franchement noires ou dont la tête est grise.

⁴ Proverbe nigérian.

Si l'on projette ces données sur le corpus proverbial, le proverbe-phrase serait associé à un concept, caractéristique des noms. Par ailleurs le proverbe-nom conserverait les propriétés du niveau inférieur – celui de la phrase – en acceptant notamment certaines modifications syntaxiques.

Grâce à la notion d'hypostase, il est également possible d'expliquer la possibilité des détournements de proverbes, qui combinent à la fois l'accès au concept du proverbe-source (niveau nominal) et la modification de la forme logique du proverbe-source (niveau phrastique).

7 PROVERBES ET TRADUCTION

Dans cette partie, il sera question de prendre la mesure des concepts qui viennent d'être explicités en s'appuyant sur des exemples de traductions d'énoncés proverbiaux. Pour ce faire, j'ai choisi d'explorer des corpus parallèles anglais-français, comme celui du Parlement européen et du Parlement canadien. Les exemples d'utilisation de proverbes en discours étant relativement peu nombreux, j'ai également parcouru *Linguee*, corpus basé sur des sites bilingues d'universités, d'organismes internationaux ou d'entreprises qui ont été traduits par des professionnels. Signalons que les exemples qui ont été retenus sont tous le reflet d'une utilisation « classique » des proverbes, c'est-à-dire un usage sans jeu de mots et par lequel l'auteur du message identifie une situation particulière comme étant une occurrence d'une catégorie de situations. Un certain nombre d'exemples intéressants ressort de cette analyse de corpus :

Exemple 1

*The directive in hand is immensely important as regards the competitiveness of the EU. It is pointless to deny that a veritable race is going on between the various continents in the area of electronic commerce. There is competition with regard to speed and innovation. From the point of view of unemployment within Europe, which remains high, we should remember that **it is the early bird that catches the worm**. New jobs will be created where the new technology is first introduced. We cannot watch from the wings while Europe consistently lags behind the United States and other global challengers.*

La directive que nous examinons actuellement joue un rôle essentiel du point de vue de la compétitivité de l'Union européenne. Inutile de prétendre qu'il n'y a pas de réelle course de vitesse entre les différents continents dans le domaine du commerce électronique. Il y a bel et bien compétition, tant en ce qui concerne la vitesse que l'innovation. Si l'on pense au chômage, qui reste élevé en Europe, il faut se rappeler que **l'avenir appartient à ceux qui se lèvent tôt**. Les nouveaux emplois se créent là où les nouvelles technologies sont adoptées en premier. Nous ne pouvons pas regarder en spectateurs indifférents l'Europe prendre sans cesse du retard sur les États-Unis et ses autres concurrents au niveau mondial.⁵

Cet exemple reflète sans aucun doute le cas le plus simple. Le proverbe anglais *The early bird catches the worm* est un vrai nom, qui présente à la fois une fixité formelle et une fixité cognitive. Il existe par ailleurs en français un énoncé proverbial qui est également un vrai nom et qui a la même TAU. Dans ce contexte, et en l'absence de toute référence à la forme de surface dans le co-texte – par exemple au travers d'un jeu de mots –, le choix du cognitif sur le formel semble s'imposer et le proverbe anglais est directement traduit par son équivalent proverbial français.

⁵ Source : Parlement européen ; débats du 3 mai 2000.

Exemple 2

*Parafrazând un vechi proverb care spune că **Dumnezeu îți dă, dar nu îți bagă și în sac** [...], putem spune că România se află acum în situația în care are acces la fondurile structurale puse la dispoziție de către Uniunea Europeană, dar nu beneficiază de ele din cauza dezinteresului manifestat de Executiv față de elaborarea și adoptarea Strategiei postaderare.*

Si l'on paraphrase un vieux proverbe qui dit que **Dieu te donne, mais il ne remplit pas le sac**, on peut dire que la Roumanie se trouve maintenant dans la situation où elle a accès aux fonds structurels offerts par l'Union européenne, mais elle n'en bénéficie pas à cause du manque d'intérêt manifesté par l'Exécutif envers l'élaboration et l'adoption de la Stratégie post-adhésion.⁶

Dans ce deuxième exemple, l'auteur du texte source utilise un proverbe attesté et largement partagé par la communauté roumaine. En français, il existe bien un proverbe attesté qui présente la même TAU : *Dieu ne nous a point bâti de ponts, mais il nous a donné des mains pour en faire*. Cependant, choisir ce proverbe pour la traduction présente deux inconvénients : d'une part, cette expression proverbiale n'est plus accessible à la grande majorité de la communauté linguistique actuelle, et d'autre part, sa forme longue, et sans rime ni assonance, en fait un énoncé difficilement identifiable comme proverbe. Il n'y aurait donc aucune plus-value à utiliser ce proverbe plutôt que la traduction littérale du proverbe roumain. Ceci est d'autant plus vrai que le proverbe est introduit par un indice procédural clair, puisqu'il est annoncé dans le texte que l'expression qui suit est proverbiale. Avec cet exemple, on voit que l'existence d'une forme partageant la même TAU en langue cible n'est pas un critère suffisant pour qu'une expression proverbiale fonctionne dans un discours traduit.

Exemple 3

*(a) Like the proverbial **canary in the coal mine**, many of our bird populations are showing signs of trouble.*

(a') Comme le canari qu'on gardait dans la mine de charbon pour signaler le danger, de nombreuses populations d'oiseaux commencent à manifester des signes inquiétants.

*(b) So if the situation in the Arctic is akin to **the canary in the global coal mine** for climate change, what are we doing to turn the situation around?*

(b') Si la situation dans l'Arctique est un avertissement aussi sérieux que l'était la mort du canari dans les mines de charbon, que faisons-nous pour corriger les choses en matière de changement climatique?

L'exemple du canari dans la mine de charbon est particulièrement intéressant. Il est tout d'abord un cas de déséquilibre entre la langue source et la langue cible. En effet, en anglais *canary in a/the coal mine* est un vrai nom, en ce sens qu'il présente une fixité formelle mais surtout une fixité cognitive. Il est présenté dans de nombreux textes comme étant *proverbial*, ce qui à défaut d'en faire un membre de la catégorie des proverbes, indique qu'il est supposé exprimer une vérité connue de tous. Par ailleurs, l'expression est répertoriée dans les dictionnaires comme étant idiomatique, ce qui atteste de cette fixité référentielle. En tant que vrai nom, il est associé à une forme conceptuelle dont la nature présente une certaine complexité qui pourrait être exprimée par une TAU du type « Si le phénomène x est constaté, alors il faut prendre ce phénomène x comme un signe avant-coureur d'une situation difficile ». En ce sens, cette expression présente les particularités référentielles du proverbe.

⁶ Monalisa Găleteanu, le Parti Socialiste Démocrate, Séance de la Chambre des Députés, le 17 avril 2007 ; cité par Milica (2013 : 65).

En français, par contre, il semble que *le canari dans la mine de charbon* ne soit pas idiomatique. Si l'on retrouve effectivement en discours des exemples de tels syntagmes (*le canari des mines de charbon*, *le canari dans une mine de charbon*), ces syntagmes ne paraissent cependant pas être associés à un concept non-occasionnel. On ne retrouve d'ailleurs aucune trace d'une telle expression dans les dictionnaires. Il s'ensuit donc que la compréhension du syntagme tel quel ne serait pas accessible au travers d'un sens préconstruit ; elle ne le serait que via des connaissances encyclopédiques sur l'usage qui était fait par les mineurs des canaris dans les mines de charbon. Cette absence de fixité cognitive se reflète au niveau traductif par l'emploi majoritaire⁷ par les traducteurs de périphrases explicatives comme celles reprises dans les exemples 3(a') et 3(b') ci-dessus.

L'exemple du *canari dans la mine de charbon* permet également d'illustrer la perte sémantique qui peut découler du processus d'hypostase tel que décrit antérieurement. En effet, on se rappellera que les mineurs descendaient dans les mines avec des canaris parce que ces derniers sont plus sensibles que les hommes aux gaz toxiques tels que le monoxyde de carbone, et que par conséquent, leur mort dans le fond de la mine indiquait aux mineurs un danger mortel imminent. Le canari était donc le signe d'une future situation difficile, dangereuse, voire même mortelle. Ce sens est toujours sous-jacent à de nombreux usages de l'expression en langue anglaise, dans des domaines extrêmement différents, comme en attestent les exemples 3(c) et 3(d) ci-dessous:

3(c) *The gold market is above all tiny in physical size. Annual mine output works out at an average of about 0.33 grams per person on a world basis, per year. It is **the classic canary in the coal mine**. Being small and ultra-opaque, the gold market is ultra-easy to manipulate. When this rigging gets ultra-extreme, the canary chokes.*⁸

3(d) *I came across a very long, very detailed and well written blog post from a Canadian [...] who contends amphibians are declining in large measure because of airborne toxins from our use of oil — and that, **like a canary in a coal mine**, they are warning humans to stop polluting.*⁹

Mais parmi les exemples d'utilisation de cette expression, on trouve également des occurrences qui indiquent clairement que la notion de danger finit par perdre de son importance, pour ne plus laisser place qu'à l'idée de premier signe indicatif d'une situation particulière, qui ne doit plus nécessairement être une situation aux connotations négatives.

3(e) *Reptiles, like birds, are indicator species (**canary in the coal mine**) for habitat stability.*¹⁰

3(f) *If the programme wipes out all the rats, the population of pipits should be the first to recover, says Martin. « They are the equivalent of a **canary in a coal mine**. It would be astonishing if they didn't come back to many times their existing numbers, » he says.*¹¹

⁷ Dans mes analyses de corpus, et sur Linguee en particulier, les quelques seuls exemples d'utilisation de l'expression syntagmatique sans périphrase explicative sont tous des traductions canadiennes (voir l'exemple ci-dessous). Peut-être s'agit-il là d'une influence de la langue anglaise sur le français du Québec.

First of all, persecution of religious minorities is the proverbial **canary in the coal mine**. When religious minorities are persecuted, it's almost always the case that in those same locations, women are persecuted, homosexuals are persecuted, and political minorities are persecuted as well.

Premièrement, la persécution des minorités religieuses est comme **le canari des mines de charbon**. Lorsque ces minorités sont persécutées, ce sont presque toujours les femmes qui sont les victimes, et les homosexuels, et les minorités politiques aussi.

Source: Hansard (House of Commons) Canada.

⁸ Source: The Market Oracle, <<http://www.marketoracle.co.uk/Article44145.html>>, [28 mai 2014]

⁹ Source: The Wordpress, Frog Matters, <<http://frogmatters.wordpress.com/2008/09/21/canary-in-the-coal-mine-are-frogs-warning-us-about-whats-in-our-air/>>, [28 mai 2014]

¹⁰ Source: unesco.ca

¹¹ Source: New Scientist

Dans les exemples 3(e) et 3(f), le sens de l'expression idiomatique se réduit à celui d'indicateur. Le canari est perçu cette fois en termes de variable, qui aurait uniquement pour objet de permettre d'apprécier un état ou une situation ; il n'est plus perçu comme le premier indice d'une situation négative. Dans ces deux cas, il serait impossible de garder dans la traduction française toute référence à l'image du texte source, puisque les connaissances encyclopédiques des locuteurs cibles, pour autant qu'elles soient disponibles, seraient incompatibles (exemple 3(e)) ou contradictoires (exemple 3(f)) avec le sens véhiculé par le paragraphe.

8 CONCLUSION

Les quelques exemples qui précèdent permettent la mise en avant d'un certain nombre de critères propres à la proverbialité.

Ainsi, il apparaît d'une part, que pour fonctionner en discours, une forme proverbiale ne peut pas uniquement se reposer sur son association à une représentation non-occasionnelle. Un proverbe qui serait attesté dans un dictionnaire, mais non accessible à la communauté linguistique, ne pourrait fonctionner qu'en comptant sur un indice procédural clair, indice qui pourra s'exprimer de diverses manières : par une forme de surface présentant les traits prototypiques des énoncés proverbiaux, par le décalage métaphorique ou par une périphrase indicative de l'appartenance de l'énoncé à une catégorie d'énoncés à valeur générale. D'autre part, il ressort des exemples ci-dessus que la notion d'hypostase joue également un rôle important dans le domaine de la proverbialité en associant forme et contenu au travers d'un processus d'abstraction sémantique.

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- COUPEZ, A. *Abrégé de grammaire rwanda*. Butare: INRS, 1980.
- DOMINICY, M. Prolégomènes à une théorie générale de l'évocation. Dans: VANHELLEPUTTE, M. (Éd.). *Sémantique textuelle et évocation*. Louvain: Peeters, 1990. p. 9-37. (Brussels Publications in Artistic and Literary Studies I).
- DOMINICY, M. Pour une théorie de l'énonciation poétique. Dans: DE MULDER, W. et al. (Éd.). *Énonciation et Parti-pris*. Amsterdam: Rodopi, 1992. p. 129-141.
- DOMINICY, M. *Poétique de l'évocation*. Paris: Classiques Garnier, 2011.
- DYER, M. G. *In-Depth Understanding: a computer model of integrated processing for narrative comprehension*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.
- GUIDÈRE, M. *Introduction à la traductologie: penser la traduction: hier, aujourd'hui, demain*. Bruxelles: De Boeck, 2010. (Collection Traducto).
- HATIM, B.; MUNDAY, J. *Translation: an advanced resource book*. London: Routledge Applied Linguistics, 2003.
- KLEIBER, G. Sur la définition du proverbe. *Recherches Germaniques*, n. 2, p. 233-252, 1989.
- MEJRI, S. Figement, néologie et renouvellement du lexique. *Linx*, n. 52, p. 163-174, 2005.
- MICHAUX, C. Proverbe et structures stéréotypées. *Langue Française*, n. 123, p. 85-104, 1999a.
- MICHAUX, C. Le proverbe: nom ou phrase? Actes du II Congreso Internacional de Paremiologia (Cordoue mai 1998), *Paremia*, n. 8, p. 339-344, 1999b.

- MILICA, I. Proverbes et anti-proverbes. *Philologica Jassyensia*, An IX, n.1 (17), p. 63-68, 2013.
- NORRICK, N. R. *How Proverbs mean: semantic studies in English proverbs*. Berlin: Mouton, 1985.
- PAULHAN, J. L'expérience du proverbe. Dans: *Œuvres Complètes*. Cercle du Livre Précieux. Paris: Gallimard, 1945. v. 2, p. 97-124.
- SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. *Scripts, plans, goals, and understanding: an inquiry into human knowledge structures*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1977.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance*. Communication and cognition. 2. Edition. Oxford: Blackwell, 1995.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

- 1 - As colaborações devem ser encaminhadas ao Conselho Editorial, em CD ou DVD e duas cópias impressas em papel tamanho A4, espaço duplo, digitadas em *Word for Windows*, versão recente, fonte *Times New Roman 12*, rodapés e notas bibliográficas em *Times New Roman 10*, máximo de 20 páginas para artigo e 6 páginas para resenha.
- 2 - Na primeira página, deverão constar o título do trabalho em letras maiúsculas e o nome do autor com letras maiúsculas somente nas iniciais. No rodapé, deverá ser indicada a qualificação do autor e, se for o caso, sua condição de bolsista do CNPq ou da CAPES.
- 3 - Após o título seguem-se, em itálico, resumos em português e em inglês (*abstract*), cada um contendo no máximo 150 palavras, sem parágrafo, seguidos de três palavras-chave (*keywords*), em cada língua.
- 4 - Na formatação do texto, deve-se observar:
 - o uso de itálico para palavras estrangeiras, neologismos, citações, títulos de obras e publicações, com apenas a primeira letra do título em caixa alta;
 - as notas de rodapé devem ser inseridas como tais e não no final do artigo. Os respectivos números de referência - sempre em ordem numérica crescente - devem ser subscritos no texto, sem parênteses, imediatamente após a passagem a que se referem;
 - Evitar utilizar notas de rodapés para referências bibliográficas.
- 5 - As indicações bibliográficas no corpo do texto deverão resumir-se à indicação do último sobrenome do autor seguido do ano de publicação da obra. No caso de mais de uma publicação de um autor, com a mesma data, acrescentar a esta a sequência alfabética. Ex: (Coutinho, 1998a; Coutinho, 1998b, etc.)
- 6 - As referências bibliográficas, no final do texto, deverão observar as normas da ABNT (versão mais recente).

Obs: só devem ser inseridas nas referências bibliográficas as obras efetivamente citadas no corpo do texto.
- 7 - Todos os quadros, tabelas, ilustrações (figuras) deverão ser digitadas em *Word for Windows* ou em outros programas compatíveis com o *Word*; identificadas com numeração, título ou legenda e referidas no texto pela numeração. Ex: (Tabela 1, Quadro 1, Fig. 1, etc.). Imagens e desenhos se escaneados, favor digitalizar em no mínimo 250 dpi. Fotos e imagens em geral (cameras digital ou capturadas da Internet, só com resolução acima de 2 Megas ou 1400 pixels respectivamente) para preservar a resolução e qualidade. As imagens serão publicadas em preto e branco. Não serão publicadas aquelas que vierem em cópia xerox.
- 8 - Os exemplos devem ser apresentados em espaço simples, numerados progressivamente em algarismos arábicos.
- 9 - As resenhas deverão trazer a indicação bibliográfica, o nome, a qualificação e a instituição a que pertence seu autor.

Obs: NÃO SERÃO ACEITAS COLABORAÇÕES DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Versão online pela
Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932- Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP.: 60020-181- Fortaleza - Ceará
imprensa.ufc@pradm.ufc.br

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Av. da Universidade, 2683 - Campus do Benfica
CEP: 60020-181 - Fone: (85) 3366.7625 / 7611 / 7617
Fortaleza - Ceará - Brasil

